UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

MARIA MARIANA FERREIRA GONÇALVES

ACESSO À REPRESENTATIVIDADE: TENSÕES ENTRE A LITERATURA, O FEMINISMO E O LIVRO DIDÁTICO.

CRATO/CEARÁ
2021

MARIA MARIANA FERREIRA GONÇALVES

ACESSO À REPRESENTATIVIDADE: TENSÕES ENTRE A LITERATURA, O FEMINISMO E O LIVRO DIDÁTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de concentração: Práticas Educativas, Culturas e Diversidades, Sublinha: Gênero, sexualidades e diferenças nos processos educativos.

Orientadora: Prof.ª Dra. Iara Maria de Araújo

CRATO CEARÁ
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

GONÇALVES, Maria Mariana Ferreira Gonçalves.
Acesso à Representatividade: tensões entre a Literatura, o Feminismo e o Livro Didático. / Maria Mariana Ferreira Gonçalves - 2021.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Regional do Cariri, Centro de Educação, Crato-CE, 2021.

Orientação: Profª. Drª Iara Maria de Araújo

1. Livro Didático. 2. Escrita Feminina. 3. Feminismo.

MARIA MARIANA FERREIRA GONÇALVES

ACESSO À REPRESENTATIVIDADE: TENSÕES ENTRE A LITERATURA, O FEMINISMO E O LIVRO DIDÁTICO

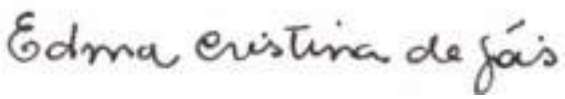
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação. Área de concentração: Práticas Educativas, Culturas e Diversidades, Sublinha: Gênero, sexualidades e diferenças nos processos educativos.

Aprovada em 16 de dezembro de 2021

BANCA EXAMINADORA

Profª.Dra. Iara Maria de Araújo (Orientadora)

Universidade Regional do Cariri (URCA)



Profª. Dra. Edma Cristina Alencar de Góis

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Profª. Dra. Antônia Eudivânia de Oliveira Silva

Universidade Regional do Cariri (URCA)

Profª. Dra. Francione Charapa Alves

Universidade Federal do Cariri/UFCA)

À todas as mulheres que foram silenciadas, àquelas que lutaram para que fossem ouvidas e às que até hoje não cessam e continuam gritando a plenos pulmões.

À minha pequena grande mulher em formação, Olívia.

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa “compensar de maneira equivalente”, e muito embora não consiga retribuir a altura, o apoio, a cumplicidade e a parceria das pessoas que me permitiram chegar até aqui, isso é o mínimo que posso fazer. Portanto, agradeço:

A Deus, por não soltar minha mão em nenhum momento e me permitir ter fé mesmo nos momentos de maior adversidade.

À minha filha, Olívia, que mesmo não compreendendo muito suportou as ausências e perdoou por todas as vezes que “a mamãe precisou trabalhar no computador.”

A meu companheiro de vida Alexandre, por suportar os meus desabafos diários, por estar do meu lado em todos os momentos, por me mostrar, sempre, que seria capaz e por me fazer perceber que agradecer é sempre melhor do que reclamar.

À minha família: minha mãe pelo suporte nas horas difíceis, por me ajudar no cuidado com a minha filha, meu pai pelo seu orgulho, incondicional, das minhas conquistas que me fazem desejar ir além, minhas irmãs, por à maneira delas, me ajudarem sempre que possível.

À minha orientadora, a professora Dra. Iara Maria de Araújo, por sua orientação precisa, competente, rigorosa e intelectual, mas também pela sua humanidade e sensibilidade de compreender as adversidades que cercaram a vida de uma mestranda, mãe e dona de casa em um contexto de pandemia. Tenho nela uma grande referência de profissional para minha vida.

Às professoras Edma Cristina, Antônia Eudivânia e Francione, membros da banca examinadora, pela disponibilidade e valiosa contribuição oferecida à construção deste trabalho.

Ao grupo de estudos LEGRAR que me proporcionou leituras e estudos essenciais para a minha pesquisa.

Aos amigos que o mestrado me presenteou, Isaac, Erika e Rafa, por compartilharem suas vidas, angústias e dificuldades, me permitindo perceber que não estava sozinha, tornando a jornada mais leve. Porém em especial a Rafa, que todos os dias, desse último semestre, trocou angústias comigo, me encorajou, ajudou, aconselhou e me manteve firme para continuar.

À Noemita, minha chefe e amiga, que, nos últimos meses, deixou a sua função de chefia, sendo somente minha amiga para me possibilitar concluir este trabalho.

Às minhas amigas Bruna, Dalva, Íris e ao meu amigo Alex pelo companheirismo de sempre.

Ao meu amigo Osvaldo, que no início de tudo, me apresentou ao programa de mestrado e mesmo com a primeira reprovação me encorajou a continuar tentando.

Gratidão a todas e todos!

De fato eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher.

Virgínia Woolf

Uma mulher que escreve tem poder, e uma mulher com poder é temida.

Gloria Anzaldua

RESUMO

Esta pesquisa surgiu de uma inquietação enquanto professora da rede pública de ensino ao observar a persistência de determinadas discriminações com relação a personagens, e sobretudo, à escrita feminina nos livros didáticos de Língua Portuguesa. A história da literatura é marcada pelo silêncio de mulheres e mesmo nos dias atuais, as mulheres ainda são minoria publicada, o cânone ainda é majoritariamente masculino, e tudo isso acaba se refletindo nas escolas, no ensino e nos livros didáticos. Desse modo, o objetivo principal deste estudo é analisar a relevância da representatividade feminina nos livros didáticos de Língua Portuguesa, do terceiro ano do ensino médio. Assim, utilizou-se como metodologia uma abordagem qualitativa e trata-se de uma pesquisa documental. Como *corpus* foram utilizados livros escolhidos pelos professores de uma escola de ensino regular, uma de ensino profissionalizante e outra de ensino integral da cidade de Juazeiro do Norte - CE. A incursão metodológica se constituiu em duas etapas: a pré-análise e a análise propriamente dita; na pré-análise, como principais pontos, foram observados, o contexto de publicação, a autenticidade e a confiabilidade, a estruturação, e a autoria das obras didáticas; na análise, a voz e a escrita feminina e um recorte com as implicações étnico-raciais. Os dados analisados revelaram que a produção feminina permanece sendo invisibilizada pelos livros didáticos, que continuam atuando como agentes de difusão de um cânone literário brasileiro eurocêntrico e patriarcal. Em contrapartida foi apresentado um produto educacional — as trilhas de aprendizagem — que pretende trazer a presença da literatura feminina para a sala de aula, além de auxiliar no combate à invisibilidade da escrita feminina na literatura e colaborar para que suas obras sejam lidas e reconhecidas.

Palavras-chave: Livro Didático. Escrita Feminina. Feminismo.

ABSTRACT

This paper surges of a disquiet public teacher, observant of the persistent discrimination against certain characters and, above all, against the female writing in Portuguese language textbooks. Historically the literature is marked by silenced women, with the canon of a male majority still persevering nowadays and which affects schools, teaching and textbooks. Based on a qualitative approach, this documental research aims to analyze the women's emblematic relevance to the Portuguese language textbooks in the third year of high school. The Corpus basis on books selected by teachers of a regular school, one professional school and an institution of integral teaching in Juazeiro do Norte-CE, Brazil. The methodological incursion was in two stages: pre-analysis and analysis. Pre-analysis considered the publication context, authenticity, reliability, structuring, the authorship of didactic works and other relevant aspects. In the analysis was seen the female writing and voice plus an ethnic-racial cut-off and its implications. Data revealed that female production remains invisible in didactic books; it continues as a diffusion agent of a Eurocentric Brazilian patriarchal literary canon. The Learning Trails project presented in alternative brings the women's presence to the classroom and fights their invisibility off in the literature and so collaborating to their works to get read and recognized.

Keywords: Didactic book. Female writing. Feminism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Capa do livro Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso. (1. ed.) (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016) **24**

Imagem 2: Capa do livro - Livro *Se Liga na Língua* (1 ed.) (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016) **25**

Imagem 3: Livro *Novas Palavras* (3 ed.) (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016) **25**

Imagem 4: Folha de rosto do livro Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso (CEREJA; DAMIEN; DIAS VIANA, 2016, 1 ed.) **79**

Imagem 5: Folha de rosto do livro Se Liga na Língua (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, 1 ed.) **80**

Imagem 6: Folha de rosto do livro Novas Palavras (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.) **81**

Imagem 7: Verso da folha de rosto do livro *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (CEREJA; DAMIEN; DIAS VIANA, 2016, 1 ed.) **82**

Imagem 8: Verso da folha de rosto do livro *Se Liga na Língua* (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, 1 ed.) **83**

Imagem 9: Folha de rosto do livro *Novas Palavras* (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.) **84**

Imagem 10: Página de apresentação do capítulo 3, da unidade 4 do livro *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (CEREJA; DAMIEN; DIAS VIANA, 2016, 1 ed.) **99**

Imagem 11: Página de apresentação do capítulo 8, seção de literatura, do livro *Novas Palavras* (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.) **100**

Imagem12: Página de apresentação do Capítulo 8, da seção de literatura, do livro Se Liga na Língua (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, 1 ed.) **101**

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Capas dos livros selecionados para o PNLD 2018 (parte 1) **62**

Quadro 2: Capas dos livros selecionados para o PNLD 2018 (parte 2) **63**

Quadro 3: Parte do sumário de *Português Contemporâneo: Linguagem, Interação e Uso* (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, 1 ed.) **73**

Quadro 4: Parte do sumário Novas Palavras (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.) **74**

Quadro 5: Parte do sumário de *Novas Palavras* (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.) **75**

Quadro 6: Autoras apresentadas na seção de literatura do livro PC **94**

Quadro 7: Autoras apresentadas na seção de literatura do livro SLL **95**

Quadro 8: Autoras apresentadas na seção de literatura do livro NP (Parte 1) **96**

Quadro 9: Autoras apresentadas na seção de literatura do livro NP (Parte 2) **96**

Tabela 1: Quadro comparativo sobre a produção e distribuição das coleções didáticas PC, SLL e NP no PNLD 2018 **72**

Tabela 2: Escritoras de textos literários contempladas pelos livros didáticos - PC, NP e SLL **93**

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gênero das obras - Livro PC **86**

Gráfico 2: Gênero das obras - Livro NP **87**

Gráfico 3: Gênero das obras - livro SLL **88**

Gráfico 4: Comparativo do gênero dos autores das obras literárias e não literárias nos três livros **89**

Gráfico 5: Gênero dos textos literários - Livro PC **90**

Gráfico 6: Gênero dos textos literários - Livro NP **90**

Gráfico 7: Gênero dos textos literários - Livro SLL **91**

Gráfico 8: Comparativo do gênero dos autores dos textos literárias nos três livros **92**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
COLTED	Conselho Do Livro Técnico E Do Livro Didático
EAD	Ensino à Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FFLCH USP	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de São Paulo
FENAME	Fundação Nacional do Material Escolar
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IELUNICAMP	Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
INL	Instituto Nacional do Livro
LDB	Lei De De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NV	Novas Palavras
OMS	Organização Mundial de Saúde
PC	Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNLD	Programa Nacional do Livro e Material Didático
PNLD EJA	Programa Nacional do Livro Didático para a Educação De Jovens e Adultos
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SEB	Secretaria da Educação Básica
SLL	Se Liga na Língua
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **16**
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS **22**
3 O CÂNONE LITERÁRIO E A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA **27**
3.1 O cânone literário **27**
3.2 Literatura feminina, literatura marginal **30**
3.3 A escrita de autoria feminina: exclusão, invisibilidade e resistência **34**
4 A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA E RELAÇÕES DE GÊNERO **40**
4.1 a importância da crítica literária feminista para a história da literatura e das mulheres escritoras **40**
4.2 O encontro entre gênero e a construção social do ser mulher **44**
4.3 A relação entre o pertencimento de gênero e a afirmação étnico-racial **49**
5 DIRECIONANDO O OLHAR PARA O LIVRO DIDÁTICO **53**
5.1 As diferentes leituras do livro didático ao longo da história **53**
5.2 O Programa Nacional do Livro Didático e o Guia PNLD de 2018 **59**
5.3 Livro didático, literatura e escrita feminina **64**
6 A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: *PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO, REFLEXÃO E USO*, *SE LIGA NA LÍNGUA* E *NOVAS PALAVRAS* **69**
6.1 O contexto do ano de publicação **69**
6.2 A autenticidade e a confiabilidade das obras **70**
6.3 Os livros didáticos em foco **70**
6.4 A autoria das obras **76**
6.5 As obras de autoria feminina nos livro didáticos **85**
6.5.1 A voz feminina nos livros didáticos **86**
6.5.2 A escrita feminina nas obras didáticas **89**
6.5.3 A voz e a escrita feminina negra nos livros didáticos **97**
7 PRODUTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO **103**
7.1 As trilhas de aprendizagem **105**
7.2 As autoras escolhidas **107**

7.2.1 ***Gilka Machado***

7.2.2 ***Patrícia Galvão (Pagu)***

7.2.3 ***Carolina Maria de Jesus*** **110**

7.2.4 ***Hilda Hilst*** **111**

7.2.5 ***Conceição Evaristo*** **112**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **114**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **117**

APÊNDICE A - Planilha da Coleta de Dados do livro *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (1. ed.) (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016) **123**

APÊNDICE B - Planilha da Coleta de Dados do livro *Novas Palavras* (3 ed.) (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016) **137**

APÊNDICE C - Planilha da Coleta de Dados do livro *Se liga na língua* (1 ed.) (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016) **151**

1 INTRODUÇÃO

> É como mulher, escritora, cidadã brasileira que hoje, com a ajuda de Deus, dos brasileiros amantes das causas nobres, dos membros desta Casa, que libertos de preconceitos confiaram na minha condição feminina e, assumo, comovida, a presidência da Academia Brasileira de Letras. (PIÑON, 1996)

O trecho acima, faz parte do discurso de Nélida Piñon ao se tornar a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras. Em sua alocução de posse ela menciona o rompimento de preconceitos machistas, porém muitas lutas se efetivaram para que Piñon pudesse proferir essas palavras ocupando esse cargo e muitas ainda estão sendo efetivadas para que a mulher possa constituir sua voz.

Desde a conquista do direito ao voto, que no Brasil foi liderada por Bertha Lutz[1], que as lutas efetivadas por mulheres, principalmente, no século XIX, abriram caminhos para a conquista de diversos direitos sociais, políticos e educacionais, provocando mudanças em distintos aspectos da sociedade, mais especificamente a partir do século XX. As primeiras ondas feministas e a nova realidade social promovida por elas, fez com que as mulheres pudessem se constituir, de maneira mais efetiva, como sujeitos de sua própria história, motivando a inserção das mesmas em variados âmbitos de atuação; no tocante à escrita e literatura, a luta pelos direitos das mulheres foram contribuintes essenciais para que houvesse um crescente reconhecimento das mulheres por parte da sociedade.

Porém, a delimitação da mulher como sujeito histórico inferior traz marcas difíceis de serem apagadas, como bem considerou àquela que é considerada como um dos principais expoentes da literatura brasileira do século XX, a escritora, ensaísta e editora britânica Virgínia Woolf (1986) em seus escritos, às mulheres tudo era privado, educação, leitura, vida social. A universalização da experiência masculina proporcionou à figura feminina um apagamento histórico. No tocante ao aspecto sócio-político as mulheres foram, tradicionalmente, consideradas como inferiores aos homens, uma espécie de ordem "natural" foi instaurada, e os espaços público e privado, separados de maneira indissociável, para os homens, o público; para as mulheres, o privado.

---

[1] Bertha Maria Júlia Lutz foi uma ativista feminista, bióloga, educadora, diplomata e política brasileira. É conhecida como a maior líder na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras, ela se empenhou pela aprovação da legislação que outorgou o direito às mulheres de votar e de serem votadas. Foi uma das figuras mais significativas do feminismo e da educação no Brasil do século XX.

E foi essa a ordem social que se constituiu na modernidade como sendo a base da diferença de gênero. A questão é que essa particularização fez com que as mulheres fossem relegadas só ao universo familiar e à maternidade, excluindo-as da possibilidade de estabelecerem-se como cidadãs. De acordo com a historiadora e militante dos direitos das mulheres Michele Perrot (2007), o iluminismo de Kant e Rosseau e toda a filosofia sobre o cidadão, por exemplo, referia-se ao cidadão homem, a análise dos mesmos sobre a diferença de sexos, baseava-se em um modelo de mulher submissa e inferiorizada. Para a autora, o fato das mulheres serem pouco vistas, pouco se falava delas.

O acesso feminino à escrita foi tardio, o silêncio era descrito como elemento natural constitutivo feminino, a capacidade intelectual das mulheres era questionada. Perrot (2007) afirma que pesa sobre a mulher um interdito de saber, pois o saber é contrário à feminilidade. Como é sagrado, é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante natural sobre a terra.

As mulheres permaneceram durante muito tempo excluídas dos espaços públicos, sem poder, foi através da palavra que começaram a conquistar esse espaço. "Primeiro pela correspondência, depois pela literatura e por fim pela imprensa. Ainda que permaneçam restritas a tarefas subalternas, elas se inseriram em todas as formas do escrito." (PERROT, 1998, p. 57). Houve uma expressão literária menor por parte das mulheres, porque elas escreviam menos que os homens, tendo em vista as condições de limitação à liberdade, à educação e ao político. Porém, o patriarcado[2] não conseguiu silenciar todas as vozes, principalmente àquelas que não queriam ser rotuladas de "o segundo sexo". Houve sim uma participação feminina na produção histórica e literária, porém pela "porta dos fundos", bem como em diversos outros setores.

A história da literatura é marcada pelo silêncio de mulheres. Quando Woolf (2017. p. 20) disse que "ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar", não houve equívoco, séculos à frente, e essa barreira ainda não foi derrubada por completo, ainda há fantasmas para assassinar, rochas para combater. Mesmo nos dias atuais, as mulheres

[2] O patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, estruturas e relações que favorecem os homens, em especial o homem branco, cisgênero e heteressexual. Na sociedade patriarcal, prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual. Por essa perspectiva, se o mundo fosse avaliado como uma escada de privilégios, o homem branco cisgênero e heteressoxual seria o que mais acumula benefícios e que estaria no topo dos degraus. Logo, todos aqueles que não possuirem alguma(s) dessas características, em relação ao gênero, raça ou orientação sexual, estariam abaixo nessa escada.

ainda são minoria publicada, o cânone ainda é majoritariamente masculino, e tudo isso acaba se refletindo nas escolas, no ensino e nos livros didáticos.

Como ex-aluna de escola pública que se utilizou dos livros didáticos oferecidos para estudar e como professora da rede pública de ensino, que também se utiliza desse tipo de livros para lecionar, passei a observar que há nos mesmo a persistência de determinadas discriminações com relação a personagens e à escrita feminina. Do período em que fui aluna do terceiro ano do ensino médio para os dias atuais há um espaço de dez anos, e muito já se foi modificado com relação a essas discriminações nesses livros, porém o que observo, como professora hoje, é que ainda há muito a ser modificado, ainda há muito a evoluir nesse âmbito. Mesmo as mulheres ostentando os melhores indicadores educacionais, ainda são retratadas como seres não equivalentes aos homens. A metáfora do homem como "representante universal da espécie humana" continua prevalecendo no livro didático.

Desse modo, a partir desses aspectos é que emergiram inquietações e indagações a respeito do papel que o livro didático pode desempenhar no ensino de literatura, no tangente às questões de gênero. Outro aspecto a ser indagado é, como esse instrumento didático pode atuar na apresentação, e desse modo, idealização do universo feminino. De que maneira a ausência/presença de autoras nesses livros pode influenciar na construção da representatividade feminina em sala de aula.

Ao pensar nas alunas e alunos quando se dedicam ao estudo de literatura e não se deparam com representatividade, tampouco com igualdade na constituição da literatura, principalmente, nos casos em que o livro didático é o único contato com a literatura, no quanto o material que é proposto por eles pode ser significativo. Pensar como seria relevante para a minha vida acadêmica e leitora se tivesse tido a oportunidade de ver, por exemplo, a obra de Maria Firmina dos Reis, escritora negra e abolicionista, considerada a primeira romancista brasileira, nos livros didáticos que estudei.

Valendo ainda destacar que essa (in)visibilidade feminina nos livros didáticos não se refere somente à mulher enquanto escritora, sustenta-se também na forma com as personagens são retratadas nos textos verbais, não verbais e mistos, nos textos literários, nos anúncios e/ou propagandas, as tirinhas, em que, na maioria das vezes, são vistas como seres frágeis e submissos, incapazes de viver grandes aventuras. São estereótipos que não representam a mulher real, e que por esse motivo, não geram identificação do mundo real no texto quando se lê.

Dessa forma, pensar no livro didático e na sua constituição é também pensar sobre a construção do espaço escolar no país, tendo em vista o papel que esse instrumento exerce em sala de aula e na formação dos nossos alunos. Principalmente ao considerarmos que ele é o principal material utilizado pelos professores em sala de aula, inclusive, em algumas realidades, o único; é também a principal fonte de leitura dos nossos alunos, assumindo o protagonismo na sala de aula, poderia e deveria ser instrumento para a formação de leitores críticos. Seu uso, no Brasil, data de meados do século XIX, quando as primeiras escolas públicas foram instaladas no país, todavia desde a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro que teve a função de reunir os documentos que possuíssem o âmago da nacionalidade brasileira em um livro didático, que o percebemos com uma função ideológica, que transmite valores dos grupos dominantes.

Rangel (2005, p. 192) afirma que "os livros tornam-se foco de interesses políticos e ideológicos, por seu potencial de influência na maneira de entender e conduzir a apropriação do conhecimento e da cultura, na escola e na sociedade. E esse processo pode estar associado à submissão cultural." A ausência da escrita feminina nos livros didáticos pode estar associada exatamente à essa submissão cultural. Porém sabemos que, por termos um cânone que privilegia determinados seres: homens brancos e ricos; em detrimento de outros: as mulheres, os negros, e outras minorias. E ao serem excluídos das posições sociais mais elevadas, das editoras, dos cânones, dos estudos acadêmicos, não poderiam surgir como formadores de opinião. As escolas e instituições de ensino e por consequência os livros didáticos, são difusores relevantes do cânone, pela sua prática e organização educacional que contribuem para que determinados textos sejam mais difundidos e conhecidos e outros não.

Nesse sentido e diante do cenário apresentado, o projeto em questão objetiva, principalmente, **analisar a relevância da representatividade feminina nos livros didáticos de Língua Portuguesa.** E de maneira mais específica: analisar a abordagem da literatura de autoria feminina nos livros didáticos; discutir as questões de gênero e de representatividade por meio de como a voz feminina é apresentada pelos livros didáticos; e refletir de que modo o trabalho com Literatura de autoria feminina pode suscitar discussões acerca da representatividade da mulher e de seus espaços de atuação na Literatura, em sala de aula.

Estruturalmente, este trabalho é constituído por introdução, capítulos e considerações finais. O capítulo II, tratará sobre a *Os Caminhos Metodológicos,* apresentando um estudo que alia a pesquisa acadêmica à prática em sala de aula, com uma abordagem

qualitativa e uma pesquisa de cunho documental. Os objetos de pesquisa serão livros didáticos escolhidos por escolas da rede pública de ensino médio da cidade de Juazeiro do Norte, assim, o capítulo, também, apresenta as obras a serem analisadas, os motivos da escolha e o que será analisado.

O capítulo III, intitulado *O Cânone e a Escrita de Autoria Feminina*, tratará dos aspectos patriarcais que permearam e permeiam a escrita de autoria feminina. Dividido em três partes, na primeira a abordagem se volta para o cânone da literatura, mostrando como se deu sua construção e como a escrita feminina foi invisibilizada no mesmo; na segunda, é ressaltado como a literatura feminina se encaixa na categoria de literatura marginal; na terceira, como a escrita de autoria feminina resistiu às questões de exclusão, invisibilidade e resistência.

O IV, *A Crítica Literária Feminista e as Relações de Gênero,* falará sobre a Crítica Literária, suas nuances e a importância que ela tem para a história da literatura e das mulheres escritoras, sobre o gênero enquanto categoria analítica e sua relação com a construção social do ser mulher, e também, sobre a relação entre o pertencimento de gênero e a afirmação étnico-racial. O capítulo V, *Direcionando o Olhar para o Livro Didático*, como o próprio título ressalta, o destaque irá para o objeto de estudo dessa dissertação. A primeira subdivisão, aborda o histórico do livro didático no Brasil, suas diversas modificações e os diversos programas que norteiam sua evolução e a sua política; a segunda, trata do Programa Nacional do Livro Didático e do Guia PNLD de 2018; e a terceira fala sobre o espaço que é dedicado à literatura nos livros didáticos e como a literatura de autoria feminina se encaixa nesse aspecto.

Já o capítulo VI, *A representatividade feminina nos livros: Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso, Se Liga na Língua e Novas Palavras,* trará a análise do corpus deste trabalho, os livros didáticos. O, VII apresentará a proposta de *Produto Educacional* que alia a produção acadêmica proposta nesse projeto a um instrumento de prática educacional. Trata-se de uma *Trilha de Aprendizagens,* um material de suporte didático/metodológico para os professores que tem o propósito de auxiliar no preparo das aulas, servindo como material de suporte que extrapola os livros didáticos. Material, este, construído através de obras de cinco autoras da literatura brasileira, todas escritoras do século XX, período literário abordado pelas obras didáticas analisadas neste trabalho.

De modo geral, o arcabouço teórico utilizado para contextualizar as nossas ideias acerca da Crítica Feminista partiu de autoras como Constância Lima Duarte (2003) e Rita

Terezinha Schmidt (2012), sobre as questões de gênero, principalmente, de Joan Scott (1990) e Guacira Lopes Louro (2007) e sobre a escrita das mulheres, destacamos a contribuição de Michele Perrot (1998 e 2007). A respeito do livro didático, ressaltamos a contribuição de Circe Bittencourt (2004) e para a proposta de produto didático pedagógico, os estudos de Kevin Walker (2007).

Desse modo, a relevância desta pesquisa se dá, não só por configurar um trabalho que se voltará para a sala de aula, mas também por centrar-se em adentrar o livro didático e acrescentar olhares críticos ao mesmo, tencionando a sua função como objeto cultural, importante, de contato com o universo literário, tendo em vista sua apresentação, e a construção que pode se fazer, por meio dele, da mulher e da sua escrita. Justifica-se, então, a importância de desvelar as concepções de opressão e desvalorização da mulher e da sua escrita.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Segundo Minayo (1994, p. 17) "é a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação". A partir do momento que uma pesquisa científica se constrói por aspectos referentes à sala de aula, passa a se considerar perspectivas e abordagens, que de maneira significativa, contribuam com a prática em sala, e com os processos de ensino e de aprendizagem. E é nesse sentido que Bortoni-Ricardo (2008) diferencia o professor pesquisador dos demais professores, pois segundo ele, o professor-pesquisador não deve ser visto apenas como como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas como alguém que se propõe a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática.

É de suma importância que os professores operem como pesquisadores de sua própria prática. Quando há a transformação da prática em objeto de estudo e investigação com o propósito de enriquecimento do processo educacional, o professor passa a atuar como reconstrutor de novas práticas pedagógicas. A associação de teoria e prática relacionadas à atuação do professor gera um processo bastante enriquecedor a partir desse diálogo entre docência e pesquisa.

Sob essa perspectiva, a sala de aula e a escola mostram-se como espaços ricos de pesquisas que busquem compreensão e investigação do processo de ensino e aspectos que o norteiam. É a partir desses aspectos que o estudo em questão se configura, partindo do seu objetivo geral – que é analisar a relevância da representatividade feminina nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Analisamos os livros escolhidos pela Rede Pública de Ensino Médio da cidade de Juazeiro do Norte, no triênio 2018-2020. Por meio de uma abordagem de cunho qualitativo, a pesquisa tem caráter documental.

Nesse sentido, acostamo-nos a Creswel (2007, p. 186-187), quando o autor afirma que a pesquisa qualitativa: "é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados e filtra esses dados através de uma lente pessoal situada em um momento sociopolítico e histórico específico". Sendo assim, o caráter qualitativo da

pesquisa fica explícito a partir do momento em que se preocupa em compreender e interpretar determinadas representações, fatores e elementos contidos nos livros didáticos.

Por se caracterizarem como sendo estudos que abrangem fenômenos em seu ambiente natural, bem como onde eles ocorrem e de onde fazem parte, os estudos qualitativos levam o pesquisador a percorrer caminhos diversos, por meio de vários instrumentos de constituição, procedimentos e análise de dados, buscando por dados na investigação. Assim a análise documental, a ser utilizada neste projeto, pode ser considerada como um desses instrumentos e procedimentos.

A pesquisa documental, bem como outros tipos de pesquisa, propõe-se a produzir novos conhecimentos, criar novas formas de compreender os fenômenos e dar a conhecer a forma como estes têm sido desenvolvidos (SÁ-SILVA; ALMEIDA & GUINDANI, 2009). Sendo assim, a seleção, o tratamento e a interpretação da informação e da interação com sua fonte, podem ser considerados como desafios para o pesquisador nessa técnica de pesquisa.

Nesse sentido, cabe ao pesquisador selecionar e analisar os documentos que melhor servirão de base para sua pesquisa. Os dados obtidos, na pesquisa documental, são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenômeno; é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). No projeto em questão, o documento a ser analisado foi o livro didático, que por sua vez, não será utilizado como referência bibliográfica, mas como documento e fonte de pesquisa. E pela sua caracterização ideológica ter acesso a eles não é suficiente, faz-se necessário analisar que obras, autores e elementos estão sendo veiculados para o alunado.

No Brasil, as coleções didáticas destinadas ao sistema público de ensino são subsidiadas pelo Governo Federal. As obras passam por uma rigorosa avaliação do MEC Ministério da Educação (MEC) e de universidades conveniadas ao Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD). Ocorrendo trienalmente, essa seleção é feita a partir de princípios e critérios que, de acordo com o programa, “baseiam-se em legislação específica e em políticas públicas entendidas pela sociedade como necessárias ao desenvolvimento do país” (PNLD, 2017).

Dessa forma, as obras aprovadas são disponibilizadas aos professores, por meio de um guia, para que os mesmos realizem a escolha da coleção a ser utilizada nos três anos

seguintes. No PNLD 2018, foram apresentadas aos professores de Língua Portuguesa 11(onze) obras para a escolha. Dentre elas, a presente pesquisa analisou três, levando em consideração a escolha de três escolas distintas, com categorias de ensino diferentes: uma escola de ensino profissionalizante, uma de ensino integral e outra de ensino regular. Tendo em vista que essas são as três categorias principais de ensino ofertadas pela Rede Educacional Pública Estadual cearense, analisando a escolha de livros de todas as categorias elencadas, foi possível realizar a análise de modo mais abrangente e perspicaz.

Assim, optamos por realizar o estudo das coletâneas do 3º ano do ensino médio, atentando para a Literatura abordada na série final do ensino médio que é a Literatura que ocorreu no século XX, período literário com o maior quantitativo de obras produzidas por autoras. Pois foi nesse período histórico que ocorreu a inserção formal das mulheres no mercado de trabalho, bem como sua participação na política, o que recai sobre os exemplares, em questão, que tematizam esse período.

O livro de escolha da escola de ensino profissionalizante foi, *Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso*, de William Roberto Cereja, Carolina Assis Dias Vianna e Christiane Damien Codenhoto , a 1ª edição da editora Saraiva, 2016 (imagem 1); o de escolha da escola de ensino integral foi, *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, a 1ª edição da editora Moderna, 2016 (imagem 2); o escolhido pela escola de ensino regular foi, *Novas palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo Silva Leite e Severino Antônio Moreira Barbosa, 3ª edição da editora FTD, 2016 (imagem 3).

Imagem 1 - Capa do livro Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso. (1. ed.) (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016)

Escolha da escola de ensino profissionalizante

Fonte: Foto tirada pela própria autora

Imagem 2 - Capa do livro - Livro *Se Liga na Língua* (1 ed.) (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016)

Escolha da escola de ensino integral

Fonte: Foto tirada pela própria autora

Imagem 3 - Livro *Novas Palavras* (3 ed.) (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016)

Escolha da escola de ensino integral

Fonte: Foto tirada pela própria autora

É de suma relevância que observemos o conteúdo que esse material oferece. Desse modo, poderemos destacar as implicações sociais que ele pode causar, pois mesmo sendo moldado também pode moldar, por meio da reprodução de significados para os sujeitos, apresentando e demarcando características como normais, construindo representações que podem legitimar ou rejeitar identidades sociais.

A análise dos livros se baseou no método proposto por Cellard (2012), de acordo com o autor na pesquisa documental deve-se primeiramente fazer uma análise preliminar para então partir para a análise propriamente dita. Desse modo, seguindo a metodologia analítica proposta pelo autor, no estudo preliminar investigaremos o contexto histórico e social do ano de publicação dos livros didáticos, os autores que construíram a obra, assim como, a autenticidade, a confiabilidade e a natureza das obras estudadas.

Na parte da análise em si, coletamos através de uma planilha as seguintes informações dos textos, verbais ou não verbais, presentes nos livros: nome do(a) autor(a); tipo de obra (ilustração, poema, conto, crônica etc); título da obra; página do livro em que se encontra; seção do livro ao qual o texto pertence (literatura, gramática ou produção textual); gênero do autor (masculino ou feminino) e cor. Com essas informações observamos então nessas obras didáticas, quais textos foram escritos por mulheres, a qual gênero pertence os textos escritos por mulheres, o quantitativo de obras femininas, o lugar das obras de autoras não-brancas, a presença de autoras na seção de Literatura. Para assim, responder às questões que foram propostas neste trabalho.

3 O CÂNONE LITERÁRIO E A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

3.1 O cânone literário

> A literatura tem sido uma das grandes instituições de reforço de fronteiras culturais e barreiras sociais, estabelecendo privilégios e recalques no interior da sociedade. (REIS, 1992, p. 72)

A escrita foi usada, por vezes, como forma de poder dentro da nossa sociedade. Na Antiguidade, por exemplo, os escribas do Egito Antigo eram reconhecidos como uma classe de grande destaque e relevância pela sua estreita ligação com a leitura, a escrita e a literatura de seu país. Eram detentores do poder, porque eram detentores do saber. E até hoje, é comum na sociedade, que as camadas dirigentes se valham de diversas formas discursivas e as transformem em ideologia para assegurar o seu domínio. Por constituir-se de um sistema de escrita a literatura também abriga estas relações de poder.

Comumente ao lermos uma obra, condicionamos a nossa leitura pelo nosso "gosto" pessoal, porém ela também se condiciona pela nossa inserção no contexto histórico e lugar no tecido social. Esses mesmo fatores influem mais ainda no momento de sua escrita, as obras não podem ser desvinculadas de uma determinada configuração ideológica, o que está posto no texto submete-se a quem fala nesse texto e à sua inserção na história e na sociedade.

Nesse sentido, é importante que percebamos que os fatores sociais são permeados por implicações de poder. No que tange à literatura, é histórico que a classe dominante se utilize da mesma para expressar sua ideologia ao receptor, a classe dominante. Todos esses fatores convergem na formação do que se entende por Cânone, pois como afirma Reis (1992):

> A escrita e o saber, na cultura ocidental, estiveram via de regra de mãos dadas com o poder e funcionaram como forma de dominação. Todo saber é produzido a partir de determinadas condições históricas e ideológicas que constituem o solo do qual esse saber emerge. Toda interpretação é feita a partir de uma dada posição social, de classe, institucional. É muito difícil que um saber esteja desvinculado do poder. Com isso deduzimos que os textos não podem ser dissociados de uma certa configuração ideológica, na proporção em que o que é dito depende de quem fala no texto e de sua inscrição social e histórica. O que equivale a afirmar que todo texto parece estar

> intimamente sobredeterminado por uma instância de autoridade. O critério para se questionar um texto literário não pode se descurar do fato de que, numa dada circunstância histórica, indivíduos dotados de poder atribuíram o estatuto de literário àquele texto (e não a outros), canonizando-o. (REIS, 1992, p. 69)

Desse modo, para que possa se questionar e compreender esses elementos que conferem autenticidade a determinados textos e outros não, bem como o que se associa à inscrição de uma obra ao "hall" da literatura "clássica", torna-se imprescindível analisar o que se entende por cânone e os fatores que nortearam sua construção. De acordo com Reis (1992) a palavra cânone remonta ao grego antigo, *Kanon* e se referia a uma vara que era utilizada como unidade de medida, e era sinonímia às palavras regra, preceito ou norma.

Assim, a primeira utilização desse termo foi para se referir à seleção aplicada aos livros da Bíblia pelos primeiros teólogos cristãos. Considerados, por esses primeiros líderes religiosos, como um conjunto de textos genuínos, de inspiração divina e com verdades a serem ensinadas e perpetuadas, foi essa seleção de textos que formou o que se entende hoje por cânone bíblico.

A associação dessas obras com o que foi considerado como "correto" e, principalmente, como sagrado criou uma norma de elitização. O critério de inclusão de textos à categoria canônica acabava por excluir aqueles que não possuíssem, em sua composição, a "autenticidade" e inspiração divina necessárias. Apesar de essas serem verdades subjetivas e particulares, ditadas por homens de uma dada cultura em um dado contexto histórico, o termo cânone passou a determinar àqueles elementos "merecedores" de destaque, uma espécie de lista de elite. A legitimação do cânone, ocorria por meio da exclusão dos agentes não aptos, inferiores e excluídos e nesse processo, tornavam-se claras as relações de poder, ao considerar que essa seleção era feita por homens que tinham autoridade para isso e que, obviamente, levavam em consideração os seus interesses e os do grupo ao qual pertenciam, como afirma Schimdt (1995):

> todo julgamento de valor ocorre dentro de certas condições sócio históricas [...] nesse contexto, a formação do chamado cânone ocidental é uma decorrência do poder de discursos críticos e instituições que sustentavam o monopólio cultural dos valores simbólicos, através de mecanismos de exclusão. (1995, p.143)

Com o passar do tempo, logo essa categorização foi importada para o contexto da literatura. A base de significação era a mesma do vocábulo original e o cânone da literatura

passa a ser a seleção das obras que representem o que há de “melhor” já produzido, os textos considerados como os mais “valorativos” na literatura. As obras “clássicas” que tinham em seu âmago valores e grandeza suficientes para comporem a lista de obras “grandiosas”, consideradas também como “universais”, dignas de academia, respeito e admiração, aptas a serem transmitidas às gerações futuras.

No momento em que legitimamos uma produção literária estamos legitimando também o seu autor. Diante da importância que o cânone literário tem, por nortear que autores e textos vão ser contemplados nos livros didáticos, que obras e autores devem ser estudados na academia e constar nos projetos de pesquisa, há diversos estudos e questionamentos que giram em torno, sobretudo dos seus critérios de seleção, legitimação e exclusão. Tendo em vista, as definições já apresentadas com relação a origem do termo e as relação de poder que se entrelaçam à sua constituição.

No Brasil, a formação de um cânone para sua literatura surge quando o Brasil se torna politicamente independente de Portugal e precisa constituir sua própria identidade. A literatura foi o primeiro elemento pensado para essa função, e coube à classe dominante o encargo de eleger um cânone literário e criar instrumentos para disseminá-lo, mais à frente, nesse texto, vamos analisar o livro didático como um desses instrumentos.

Por este exemplo, percebemos o interesse político em construir um cânone que representasse a nação e seu povo, porém em uma escolha feita pela classe dominante evidenciando, mais uma vez, a relação entre poder e literatura. Como representar a nação deveria ser o elemento principal, na busca por essa identidade nacional, o índio foi escolhido como símbolo, “o herói nacional”, porém, em sua grande maioria, as temáticas que compunham as obras que foram elegidas, nesse período, possuíam temáticas relacionadas à burguesia, com elementos como casamento, o belo, o amor o dinheiro. Produções feitas por burgueses, para burgueses, dotadas de habilidades de leitura em um país composto majoritariamente por negros e mestiços, analfabetos e aculturados pela opressão.

> [...] o cânon está impregnado dos pilares básicos que sustentam o edifício do saber ocidental, tais como o patriarcalismo, o arianismo, a moral cristã. [...] se nos restringirmos ao cânon das grandes obras da literatura ocidental, salta aos olhos que a presença dos autores europeus é esmagadora; que os do sexo masculino, originários das elites e brancos predominam de maneira notória. Há poucas mulheres, quase nenhum não-branco e muito provavelmente escassos membros dos segmentos menos favorecidos da pirâmide social. Com efeito, a literatura tem sido usada para recalcar os escritos (ou as manifestações culturais não-escritas) dos segmentos culturalmente marginalizados e politicamente reprimidos – mulheres,

> etnias não-brancas, as ditas minorias sexuais, culturas do chamado Terceiro Mundo (REIS, 1992, p. 69).

A pluralidade, que supostamente se dissemina pela literatura, torna-se de impossível concretização quando o grupo dominante determina o ritmo e os assuntos que, na sua concepção, considera apropriados. A literatura ultrapassa seu limite estético quando se torna propagadora de uma determinada cultura que é exaltada em detrimento de outras que, por vezes, são excluídas pela dita universalização da cultura, da literatura. As mulheres e a sua escrita, por exemplo, foram vítimas dessa história única, universalizada, o silêncio e a exclusão social são claros exemplos disso, no tocante literário e cultural a experiência feminina sempre foi situada de maneira não valorativa.

"Há uma estreita relação entre a genealogia dos cânones literários e o exercício de poder autoral na constituição de um discurso crítico que desautoriza aqueles textos considerados ilegítimos pela lógica da oposição binária verdadeiro/falso." (SCHMIDT, 2012, p. 8) As mulheres não estavam entre os sujeitos detentores do "saber" e não puderam, ao longo dos anos, se relacionarem à escrita e à literatura e esses são fatores sociais, históricos e de poder.

> No caso de textos de escritoras brasileiras do passado, sua invisibilidade no sistema é uma decorrência do uso político do princípio de valoração estética, político no sentido de que o conceito do literário foi historicamente "naturalizado" como um enclave de discursos atravessado por um número de índices sociais como posição social e privilégio de classe, de gênero e de raça, portanto um discurso implicado no estabelecimento de limites, interdições e silenciamentos, de um lado, e na construção de vozes e subjetividades autorizadas ou legítimas, de outro. (SCHMIDT, 2012, p. 8)

Do mesmo modo que uma verdade não pode ser tida como absoluta, não é possível que haja um cânone que represente o país em sua totalidade, o processo de escolha de obras também envolve um processo de exclusão dessas obras que normalmente se atrela às literaturas situadas à margem, escritas por sujeitos pertencentes aos grupos minoritários. A literatura de autoria feminina pode ser vinculada desse modo, à expressão minoria, em oposição à arte que circula na classe dominante e muitos são os aspectos que nos fazem perceber essa literatura feita por mulheres como uma literatura considerada inferior, não apta ou não digna de perpetuação e inscrição do cânone da literatura. Se configurando desse modo, como uma literatura à margem, uma literatura marginal.

3.2 Literatura feminina, literatura marginal

Para Antônio Cândido (2011) a literatura é a manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, assim podemos chamar de literatura "todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações" (CÂNDIDO, 2011, p. 174).

O termo "marginal" é utilizado, na nossa sociedade, como sinônimo de "bandido", "delinquente", servindo para adjetivar aqueles indivíduos que estão ligados ao mundo do crime e da violência. Porém, pode também se referir àquelas pessoas que são submetidas a processos de marginalização social, como negros, índios, pobres, desempregados, mulheres. A literatura marginal pode então ser entendida como produção que se situa à margem do sistema literário, em contraposição aos padrões estéticos e culturais de um grupo socialmente privilegiado.

Para Ferréz (2005) a literatura marginal, "é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo" (FERRÉZ, 2005, p.12). No mesmo sentido, Erica Nascimento (2006) propõe três leituras do que pode significar a literatura marginal:

> O primeiro significado se refere à produção dos autores que estariam à margem do corredor comercial oficial de divulgação de obras literárias [...] e circulariam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativa ao sistema editorial vigente. O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como nos casos das obras de vanguarda. Enquanto o terceiro significado encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor ao reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos. (NASCIMENTO, 2006, p. 11)

Dentro de um contexto histórico, essa literatura se insere no Brasil através de uma manifestação que se utilizou da imprensa, da arte, do cinema e da literatura como veículos para confrontar as práticas culturais dominantes. Zinani (2014) pontua que o movimento Marginália se inicia, no país, com o populismo na década de sessenta. Porém sua legitimação ocorre no período da ditadura militar, que se configurou nessa mesma década, a partir de uma série de trabalhos que ficaram conhecidos como Marginália ou Poesia Marginal. Esse foi um

importante movimento cultural para uma geração que buscava através da literatura uma atuação que se distanciasse dos padrões da academia.

Este estudo, então, traz ao panorama nacional, situações, personagens e espaços do cotidiano dos setores marginalizados da sociedade. Nesse primeiro movimento, ocorrido entre 1960 e 1970, os principais representantes eram universitários que compunham às camadas privilegiadas da sociedade, todavia, no segundo, que surgia em 2000, tendo o nome de Ferréz como um dos de maior visibilidade, os representantes eram das classes mais populares e moradores da periferia.

Desse modo, as manifestações que giraram em torno da literatura marginal fazem com que ela traga ao campo da literatura o rompimento da posição de objeto, sempre silenciosa, para a posição de sujeito de fala. Os sujeitos que a compõem, seja antes de sua configuração ou no contexto atual, escrevem, transgredindo o que sempre foi imposto pela conjuntura do cânone literário e através dela, se mostram como sujeitos, também, detentores da palavra. E é nesse sentido que, segundo Patrocínio (2010), não podemos tratar a literatura marginal somente como um movimento literário, pois há envolto à ela, um complexo contexto cultural e político.

> A Literatura Marginal, nesse sentido, não pode ser tomada como um fenômeno isolado. Mas, no caso específico da literatura, esse fenômeno se torna mais transgressor. Posto que não se trata somente de ter voz própria, mas de estabelecer essa voz como meio de expressão coletiva, utilizando para tanto um espaço do qual esses grupos foram, quase sempre, excluídos: a literatura. (PATROCÍNIO, 2010, p. 52)

Assim como os sujeitos periféricos e diversos outros grupos ao longo da história literária brasileira, a mulher também teve o seu discurso silenciado. Segundo Patrocínio (2010), ao se colocar as palavras "marginal", "feminista" ou "afro-brasileira" como adjetivos da palavra literatura está se demarcando uma territorialidade, na produção discursiva, principalmente.

A literatura de escrita feminina, então sofre essa demarcação pelo contexto de silenciamento que vivenciou ao longo da história, inserindo-se na literatura marginal pelo longo tempo que foi marginalizada pela sociedade.

> [...] a Literatura Feminina busca a formação de um espaço próprio dentro do universo da literatura mundial mais ampla, em que a mulher seja o sujeito do discurso e possa a partir de um ponto de vista e de um sujeito de representação

> próprios, que sempre constituem um olhar da diferença, construir sua própria representação. Não se trata de oferecer uma percepção mais afetiva, delicada, sutil, reservada, frágil ou doméstica no âmbito da literatura, mas, sim, de constituir-se enquanto sujeito discursivo, livrando-se da silenciosa posição de objeto. (PATROCÍNIO, 2010, p. 29)

A conquista do poder discursivo, pelas mulheres, reflete no resultado das lutas empreendidas por este grupo, como também em uma mudança no pensamento teórico moderno, falar sobre a presença da mulher no universo do discurso é um ato político, como já ressaltado anteriormente. A partir do momento que se dá visibilidade ao que é hegemonicamente encoberto ou dado como inexistente, abre-se uma porta para a transformação social. Assim, quando Chimamanda Ngozi Adichie (2019), em sua palestra intitulada "o perigo de uma história única", pontua a importância de uma mesma história ser contada por diferentes atores, assumindo diferentes possibilidades, percebemos que o recontar de histórias pelo universo feminino é uma forma de conquistar espaços e reconhecimento.

Nesse mesmo sentido, cabe ainda ressaltar a literatura feminina negra, que também adentra o cânone elencada como alteridade e claramente marcada pela violência epistêmica, que traça o seu discurso fundamentalista através da assunção do negro como sujeito histórico. A mulher negra começa a escrever transgredindo a ordem previamente estabelecida e marcada pelo selo do colonizador, Conceição Evaristo (2010), inclusive ao citar Luiza Lobo (1989) diz que a autora, "pontua que a existência da literatura negra se dá a partir do momento em que o negro deixa de ser somente tema, deixa de ser objeto para uma literatura alheia e passa a criar a sua própria, assumindo o papel de sujeito. Para ela, essa mudança de posição, de papel, define o surgimento da literatura negra no Brasil."

Conceição Evaristo (2005), nessa perspectiva, dá até um nome ao fato do negro ter passado, na literatura, para o papel de escritor de sua própria história, são as "escrevivências" como chama a autora, para ela o ponto alto, principalmente, da literatura feminina negra é o seu reconhecimento como literatura reflexo de vivências. Uma escrita demarcada a partir da posição de raça e classe, seus textos revelam as faces de mulheres que por muito tempo estiveram ocultas e dão visibilidade a elas por meio das falas de sua existência. A identidade de mulheres que não são mais o 'outro' do discurso, porque criaram o seu próprio.

Essa construção de um espaço fronteiriço na literatura vai de encontro à literatura marginal, pois como afirma Zinani (2014):

> [...] a literatura marginal está vinculada à expressão de uma minoria, à subalternidade, em oposição à arte canônica, que circula na classe dominante. Nesse sentido, pode ser considerada como literatura marginal aquela produzida por afrodescendentes e por mulheres, na medida em que buscam modalidades de representação próprias. Os estudos de gênero têm mostrado à exaustão a questão da marginalidade feminina em todos os segmentos da sociedade, especialmente, na produção intelectual. (ZINANI, 2014, p. 185)

A literatura marginal pode atuar como um dispositivo de autoafirmação e também de transformação social. A discussão em torno da literatura de autoria feminina, seguindo uma lógica feminista, atravessa o debate de sua posição na sociedade e pode se utilizar dessa condição como referência para sua atuação social, para confirmar e reafirmar o seu espaço como mulher e como escritora.

3.3 A escrita de autoria feminina: exclusão, invisibilidade e resistência

O patriarcado e sua perpetuação ao longo da história promoveu diversos fatores de inferiorização da escrita feminina. Woolf (1986), em sua obra, "Um teto todo seu" nos mostra um claro exemplo dessa inferiorização ao apresentar Judith, uma irmã fictícia de Shakespeare, que mesmo tendo a mesma capacidade criativa e intelectual do irmão, não pôde frequentar a escola; por ser mulher, teve que se casar com um noivo escolhido pelo pai, e transgredindo as imposições destinadas às mulheres da época, mudou-se para Londres, mas ao contrário do irmão não pode prosseguir no sonho do teatro, pois não era permitido à pessoas do sexo feminino o ofício da atuação; a glória do irmão era uma realidade bem distante para Judith.

A história das mulheres na escrita e na literatura sempre foi marcada por aspectos de dominação. Principalmente, nas esferas que abarcam o histórico, o político e o social, o gênero feminino foi considerado inferior ao masculino; no tocante literário e cultural a experiência feminina sempre foi situada de maneira não valorativa, sua capacidade intelectual foi, por vezes, posta em questão e sua literatura recebeu o status de marginal.

Nesse sentido, a mulher se insere na literatura como o anúncio de uma alteridade ou diferença para com os padrões falocêntricos do cânone. Pois como afirma Luiza Lobo (1997, p. 05) "não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir[...]". Já que,

o estudo e a prática da literatura foram produzidos por homens que instituíram definições teóricas sobre a posição da mulher na sociedade.

Tedeschi (2012) nos fala, inclusive, que é o próprio discurso masculino quem vai construir a concepção do que seja a mulher. E reitera que esse conceito - mulher - passa a ser utilizado pelo homem como um objeto de referências, pois com as novas “luzes” do século XVIII, as diferenças entre homens e mulheres passaram a ser tratadas como uma diferença biológica “natural” e então começou-se a justificar as inserções sociais diferentes para os dois sexos.

O feminismo, desde o seu surgimento lutou, “principalmente, para destruir esses mitos da inferioridade *natural*, resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história” (DUARTE, 1990, p.15) na tentativa de romper com determinados estereótipos e moldes que foram se "emaranhando" à mulher, ao longo da história, fazendo com que não ocorresse sua inserção plena na sociedade. Pois como bem nos mostra Woolf, (1986) há diversos exemplos e histórias de mulheres grandiosas na Literatura e ao mesmo tempo em que essas mesmas estão sendo escritas, a realidade das mulheres reais é bem diferente.

É nesse sentido, que conquistas, hoje consideradas como direitos básicos, como o direito ao voto ou até mesmo à educação nos permitem compreender essas dificuldades, assim como nos mostram a importância do movimento feminista, tendo em vista que, como disse Constância Lima Duarte (1990) não é fácil recuperar o tempo e reconstruir uma identidade quando se passou tanto tempo ausente como sujeito da história, reduzida a uma inferiorização que se baseava na sua constituição biológica e a uma indústria cultural masculina que se encarregou de, basicamente, cristalizar o feminino.

Essa realidade de inferiorização esteve presente em diversos aspectos da vida dessa mulher real, e na escrita literária não foi diferente. Virginia Woolf, em 1928, em suas conferências e ensaios já propunha que a mulher “matasse o anjo do lar”, para que pudesse ser escritora ou o que quisesse ser. Desse modo, a primeira luta para que as mulheres pudessem matar o anjo do lar e começar a escrever foi a luta pelo direito à educação, que seria o primeiro passo para que as mulheres tivessem consciência de sua condição inferiorizada na sociedade. A sociedade europeia no início do século XVIII, já discutia e criticava a consolidação da educação feminina, apesar de os pais e maridos estarem altamente preocupados com as possibilidades de leitura erradas que as mulheres poderiam fazer.

No Brasil, mesmo um século depois desse período, a realidade era bem diferente. Lajolo e Zilberman (1996), em seu livro *A formação da leitura no Brasil*, mostram-nos que no início do século XIX, diversos estrangeiros que vieram ao Brasil relataram um status de precariedade da vida cultural feminina brasileira. Em se tratando de final do século XVIII e início do século XIX, eram de fato, pouquíssimas mulheres que tinham acesso à essa educação, tendo em vista também que estamos falando, obviamente, de mulheres brancas e burguesas, as mulheres pobres e as negras trabalhavam e eram escravizadas, não podiam sequer pensar em serem alfabetizadas.

As brasileiras desse período, além de não ter nenhuma instrução leitora e educacional, viviam confinadas, saiam apenas para as missas e à tardinha podia-se vê-las nas janelas. Elas não eram privadas apenas da leitura e da educação, por não poderem ter acesso ao mundo social acabavam sendo privadas, também, do mundo cultural, o que as impedia de desenvolver uma base de conhecimentos. Como se não bastasse, as pouquíssimas mulheres que sabiam ler, em sua maioria, tinham as leituras supervisionadas e escolhidas pelos homens.

Apesar desse escasso acesso das mulheres à educação, existiram feministas que lutaram para que as mulheres brasileiras pudessem ser educadas. De acordo com Constância Lima Duarte (2003) “foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever.” A exemplo de Nísia Floresta Brasileira, feminista e escritora, que por meio dos seus escritos trazia para o Brasil os pensamentos de emancipação europeus, e que tanto defendeu que era somente por meio da educação que a emancipação feminina ocorreria.

Nesse sentido, ao longo dos anos de 1870, intensificaram as campanhas em prol da educação feminina. Com a evolução econômica brasileira decorrente das exportações de café, torna-se de suma importância modernizar e civilizar a nação, pois os novos grupos a consideravam conservadora e ultrapassada em demasia, era necessário uma adaptação ao progresso europeu de final de século. A conquista à educação foi um passo importante, mas não foi suficiente para que as mulheres se consolidassem como escritoras.

“Escrever para as mulheres não foi uma coisa fácil. Sua escritura ficava restrita ao universo privado, à correspondência familiar ou à contabilidade da pequena empresa. (PERROT, 2007, p. 97) “Elas ganharam a vida com seu trabalho e não pretendem ter o título

de escritoras": fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência de aceitá-las como tais (PERROT, 2007, p. 98).

Entretanto, existiram aquelas que decidiram enfrentar essa resistência para se firmarem como escritoras. Assim, começaram a aparecer os primeiros jornais dirigidos por mulheres, pelo contexto da escrita feminina, era considerada como uma imprensa secundária, todavia era um grande avanço para a literatura de escrita feminina. Dessa forma, no Brasil, nomes como os de Joana Paula Manso de Noronha, com o *Jornal das senhoras,* e de Júlia Albuquerque Sandy Aguiar, com *O belo sexo,* foram de total importância para esse pioneirismo jornalístico, representando um longo passo na trajetória das mulheres.

No período de, 1870 a 1900, já haviam diversos jornais e revistas, como *Sexo feminino* em 1873, *O Carimbo* em 1884, *A família*, em 1888, a revista *A mensageira* de 1887, todos produzidos por e com conteúdo feminista. Um dos nomes de destaque foi o de Francisca Senhorinha, seus artigos tiveram grande notoriedade no Rio de Janeiro, tendo como leitores a Princesa Isabel e o Imperador D. Pedro II. Foi nesse momento também que surgiram as primeiras notícias sobre mulheres nos cursos universitários. Porém, "a literatura, o teatro e a imprensa masculina se manifestavam, encarregando-se de ridicularizar as doutoras e insistindo que seria impossível manter um casamento, cuidar de filhos e exercer uma profissão." (DUARTE, 2003, p. 158)

Com a conquista, por meio do seu livro *Rito pagão*, do primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras, Rosalinda Coelho Lisboa, em 1921, se destacava na intelectualidade literária feminina brasileira. Gilka Machado, poeta da mesma época, também teve suas conquistas, como um concurso de poesia pelo jornal *A imprensa* e outro pela revista *O malho*, nos quais foi reconhecida como a maior poetisa brasileira; por retratar erotismo e emancipação da sexualidade feminina em suas obras, não obteve o mesmo reconhecimento que a colega contemporânea e teve seu trabalho criticado, rotulado e considerado "imoral" por críticos mais conservadores.

Em 1930, com a publicação de *O quinze*, Graciliano Ramos ao ler o livro supôs que Rachel de Queiroz fosse o pseudônimo de um homem, não podia uma mulher fazer um romance como aquele. Muitos nomes da crítica brasileira dessa época consideraram que o autor tivesse feito um elogio com tal comparação, desse modo, torna-se fácil imaginar como era a recepção de livros produzidos por mulheres nesse período, tendo em vista que

permaneceu vedada, por mais 40 anos, a entrada das mesmas na Academia Brasileira de Letras.

Também em 1930, um episódio interessante aconteceu com Amélia Beviláqua no que diz respeito ao ingresso de mulheres na ABL. Muito provavelmente já sabendo que Júlia Lopes de Almeida tinha tido o nome excluído das atas oficiais da criação da Academia, mesmo tendo sido membra integrante do comitê de fundação da organização, Amélia envia à agremiação uma proposta oficial de sua candidatura ao cargo de presidente da ABL. Essa proposta não foi somente negada como sofreu tentativa de apagamento de sua existência na instituição.

Como uma espécie de protesto e desabafo, Amélia publica o livro, *Amélia e a Academia Brasileira de Letras: documentos histórico-literários,* em que relata os acontecimentos da época. Seu esposo e também fundador da Academia Clóvis Beviláqua, publicou uma série de artigos na tentativa de argumentar que tanto homens como mulheres podiam presidir a Academia, não tendo tido retorno com relação às suas afirmações acabou saindo da organização.

Contemporânea à Amélia Beviláqua Patrícia Galvão ou Pagu como ficou conhecida, publicava em 1933, seu romance *Parque Industrial* muito comentado, mas pouco lido até os dias atuais, a obra foi colocada à margem no período de sua publicação, por ter muitas críticas ao feminismo burguês e pelas referências à sexualidade. Mais tarde um pouco, em 1944, com uma tendência bem menos associada ao feminismo e de acordo com muitos sem a intenção de soar feminina, Clarice Lispector publica *Perto do Coração Selvagem.*

Uma outra autora da década de 40 do século XX que se destacou em diferentes épocas pela ousadia em suas publicações foi Lygia Fagundes Teles que em 1954 publica *Ciranda de Pedra*, obra que retrata a homossexualidade. Já Nélida Piñon, a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, teve grande notoriedade em 1970, pela sua constante luta pela valorização e profissionalização dos escritores, tendo em vista que a autora não considerava como relevante destacar a ‘literatura feminina’ já que não havia ‘literatura masculina’.

Apesar de haver muitas escritoras que fugiram da caracterização do gênero, por medo de desvalorização do seu trabalho. Em meio a constantes reivindicações, no início dos anos 80, um movimento que ocorreu entre feministas universitárias, alunas e professoras, fez com que os estudos sobre a mulher fossem institucionalizados. Foi a partir daqui que

começaram a surgir artigos, congressos, seminários, colóquios e núcleos de estudos a respeito da temática. É nesse ínterim que a tradição literária de autoria feminina vai se consolidando dentro e fora do universo da Literatura.

A escrita foi sempre uma atividade ligada à ciência e à arte – mundo dos homens, por isso sempre tão negada à mulher. Como bem afirmou Norma Telles (1992), "a tradição estética definiu o dom da criação como essencialmente masculino [...], o artista é progenitor e procriador de seu texto – um patriarca estético. Por sua vez, a mulher é — musa ou criatura, nunca criadora." As questões da erradicação da voz e participação feminina do universo literário sempre transcenderam o âmbito linguístico.

A literatura tem uma relação muito forte com o mundo social, as representações de gênero estão intrinsecamente imbricadas a crenças, valores e atitudes enraizados em uma sociedade, o que acaba sendo representado e repassado pela literatura. Por todos esses aspectos e nesse sentido é que a crítica feminista surge, como "um ato de resistência, uma confrontação com os cânones e julgamentos existentes, o que Josephine Donovan chama de *uma forma de negação numa dialética fundamental*. " (SHOWALTER, 1994, p.25)

4 A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA E RELAÇÕES DE GÊNERO

4.1 A importância da crítica literária feminista para a história da literatura e das mulheres escritoras

Com o desenvolvimento do feminismo, na década de 1960, a mulher passou a configurar-se como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. A publicação de *The feminine mystique* de Betty Friedan, em 1963, é de suma importância para a popularização da segunda onda do feminismo, e por consequência, da mulher como fonte de estudo. Apesar de trazer preocupações de mulheres brancas da classe média-alta, o *best-seller* foi importante em diversos aspectos como, por exemplo, na popularização da crítica feminista dos costumes nos Estados Unidos. Foi a partir daqui que, professoras e universitárias começaram a refletir e questionar sobre o privilégio dos homens brancos no sistema educacional, identificando uma necessidade de reforma dos currículos universitários e adicionando ao setor dos estudos literários uma perspectiva de análise, que passava a explorar, ideológica e politicamente as representações de mulheres nos textos canônicos.

Nesse interím, Kate Millett publica a sua tese de doutorado em 1970, *Sexual politics,* e traz ao foco dos estudos, a crítica feminista. A autora mostra a mulher sob uma perspectiva política e sua obra tem como propósito primordial questionar os ideais patriarcais, assim, não discute somente as causas da opressão feminina e o sistema rígido e secular de papéis sociais, como também traz à tona discussões sobre a posição secundária que as personagens femininas ocupam nos romances masculinos.

Nesse primeiro momento, as críticas giraram em torno da universalização do sujeito, das verdades absolutas e dos padrões de subjetividade, chegando, desse modo, à validação de que todos esses parâmetros eram na verdade construções masculinas. Começou-se a fazer uma espécie de releitura das obras consideradas como tradicionais do cânone da literatura ocidental, obras essas que tinham, em sua totalidade, escritores masculinos.

Para Zolin (2009, p. 190), “essas discussões ilustram o que hoje se classifica como sendo uma vertente mais tradicional da crítica feminista”. A partir de Millet foi possível perceber que as obras canônicas retratavam mulheres marcadas pelas repetições de estereótipos culturais, “a mulher sedutora, perigosa, imoral”, “a mulher como megera”,

“indefesa e incapaz” e a “mulher como anjo” (ZOLIN, 2009, p. 190), isto é, apresentadas com os papéis que lhes eram impostos pela sociedade, seres completamente idealizados, passivos e sem relevância no desenvolvimento da história, representações que em nada se pareciam com a mulher de verdade.

Por um tempo a crítica literária feminista se centrou nessas representações da mulher em textos literários, mas em 1978, Elaine Showalter entra em cena para começar a pensar no papel da mulher como autora, produtora e sujeito - não mais como objeto - da produção literária e artística. Como bem afirma Zolin (2009) foi a partir dos estudos dessa autora que pode-se perceber que “[...] a experiência da mulher como leitora e escritora é diferente da masculina, e isso, implicou significativas mudanças no campo intelectual, marcadas pela quebra de paradigmas e pela descoberta de novos horizontes e expectativas” (ZOLIN, 2009, p. 181)

O que Showalter fez foi identificar dois tipos de críticas: a feminista e a ginocrítica. Para a autora “a primeira forma é ideológica, e diz respeito a feminista como leitora e oferece leituras feministas de textos que levam em consideração as imagens e estereótipos das mulheres na literatura, as omissões e falsos juízos sobre as mulheres na crítica e a mulher-signo nos sistemas semióticos” (SHOWALTER, 1994, p. 26). Já a segunda, de acordo com sua visão, se dá pelo “estudo da mulher como escritora, e seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres; a psicodinâmica da criatividade feminina individual ou coletiva; e a evolução e as leis de uma tradição literária de mulheres.”

Na primeira forma apresentada por Showalter, as mulheres não tinham praticamente nenhum acesso à educação, pois somente em meados do século XVIII é que se intensificam as campanhas em prol da educação das mulheres brancas e de camadas altas da sociedade, com o surgimento dos romances sentimentais passam a ser consideradas como o principal público leitor desse período. Por isso, nesses romances, é comum que nos deparemos com temáticas consideradas como essencialmente “femininas”, como a conquista de um amor, as desilusões amorosas, a infidelidade, o casamento por interesse, aspectos se adequaram perfeitamente à visão da mulher já instituída na sociedade, por serem delimitadas como detentoras da vida privada, por serem consideradas como seres naturalmente mais sentimentais e pelo seu “nato” sentimentalismo materno.

Nesse sentido, Constância Lima Duarte, inclusive, comenta que os críticos da literatura que a princípio eram em sua absoluta maioria homens, consideravam os gêneros literários mais "adequados" à mulher, "os romances sentimentais e os de confissão psicológica, *tal a sensibilidade feminina*". (1987, p. 20), o que acabou por ocasionar uma série de estereótipos que se relacionaram à leitura feminina.

No segundo momento, Showalter abre caminhos para que se percebesse que a crítica reconhecida, nesse primeiro momento, não tinha um propósito próprio, tendo em vista que se baseava em analisar as obras de autores masculinos e os estereótipos femininos presentes nelas. Assim, ao propor que se dedicassem a estudar a literatura escrita por mulheres, a autora, nos oferece oportunidades teóricas diversas, já que "ver os escritos femininos como assunto principal força-nos a fazer a transição súbita para um novo ponto de vantagem conceptual e a redefinir a natureza do problema teórico com o qual nos deparamos" (SHOWALTER, 1994, p. 29).

Zinani (2012, p. 413) reitera que "esse aspecto possibilitou o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa muito significativo no sentido de resgatar e analisar produções literárias femininas publicadas no século XIX e início do século XX." A obra de Gilbert e Gubar traz, exatamente, um estudo sobre o mapeamento da literatura de escrita feminina inglesa e estadunidense do século XIX. Zolin (2009) ao falar sobre a obra das autoras, *The Madwoman in the Attic: writer and the nineteenth-century literary imagination* (1979), reitera que a criação literária feminina só será possível se a imagem de "anjo" ou "monstro" - que foi construída pelo homem nos longos anos em que passou como detentor por excelência da escrita - for desestabilizada.

Essa obra foi mais um marco para a crítica literária feminista, de modo que se tornou inspiração para um novo campo de estudos da literatura, o da arqueologia literária feminista - área da literatura, responsável por resgatar obras de autoria feminina que foram relegadas ao ostracismo e colocadas à margem do cânone em consequência do gênero de suas autoras.

No Brasil, o projeto de Zahide Muzart (2004) configura-se como um estudo de grande relevância no resgate de escritoras brasileiras. A publicação intitulada, *Escritoras brasileiras do século XIX*, são três volumes, publicados pela Editora Mulheres, de Florianópolis, em parceria com a Editora da UNISC, no Rio Grande do Sul, os volumes apresentam mais de 100 escritoras resgatadas do ostracismo.

O estudo de Zahide, assim como das demais autoras do campo da crítica literária são de total importância para o desenvolvimento da crítica literária brasileira. Porém Schmidt (2002) reforça que todos esses estudos, ao chegarem no Brasil passam por uma problemática ao terem que se transplantar para o contexto local. O principal questionamento feito pela autora é sobre a possibilidade de "operacionalizar criticamente" as categorias propostas por Showalter em seus estudos se, em território brasileiro a produção literária das mulheres tinha a evolução, praticamente, desconhecida e chegando até mesmo na possibilidade de questionamento da sua existência. Assim, suscitou-se o que a autora chamou de "virada historiográfica", que configurou-se como sendo

> [...] o resgate da autoria feminina através da recuperação e visibilidade de obras excluídas da literatura formal e marginalizadas pela historiografia literária. Tal resgate da voz e presença das mulheres escritoras no período pós-independência, a preocupação com a representatividade e representações de e por mulheres nas redes sociopolíticas e culturais do século XIX, os debates sobre configurações do cânone e o poder dos críticos em lhe conferir legitimidade têm sido, inquestionavelmente, o grande investimento da crítica feminista, a qual emerge como uma das formas vitais de intervenção na construção nacional/cultural das subjetividades, na medida em que coloca em questão as determinações ideológicas dos códigos interpretativos e de valor que autorizaram a atividade literária como um privilégio de homens letrados (SCHMIDT, 2002, p. 109).

É de suma importância o modo como a crítica feminista vem resgatando as obras e as autoras que foram relegadas ao apagamento, trata-se não somente de um resgate, mas também de conhecer e construir a tradição literária das mulheres. Desse modo, a visibilidade da produção literária feminina, de resgate de obras que foram difundidas, mas logo caíram no esquecimento, a análise da produção contemporânea com seus diversos aspectos, assim como a análise crítica das obras de autoria masculina que revela a ideologia do texto e a desconstrução da representação patriarcal da figura feminina se deram pela contribuição da crítica feminista.

Quando Teresa de Lauretis nos diz que: "o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais [...] e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas" (1994, p. 208), percebemos como a crítica literária se associa em todos os aspectos ao conceito de gênero. "[...] a maioria das teorias de leitura, escrita, sexualidade e ideologia disponíveis, ou qualquer outra produção cultural, são construídas sobre narrativas masculinas de gênero [...]" (LAURETIS, 1994, p.

236), o que faz com que percebamos a crítica como inscrição de alteridade, de leitura marginal, a demarcação de um entre-lugar, um discurso outro.

Não é à toa que Showalter (1994) considera a crítica como um "território selvagem", território de referências teóricas diversas, assinaladas por entraves que se manifestam desde inquietações relacionadas ao gênero de autoria de uma obra à relação de gênero como categoria de análise. Deve-se chamar atenção para como "memória e como o gênero assume importância como categoria analítica para problematizar o lugar gendrado da história literária, lugar de institucionalização da memória nacional, cujo modelo vigente deixa bem claro a relação de cumplicidade entre aquilo que é e pode ser lembrado e posições de poder e autoridade" (SCHMIDT, 2002, p. 110).

4.2 O encontro entre gênero e a construção social do ser mulher

O conceito de gênero está presente em grande parte da produção teórica feminista. Esse termo passou a ser discutido nas academias e no interior dos movimentos organizados de mulheres como sendo de grande relevância para se refletir sobre a situação da mulher no meio social e cultural. Guacira Lopes Louro (2010) nos apresenta a palavra gênero, como sendo um termo ausente até então dos dicionários, no sentido em questão, e ligado diretamente à história do movimento feminista. De acordo com a autora, foi por meio das feministas anglo-saxãs que *gender* passou a ter uma conotação diferente de *sex*, o intuito delas era que por meio da linguagem se pudesse evidenciar o cunho social das diferenças baseadas no sexo. O vocábulo, então, além de servir como uma ferramenta analítica, é um aparato completamente político, pois refere-se às diferenças e às desigualdades.

De acordo com Teresa de Lauretis (1994, p. 211) "as concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais". Assim, os sujeitos são construídos pelas diversas representações culturais que se formam pelo modo como eles são percebidos pela sociedade e não somente pela diferença sexual.

Em uma sociedade patriarcal, como é o caso da que vivemos, a representação do homem é marcada por aspectos que se relacionam à insensibilidade, à força, à coragem, já a mulher é representada por elementos que se relacionam ao sentimentalismo, à maternidade, à

empatia. Essas caracterizações, são na verdade construções sociais que são apreendidas e assimiladas por meio da educação e dos valores que são perpassados para o indivíduo ao longo da vida, que nos mostram que as diferenças entre homens e mulheres não podem ser percebidas somente como uma simples diferença sexual.

A história de gênero tenta introduzir, na história global, a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social construída e incessantemente remodelada (Colling, 2004, p. 39). Dessa forma, compreendemos que as questões de gênero e o modo que as relações sociais estabelecem os papéis sociais que são instituídos aos sujeitos são produções discursivas. Assim, quando Louro (2007) afirma que o corpo é a materialização do discurso normativo, pois é imposto pela sociedade de maneira consciente e inconsciente o padrão de "normalidade a ser aceito", por meio de suas normas e valores, compreendemos o poder que o discurso possui.

Desse modo, no campo dos estudos de gênero e das discussões da crítica feminista o termo relaciona-se ao modo como se organizam as relações sociais entre os sexos, adquirindo, nessa circunstância um caráter fundamentalmente social das diferenças entre masculino e feminino, que como já analisado ultrapassa os limites biológicos imbricados no uso de expressões como "diferença sexual" ou "sexo". Adriana Piscitelli afirma que,

> o termo gênero em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar o procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças. Na linguagem do dia a dia e também das ciências a palavra remete a essas distinções inatas, biológicas. Por esse motivo, as autoras feministas utilizaram o termo gênero para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade. (PISCITELLI, 2009, p.119).

Berenice Bento (2006) considera que esse primeiro momento dos debates que se formaram internamente aos estudos de gênero, moldam o que ela vem a chamar de tendência universal. A autora reitera que, "os estudos sobre gênero, inicialmente, elaboraram constructos para explicar a subordinação da mulher com base na relação do pensamento moderno, que, por sua vez, opera sua interpretação sobre as posições dos gêneros na sociedade a partir de uma perspectiva oposicional/binária e de caráter universal" (BENTO, 2006, p. 70). Essa tendência é demarcada pelo pensamento de Simone de Beauvoir em sua obra de grande relevância para o femininsmo, *O segundo sexo*. De acordo com a autora:

> Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

Beauvoir não desconsidera as circunstâncias sexuais e biológicas que diferenciam homens e mulheres, todavia compreende que tudo aquilo que foi construído sociologicamente, está, em realidade, demarcado por questões que não são fisiológicas. A organização social e a cultural é que determinam os estados e ações dos corpos masculinos e femininos, e é exatamente assim que as desigualdades entre homens e mulheres vão sendo justificadas e instituídas.

"Nesse primeiro momento, a visibilidade da mulher enquanto uma categoria universal correspondia a uma necessidade política de construção de uma identidade coletiva que se traduziria em conquistas nos espaços públicos" (BENTO, 2006, p. 73) Desse modo, o que se fez foi somente reconhecer a situação, a mulher foi pontuada como vítima e não sobrou espaço para mudança em decorrência das especificidades de cada contexto, econômico, social e cultural. Assim, partindo das formulações de Beauvoir e das críticas e reflexões que delas surgiram, novas categorizações de gênero puderam ser elaboradas e/ou ressignificadas.

Em 1990, surge uma nova categorização, nela o gênero como categoria de análise passa a levar em consideração a classe social, a nacionalidade, a religiosidade, a raça para especificar as distinções que existiam dentro da categoria mulher. Esse vem a ser o que Bento (2006), mais uma vez categoriza como o olhar relacional para as construções de feminino e masculino. Assim,

> Um dos fios condutores que orientarão as diversas pesquisas e reflexões desse novo campo de estudos é a premissa de que o masculino e o feminino se constroem relacionalmente e, de forma simultânea, apontam que este "relacional" não deveria ser interpretado como "o homem se constrói numa relação de oposição à mulher", em uma alteridade radical, ou absoluta, conforme Beauvoir, mas em um movimento complexificador do relacional. (BENTO, 2006, P. 74-75)

Essa tendência tem como representante principal, Joan Scott. A autora, com a obra que mais agitou as bases dessa área de estudos, *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*, resgata as diversas apropriações que essa categoria de análise possui. Resgate esse, que vai desde a recusa do determinismo biológico vinculado ao uso do termo sexo e à

afirmação do caráter social das relações de gênero, até a defesa da ligação da história das mulheres com à história tradicional.

Para Scott (1990) o gênero permite perceber como as diferenças entre homens e mulheres foram ao longo dos tempos se transformando em desigualdades e como ele se torna uma categoria útil de análise histórica, principalmente, no que tange à compreensão das relações de poder. E desse modo, reitera:

> Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. (SCOTT 1990, p. 21)

À vista disso, ao se referir a gênero, Scott se refere ao discurso da diferença dos sexos e ao poder que esse discurso possuiu/possui, se analisarmos o modo como ele se constituiu na nossa sociedade ao longo dos tempos. Desde sempre se atribuiu papéis e espaços sociais diferenciados para homens e mulheres, o que constantemente foi justificado pela concessão de tipos de temperamentos e qualidades diferentes e específicas de homens e mulheres.

Assim sendo, essa diferenciação imposta sobre os comportamentos de homens e mulheres analisam as diferenças, no sentido de responderem a diferentes expectativas sociais, no entanto, não se considera o modo em que essas diferenças foram hierarquizadas, e dentro dessa hierarquia as mulheres são situadas como inferiores aos homens. A definição da diferença de gênero encontra-se no âmbito cultural, é resultante de uma invenção social e política. O que pode ser observado, por exemplo, na relação de ressignificação que foi constituída, ao longo da história do país, entre o feminino e a profissão docente.

A princípio, no Brasil, a instituição escolar era um âmbito exclusivamente masculino, onde só meninos podiam frequentar e os mestres eram os jesuítas. Porém, ao longo da segunda metade do século XIX, algumas transformações sociais fizeram com que essa realidade fosse mudada. A proclamação da Independência, trouxe uma necessidade de construir uma imagem do país que afastasse seu caráter marcadamente colonial, atrasado, primitivo, à modernização da sociedade requeria, por exemplo, mulheres educadas.

> Aos poucos crescem os argumentos a favor da instrução feminina, usualmente vinculando-a à educação dos filhos e filhas. Essa argumentação irá, direta ou

> indiretamente, afetar o caráter do magistério — inicialmente impondo a necessidade de professoras mulheres e, posteriormente, favorecendo a feminização da docência. (LOURO, 2007, p. 100)

Nesse ínterim, como afirma Louro (2007), o magistério passa a ser uma atividade *permitida* para as mulheres e logo em seguida *indicada*, tendo em vista as novas perspectivas e indicações. Juntamente com os processos de urbanização, ampliação das atividades de comércio, a instituição de novos hábitos e novos sujeitos sociais, há um grande aumento no número de alunas em detrimento ao de alunos, tendo em vista grande desistência dos mesmos por outras oportunidades de trabalho, o número de professoras habilitadas, então, aumenta enquanto o de professores diminuí. Dentre outros fatores, a docência torna-se, então, a primeira função social pública feminina aceita pela sociedade.

Faz-se válido ressaltar que as escravas e mulheres pobres sempre trabalharam e que continuavam sem esse acesso à educação. Para as burguesas, no entanto, os principais argumentos para a sua adequação com o magistério, eram os de que se a mulher por ser a primeira a educar os filhos, não haveria cargo mais adequado para a mesma.

> Destinar a mulher ao ensino resolvia diferentes problemas: justificava pragmaticamente a necessidade de educá-la; solucionava a falta de mão de obra para o magistério, profissão pouco procurada porque mal remunerada; desobrigava o Estado de melhorar os proventos dos professores, porque o salário da mulher não precisava (e nem deveria) ser superior ao do homem, e sim complementar dele. Essas considerações recobriam-se por outras, de caráter ideológico: idealizava-se a professora, chamando-a de mãe, sugerindo assim que, lecionando, ela continuava fiel à sua natureza maternal. Negava-se o elemento profissional da docência, porque a sala de aula convertia-se num segundo lar. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 262.)

É importante que se destaque também, que esse processo não se deu sem críticas ou resistências. “Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros “pouco desenvolvidos” pelo seu “desuso” a educação das crianças (LOURO, 1997, p. 376). Porém uma outra parcela da sociedade não vê a nova função atribuída à mulher como um choque e a aceita bem, pois não a veem como um trabalho, e sim como uma extensão dos afazeres domésticos. O magistério passa a representar uma ampliação da maternidade, se o intuito era tornar a escola simpática às crianças, ninguém melhor do que as mulheres, as mães para cumprir com esse papel. A partir de então elas passaram a ter o direito à instrução e ao trabalho, porém em nenhum momento fugiram do

processo de dominação, pois ainda estavam completamente ligadas à família, ao marido e à casa, aos quais ainda era de sua função dedicar-se.

> Um olhar atento perceberá que a história das mulheres nas salas de aula é constituída e constituinte de relações sociais de poder. As mulheres, nas salas de aulas brasileiras e nos outros espaços sociais, viveram, com homens, crianças e outras mulheres, diferentes e intrincadas relações, nas quais sofreram e exerceram poder. Pensá-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que, mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos (LOURO, 1997, p. 399).

Essas mulheres citadas por Louro se corporificam através de autoras como Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus. A primeira, uma mulher oitocentista, que foi professora e escritora em uma época em que pouquíssimas brancas e raríssimas negras conseguiam ser educadas. A segunda, uma mulher negra do século XX, que como catadora de lixo aprendeu a ler e escrever e se tornou escritora, em uma época em que pouquíssimas negras conseguiam publicar. Duas autoras que, mesmo vivendo em séculos diferentes, enfrentaram barreiras semelhantes e foram transgressoras através da literatura, através de sua escrita, escrita essa que nunca pôde ser dissociada das questões de gênero, de raça e de classe, um panorama que nos faz pensar sobre os aspectos e a relevância de outro encontro do gênero, o encontro com a afirmação étnico-racial.

4.3 A relação entre o pertencimento de gênero e a afirmação étnico-racial

> Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato — esvazio o lixo, atendo o telefone. Uma voz é recorrente em mim: Quem sou eu, uma pobre chicanita do fim do mundo, para pensar que poderia escrever? Como foi que me atrevi a tornar-me escritora enquanto me agachava nas plantações de tomate, curvando-me sob o sol escaldante, entorpecida numa letargia animal pelo calor, mãos inchadas e calejadas, inadequadas para segurar a pena? Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (ANZALDÚA, 2000, p. 230).

Gloria Anzaldúa, é americana de ascendência mexicana, referência no debate sobre a diferença interseccional no feminismo norte americano, problematiza a intervenção das mulheres de cor, lésbicas , judias e mulheres do terceiro mundo a partir do lugar de escritora

chicana. Essa reflexão contida na "Carta às mulheres escritoras do terceiro mundo", nos traz questionamentos importantes sobre as dificuldades encontradas pelas "queridas mulheres de cor" na produção de sua escrita. A autora se refere à histórica exclusão das mulheres não-brancas pelo cânone eurocêntrico — já analisado em um outro ponto deste estudo.

Por muito tempo foi negada às mulheres a entrada e participação nos âmbitos literário, artístico e cultural. Marcadas por uma sociedade patriarcal e sexista, elas tiveram os seus discursos negados ou rejeitados à inclusão no cânone por muitos anos. Para a mulher não-branca o mecanismo de negação da fala e da escrita ocorreu duplamente, tendo em vista que além de ser subjugada pelo gênero é marginalizada pelo fator racial.

Lugones (2014) explica que isso ocorre por conta da existência de um sistema colonial e moderno eurocêntrico de gênero que ignora as categorias de raça e classe em sua constituição. E assim, a autora delimita a existência de duas categorias: a dos humanos e não humanos, "os humanos, que são o homem branco, detentor da razão, a mulher branca, reprodutora da dominação colonial e da mentalidade dominante; e os não humanos, que seriam os índios e africanos escravizados" (Lugones, 2014, p. 936).

Nessa perspectiva, nos deparamos com a condição de seres que além de serem elencados como subalternos, são emudecidos, os seres "outros". E essa "Outridade" não trata-se de uma forma de resistência ou de interesse, ela é na verdade a ausência de acesso à representatividade sofrida pela comunidade negra. Sobre isso Kilomba (2019), afirma que:

> Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se "especialistas" em nossa cultura, e mesmo em nós (2019, p. 51).

As mulheres, sobretudo, as negras e pobres foram historicamente educadas para trabalhar e servir, não deveria sobrar tempo para o exercício do pensar. São inúmeras as interdições por questões de gênero quando se deseja ter acesso ao campo científico, adentrar no universo acadêmico e ser reconhecida como intelectual, e essas interdições também estão fundamentadas na raça no caso das mulheres negras e não-brancas.

Para hooks (1995), "dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente e torna o domínio intelectual um lugar interdito" (p.468). Para mulheres que foram criadas em meio a

uma sociedade que inculcava a valorização do trabalho não intelectual em detrimento ao intelectual, a inserção no universo da escrita se torna ainda mais dificultosa.

No Brasil, um dos pontos mais marcantes da transgressão das mulheres negras é a demarcação de lugares pré-estabelecidos. A invisibilização da intelectualidade dessas mulheres tem em seu núcleo o racismo estrutural, por exemplo, visto que a hegemonia branca tem perpetuado no imaginário social interpretações do que é ser mulher negra, produtora de intelectualidade. Essa é uma violência silenciosa que age historicamente delimitando o universo intelectual como um território de "não pertencimento "para as mulheres negras.

Nesse sentido, vamos de encontro a denúncia feita por Conceição Evaristo (2018), em uma entrevista concedida a Júlia Dias Carneiro, sobre o seu reconhecimento tardio no mundo literário:

> A primeira obra que eu escrevi, Becos da Memória, ficou guardada durante 20 anos. Eu mandei para várias editoras. O texto literário, no caso da autoria negra, carrega a nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita. Quando a temática negra trata do folclore, ou não é tão reivindicativa, aí interessa. Mas quando questiona as próprias relações raciais no Brasil, é quase um tema interdito. Principalmente se isso é colocado pela própria autora negra. Até então, os brancos podiam dizer a nosso respeito. Mas quando a gente se apropria do nosso discurso, da nossa história, isso é motivo de interdição. [...] Que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos 71 anos? Enquanto você vê outras expoentes na literatura que às vezes são meninas com idade para serem minha neta, mas como vêm de um grupo social diferenciado do meu, são mais jovens, são brancas, têm sua competência logo revelada? Por que a minha competência está sendo tão tardiamente reconhecida? [...] É preciso questionar essas regras e dinâmicas sociais, culturais e econômicas que tornam tudo muito mais difícil para as pessoas negras (EVARISTO, 2018).

Esse relato da autora é o símbolo das dificuldades que uma mulher negra enfrenta como escritora para ser reconhecida como tal. Porém foi a partir das suas condições de marginalidade social e acadêmica que as mulheres negras conseguiram transgredir e produzir deslocamentos no conceito de intelectualidade baseado em cânones eurocêntricos. Nossa sociedade, por meio de construções sociais já cristalizadas, associa o exercício da intelectualidade ao homem branco, normalmente alocado a uma classe social alta, esse perfil pré-estabelecido inibe a visão social das mulheres enquanto intelectuais, escritoras.

É preciso considerar a existência do racismo e do sexismo que o Brasil insiste em negar por meio de uma suposta democracia racial e de gênero que tem por décadas escondido

“a essência das coisas não visíveis” e que temos com a literatura feminina negra um importante instrumento de poder e de ocupação do saber. “A literatura contemporânea reflete, nas suas ausências, ainda mais que naquilo que expressa, algumas das características centrais da sociedade brasileira” (Dalcastagne, 2010, p.309).

A escrita feminina negra criou um novo discurso, discurso literário ordenado pelas experiências, vivências e marcas de vida da própria escritora, a mulher negra, marca uma escrita construída pela enunciação de vozes antes silenciadas. A escrita passa a aparecer como evidência da sua luta contra a subalternização da sua voz, da sua presença e ressignificação da mulher negra, sobretudo da mulher negra intelectual. Configura-se como um elemento de resistência e de luta, fazendo com que vozes de mulheres, há muito subalternizadas, ecoem como uma espécie de protesto e de batalha pelo direito à fala. Podemos dizer que essa escrita se constitui como uma consciência política e social de mulheres em busca de transformar um sistema que a subalterniza de vários modos diferentes. Desse modo, quando nos voltamos para o campo educacional, especialmente para o livro didático e a maneira como ele se constituiu na história da educação brasileira, sua importância e utilização, desde sua criação até os dias atuais, se faz relevante compreendermos o papel e a importância do mesmo para a difusão (ou não) das autoras brasileiras, dos seus escritos e do que foi construído em torno do ideário do ser mulher com todas as suas cores e acepções.

5 DIRECIONANDO O OLHAR PARA O LIVRO DIDÁTICO

5.1 As diferentes leituras do livro didático ao longo da história

Os livros didáticos ou compêndios escolares como eram chamados no início de sua produção no Brasil, começaram a circular no país com a chegada da família real portuguesa, em 1808. Com a fundação da Imprensa Régia, por D. João VI, os primeiros livros começaram a ser produzidos no ano de chegada da família, a Academia Militar do Rio de Janeiro, criada em 1810, principal colaboradora para a criação dos compêndios. Encarregada pelo ensino das ciências químicas, físicas, matemáticas, história natural, técnicas de guerra e fortificações, os livros adotados pela instituição eram "traduções, ou adaptações de textos estrangeiros ou, preferencialmente, recorrentes das obras de Portugal" (BITTENCOURT, 2004, p. 481).

Até 1821, todas as publicações deveriam pertencer à Imprensa Régia, e passavam por uma fiscalização para que não se imprimisse nada contra o governo, a religião e os bons costumes difundidos na época. Com o fim do monopólio da imprensa nacional começam a surgir no país outras editoras que, embora fossem novas e privadas, ainda estavam bastante centradas no poder institucional, desse modo, os "compêndios e cartilhas eram textos que precisavam da aprovação institucional para que pudessem circular nas escolas" (BITTENCOURT, 2004, p. 482).

Em 15 de outubro de 1827 é promulgada a lei que determinava a criação das Escolas de Primeiras Letras, devendo se instituir, de acordo com a determinação, em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos. O conteúdo a ser transmitido aos alunos deveria ser o aprender a ler, a escrever, a fazer as quatro operações matemáticas, gramática da língua nacional e princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica, o método e a forma de organização deveriam ser pautados pelo "ensino mútuo". Nesse período da educação brasileira, o ensino escolar passou a estender-se ao conjunto da população, não podendo mais ser uma educação dedicada somente à aristocracia.

Assim, nesse mesmo ano, o Visconde de Cairu elabora uma das primeiras obras didáticas brasileiras, o livro *Escola brasileira ou instrução útil a todas as classes,* destinada aos professores de primeiras letras, a obra servia como uma espécie de manual para os professores. Neste manual, inclusive, o autor deixa claro o seu temor pela instrução da classe

trabalhadora, o receio era pela possível aspiração às mudanças de sua condição, sendo "seduzidos para Revoluções por insidiosos demagogos" (BITTENCOURT, 2004, p.480).

Apesar da importância dos livros como métodos de formação dos professores e de divulgação dos conhecimentos a serem transmitidos pela escola ao seu alunado, começou-se a pensar a elaboração de materiais que pudessem repontar as necessidades vivenciadas pela sociedade. E os livros passam a ser vistos como excelentes instrumentos nesse sentido, pois poderiam servir como instrumentos para auxiliar na formação do ideário de pertencimento à nação. Assim, até esse momento as obras didáticas tinham por finalidade atender ao professor e sanar as dificuldades de sua formação, todavia com as novas funções pensadas para as mesmas torna-se relevante entendê-las, também, aos alunos.

Desse modo, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) aparece como um elemento importante. Criado em meio a uma necessidade de fortalecimento do governo monárquico por conta de diversas rebeliões e movimentos contestatórios do período regencial, tinha como principal objetivo reunir documentos que possuíssem a "gênese" da nacionalidade brasileira, bem como os que pudessem escrever a história nacional. Dessarte, tanto o instituto como os livros, configuram-se como importantes elementos para a criação do ideário da nacionalidade brasileira", cabendo ressaltar que "as figuras que se destacaram como secretários do IHGB foram, quase todos, autores de livros didáticos" (BITTENCOURT, 1993).

A Escola Militar também foi uma instituição pertinente nesse aspecto, pois aparece como a primeira instituição a utilizar compêndios dedicados ao ensino de disciplinas formadoras da nacionalidade, principalmente, geografia e história. Um outro estabelecimento que muito contribuiu para a elaboração dos compêndios foi o Colégio Pedro II que, proveniente das aulas do professor Joaquim Manuel de Macedo, proporcionou às editoras a produção do livro *Lições de História do Brasil.*

Nesse contexto de expansão da tipologia dos livros, em 1876, o poeta português João de Deus pública em Portugal a *Cartilha Maternal* ou *Arte da Leitura*, com o intuito de introduzir um método de ensino da leitura pela palavra, assim, são introduzidas no ensino as cartilhas educacionais. Servindo como uma espécie de livro didático, "as primeiras cartilhas brasileiras, são produzidas no final do século XIX, sobretudo por professores fluminenses e paulistas a partir de sua experiência didática, baseavam-se nos métodos de marcha sintética

(de soletração, fônico e de silabação) e circularam em várias províncias/estados do país e por muitas décadas" (MORTATTI, 2006, p. 05).

No ensino secundário, representado no Brasil pela Escola Dom Pedro II e por alguns ginásios, Liceus, Colégios Confessionais e Seminários, o ensino e a distribuição dos livros didáticos funcionavam de maneira bem específica, tendo em vista a restrição desse ensino para a elite brasileira. Com uma finalidade social diretamente voltada para o ensino da classe economicamente dominante, tinha o cuidado de proporcionar um currículo voltado para as humanidades clássicas e era visto como o meio de acesso ao ensino superior. No que concerne à utilização de livros didáticos, Bittencourt ressalva:

> [...] os compêndios escolares deveriam seguir o padrão internacional, básico para a formação da elite letrada do país, de acordo com o desejo de poder instituído de seguir, enquanto classe dominante, o caminho dos demais países "civilizados" do mundo ocidental (1993, p. 61).

Percebe-se que o livro didático é utilizado como um meio de garantir a formação da elite brasileira nos moldes internacionais. No Ensino Secundário havia uma intensa vigilância do estado para a adoção dessas obras, havendo ainda uma série de regulamentos de acordo com cada estado, dessa forma, nesse contexto e meio houve uma diminuição da produção e leitura de livros brasileiros. Uma realidade que será mudada a partir da década de trinta do novo século com o governo de Getúlio Vargas.

Em novembro de 1930, o governo provisório tomou posse e uma das suas primeiras medidas foi a criação do Ministério da Educação. O período era de reorganização e centralização política, a proposta era uma educação nacional partindo dos preceitos do movimento da Escola Nova, nesse momento, conforme atesta Silva (2012), houve um grande incentivo para a produção didática nacional, movida principalmente pelo novo cenário político. Getúlio Vargas "preocupou-se em fortalecer a ideia de nação forte e unida" (SILVA, 2012, p. 808), assim, após a elevação no preço das importações por conta da crise de 1929, os livros passam a ser produzidos em larga escala seguindo o programa nacionalista vigente.

Em 1931, foi promulgado o decreto nº.19.890 (BRASIL, 1931 a), o ensino secundário brasileiro é reestruturado, agora a frequência passa a ser obrigatória e o currículo seriado é implantado. O intuito dessa reforma era padronizar as escolas oficiais, através de

novos programas que pudessem trazer orientações metodológicas para todas as escolas do país.

Em 1934, é promulgada a nova Constituição Nacional que através da União deveria fixar o plano nacional da educação. Por meio desta, as instituições particulares deveriam ter suas aulas ministradas em português e o ensino primário integral deveria ser gratuito. Com o Estado Novo, em 1937, é promulgada uma nova constituição[3], com relação a União manteve-se à centralização da organização educacional e com relação ao ensino, a partir de então o aprendizado da Língua Portuguesa tornou-se uma obrigatoriedade em todas as instituições de ensino do país.

Com todas essas mudanças referentes à educação, nesse novo período educacional brasileiro, foi criada, em 1938, a primeira legislação nacional referente ao livro didático, que serviu como uma espécie de reforço à criação do Instituto Nacional do Livro Didático (INL) em 1929. Essa lei propôs uma reorganização dos livros didáticos.

> A justificativa para a necessidade de controle dos livros didáticos foi apresentada pelo ministro da Educação Gustavo Capanema no documento denominado "Livros escolares: projeto de exposição de motivos", endereçado ao presidente Getúlio Vargas, que acompanhava o projeto de decreto-lei regulando a seleção de compêndios para o ensino elementar. Capanema considerava o livro escolar instrumento de maior alcance da educação, pois seguia o aluno da escola ao lar, além de exercer função inspiradora e reguladora do trabalho docente, ao interferir na ordem e seriação das lições. A falta de uma regulamentação nacional dos livros escolares fazia com que cada estado estabelecesse o seu critério. Segundo o ministro, essa situação facilitava o uso de maus livros e permitia abusos que deveriam ser reprimidos, como a propaganda subversiva presente nos textos didáticos (FILGUEIRAS, 2013, p.165).

Nesse ínterim, percebemos o livro didático como elemento importante para a reprodução e confirmação dos ideais do Estado Novo, bem como relevante instrumento de modificação da prática pedagógica dos professores. Nessa mesma legislação, é criada também a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), que "deveria ser integrada por sete membros, designados pelo presidente da República, divididos em especializações: metodologia das línguas, metodologia das ciências e metodologia das técnicas" (FILGUEIRAS, 2013, p.166). Com a criação da CNLD, os livros passavam por uma análise dos membros da comissão e somente os autorizados deveriam ser distribuídos em território

[3] Em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas revogou a Constituição de 1934, dissolveu o Congresso e outorgou ao país, sem qualquer consulta prévia, a Carta Constitucional do Estado Novo, de inspiração fascista, com a supressão dos partidos políticos e concentração de poder nas mãos do chefe supremo do Executivo. Essa Carta é datada de 10 de novembro de 1937.

nacional. O intuito dessa comissão era uniformizar o material a ser distribuído nas escolas, nesse período os livros eram adotados por um período extremamente longo e segundo Silva (2012), esses exemplares tinham excessivas e numerosas edições chegando a ficar por cinquenta anos em sala de aula, o que fazia com que servissem, claramente, como uma espécie de agentes sintonizadores de interesses políticos e econômicos.

Essa relação com interesses relacionados à política e economia, ainda perdurou até as décadas de 1950 e 1960. No Brasil, com o golpe de 1964, as mudanças sociais, econômicas e políticas promoveram mudanças na área editorial e, com a expansão da escolarização, o Estado estabeleceu parâmetros mais expressivos com políticas para os livros escolares.

Assim, o governo militar cria, em 1966, o Conselho do Livro Técnico e do Livro Didático (Colted, que tinha o intuito de aplicar recursos destinados ao financiamento e à realização de programas e projetos de expansão do livro escolar e do livro técnico, em colaboração com a Aliança para o Progresso" (Decreto n° 58.653/66). No mesmo ano, o Ministro da Educação pública um novo decreto modificando as funções da Colted, que agora deveria "incentivar, orientar, coordenar e executar as atividades do Ministério da Educação e Cultura relacionados com a produção, a edição, o aprimoramento e a distribuição de livros técnicos e de livros didáticos" (Decreto n° 59.355/66). As reais intenções dessa comissão eram fazer com que os livros didáticos se tornassem mais baratos, assim como tornar a indústria do livro um mercado mais amplo. (FILGUEIRAS, 2013, p.3)

No ano seguinte, em 1967, criou-se a Fundação nacional do material escolar – Fename – por meio da lei n. 5327/67. Sua função era produzir e distribuir materiais didáticos e escolares, contribuindo com a melhoria do seu preço, utilização e qualidade.

> Os materiais produzidos pela Fename eram distribuídos a preço de custo e poderiam ser comprados nos postos de distribuição localizados em todo o país. Tanto os documentos da Colted como os da Fename afirmavam que a criação dessas instituições faziam parte de ação governamental no âmbito da produção de material didático para atender as Conferências Internacionais de Instrução Pública, além de seguirem as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/61), que previa o auxílio aos estudantes por meio da assistência educacional com a distribuição de material escolar." (FILGUEIRAS, 2013, p.3)

As editoras, nesse momento, ganham uma significativa notoriedade no mercado. Com a criação da Fename o INL é extinto e, apesar de todos os investimentos, a demanda de alunos da rede pública foi superior e assim, parte das escolas municipais foi excluída desse programa. Dessa forma, a Fename deu lugar à Fundação de Assistência do Estudante (FAE)

que estendeu-se com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Fundamental.

Então, em 1985, com o decreto nº 91.542 surge o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com outras modificações com relação ao livro didático. O professor passa, então, a fazer parte do processo de escolha do livro e o mesmo passa a ser reutilizável, sendo estimulada a sua conservação. A princípio, esse material foi ofertado aos alunos do 1º grau como um todo, porém, em 1992, as verbas para este setor são reduzidas e a distribuição se dá apenas para a 4ª série do ensino fundamental.

Em 1996, com a aprovação da Lei nº 9.394 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997, o PNLD é consolidado. A partir daqui a aquisição de livros didáticos com verba pública só poderia ocorrer se passasse por uma avaliação prévia, revelando uma ação de aprimoramento do programa. O PNLD, representou uma relevante mudança para a educação básica brasileira. E em concordância com Fernandes (2011, p. 02) "o PNLD é um programa de referência para a compreensão do processo de redemocratização brasileira, no campo da política educacional, posto que vem atravessando todos os governos nos últimos 25 anos da história da educação brasileira."

Em 1997, também foi criado o Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), projeto que tinha como objetivo fornecer às escolas públicas de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos, obras literárias e demais materiais de apoio à prática pedagógica. Nos anos 2000, surge uma outra ação significativa, que é a distribuição gratuita de dicionários de Língua Portuguesa para os alunos do ensino fundamental I. Em 2003, criou-se o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio, a princípio somente para as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, as demais disciplinas foram sendo incorporadas até o ano de 2015. Em 2009 foi regulamentado o Programa Nacional do Livro Didático para Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA).

Em 2012, houve um avanço importante nos programas do livro didático com relação à área tecnológica, foi publicado um edital para formação de parcerias com relação a estruturação de um serviço gratuito e público na disponibilização de materiais digitais. Assim como parte desse material, também foram enviados às escolas junto com os livros didáticos impressos, DVDs para as escolas que não tinham acesso à internet ainda. Em 2015, as

editoras já começaram a apresentar obras multimídias, que apresentavam os livros impressos e digitais.

Em 2020, com o surgimento da pandemia, esse material digital foi o mais utilizado pelos professores. As instituições de ensino e os professores tiveram que se reinventar, apropriar-se das tecnologias para elaborarem práticas pedagógicas voltadas para o mundo digital, porém as disparidades econômicas e sociais existentes na sociedade brasileira fizeram com que a educação se deparasse com cenários em que, por ora, professores e alunos não possuíam conexão, familiaridade com a tecnologia ou sequer tinham aparelhos tecnológicos. Nessa conjuntura, o livro didático impresso volta a ser a principal e única fonte de ensino e aprendizagem.

O processo histórico que esse material pedagógico atravessou mostra diversos avanços e transformações até nos ser apresentado como é hoje. Não deixando para trás seu papel de facilitador da ação pedagógica, tornou-se fundamental a todas as disciplinas, o que não foi diferente com a Língua Portuguesa. Dessa forma, faz-se relevante a discussão sobre o Programa Nacional do Livro Didático e o Guia de escolha do livro didático do ano de 2018 para entendermos melhor como funciona e o que norteia a escolha desses livros.

5.2 O Programa Nacional do Livro Didático e o Guia PNLD de 2018

Em 18 de Julho de 2017, partindo do Decreto nº 9.099 a distribuição e aquisição de livros didáticos e literários, que antes eram contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático e pelo Programa Nacional Biblioteca na escola, foram unificados tornando-se Programa Nacional do Livro e do Material Didático, PNLD[4]. Os dois programas com a nova nomenclatura tiveram sua composição ampliada, puderam ser incluídos outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, *softwares* e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros.

[4]Disponível em: https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/informe-pnld. Acesso em: 24 de out. 2021.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático[5] (PNLD) é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita às escolas públicas de educação básica das redes federal, estadual, municipal e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.

O PNLD tem sua execução efetivada de forma alternada. Assim, os segmentos educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio, são atendidos em ciclos diferentes. Desse modo, o PNLD[6] 2018 orientou-se de acordo com as seguintes etapas:

> 1. **Adesão** - os dirigentes das redes de ensino municipal, estadual, distrital e das escolas federais encaminharam o Termo de Adesão manifestando seu interesse em receber os materiais do programa e comprometendo-se a executar as ações do programa conforme a legislação;
> 2. **Editais** - os editais foram os documentos orientadores das editoras para a inscrição das coleções didáticas a serem submetidas à avaliação pedagógica;
> **3. Avaliação -** o processo de avaliação foi realizado por universidades públicas, sob a coordenação da Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC). Essas universidades foram selecionadas por meio de concorrência pública (Edital 42/2016);
> 4. **Guia do livro** - apresentou os livros didáticos aprovados no processo avaliativo, por meio de resenhas que informam aos professores e às professoras da rede pública de ensino às características pedagógicas de cada obra, seus pontos fortes e suas limitações;
> **5. Escolha** - a escolha é democrática e participativa, os professores analisam e escolhem as obras que serão utilizadas pelos alunos em sua escola, com base no guia de livros didáticos;
> **6. Aquisição** - a aquisição é realizada por inexigibilidade de licitação, prevista na Lei 8.666/93, tendo em vista que as escolhas dos livros são efetivadas pelas escolas e que são editoras específicas que detêm o direito de produção de cada livro;
> **7. Distribuição** - A distribuição dos livros é realizada através de uma parceria entre o Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação e a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, que leva os livros das editoras para as escolas. Essa etapa é regulada pelos técnicos do FNDE e pelas Secretarias Estaduais;
> **8. Recebimento** - Para receber os livros didáticos a escola pública precisa participar do Censo Escolar do INEP e também que a rede a qual está vinculada ou a escola federal tenha feito a adesão.

Os livros analisados por esta pesquisa, referentes ao ano de 2016, passaram por esse processo de seleção do PNLD 2018. Dessa forma, os livros com edição de 2016 foram divulgados para a escolha em 2017, distribuídos no final deste mesmo ano para que pudessem

---

[5] Disponível em: http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld. Acesso em: 24 de out. 2021.

[6] Disponível em: https://www.fnde.gov.br/pnld-2018/. Acesso em: 24 de out. 2021

ser utilizados por professores e alunos nos três anos posteriores, contabilizados a partir de 2018.

Nesse sentido, de todos os processos que norteiam o PNLD, a etapa do guia para o professor é uma das mais relevantes, pois o mesmo é o instrumento orientador da escolha. Assim, é importante também compreender como ele é constituído e o que é repassado para o corpo docente no momento da seleção da obra didática.

O Guia é apresentado para a escola em uma versão digital, porém há também a versão em PDF, caso a instituição opte pela opção impressa. O Guia do PNLD 2018 é dividido em oito partes, a primeira, a introdução, apresenta a função e o objetivo do guia, ensejando que o professor faça uma boa leitura e um trabalho consciente e responsável de escolha do livro didático.

A segunda parte fala sobre os processos de avaliação do livro didático do PNLD 2018, explicando o processo desde a publicação do edital até a escolha final das obras. Essa seção apresenta ainda os princípios gerais que devem nortear a construção de uma obra didática, trazendo dentre outros também importantes o Art. 206 da Constituição Federal e o 35 da Lei de Diretrizes e Bases, e assim reitera:

> Para alcançar as finalidades propostas para o Ensino Médio no Brasil contemporâneo, as obras didáticas devem veicular informações corretas, precisas, adequadas e atualizadas, contribuindo para o exercício do trabalho docente, no sentido de propiciar, aos estudantes, oportunidades de desenvolver ativamente as habilidades envolvidas no processo de aprendizagem. [...] Como parte integrante de suas propostas pedagógicas, as obras didáticas devem contribuir, efetivamente, para a construção de conceitos, posturas frente ao mundo e à realidade, favorecendo, em todos os sentidos, a compreensão de processos sociais, científicos, culturais e ambientais. Nessa perspectiva, elas devem representar culturalmente a sociedade contemporânea na qual se inserem, propondo abordagens que: promovam a imagem da mulher reforçando seu protagonismo social; abordem as temáticas de gênero; proporcionem debates relativos à superação de todas as formas de violência; promovam a educação em direitos humanos, afirmando os direitos de crianças, adolescentes e idosos; incentivem ações pedagógicas voltadas para o respeito e valorização da diversidade no que se refere aos conceitos de sustentabilidade e cidadania; promovam positivamente a imagem de afrodescendentes e dos povos do campo, a cultura e história afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros; abordem a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando a construção de uma sociedade antirracista, solidária, justa e igualitária (BRASIL, 2018, p. 9).

Assim, espera-se que as obras escolhidas contemplem todos esses critérios listados. A parte três tem o intuito de auxiliar os professores na hora da escolha das obras, assim são apresentadas funções que o professor deve esperar que tenha o livro didático de sua escolha,

como, livros que auxiliem no desenvolvimento das aulas sem retrair a autonomia do docente e livros que possuam um bom manual do professor, por exemplo.

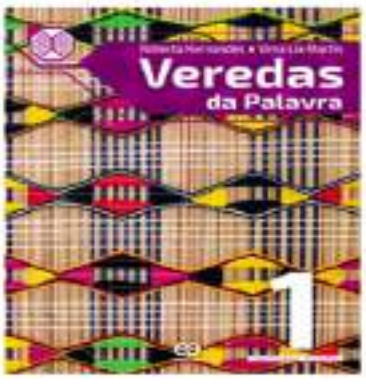
A seção quatro traz as etapas para o registro da escolha. Desse modo, apresenta o termo de adesão, quem poderão ser os beneficiários do PNLD 2018, o prazo para a escolha, explica que os componentes deverão ser escolhidos do primeiro ao terceiro ano do ensino médio com primeira e segunda opção. Ressaltando ainda que, conforme a Resolução CD FNDE nº 42/2012, compete às escolas e às secretarias de educação garantir que o corpo docente da escola participe do processo de escolha de modo democrático" (BRASIL, 2018, p. 16). Há ainda aqui, orientações sobre a recepção, conservação, devolução, remanejamento e desfazimento dos livros.

A seção cinco apresenta os compromissos da escola nesse processo de seleção. Então, elenca quatro compromissos que a instituição de ensino deve ter, são eles: compromissos relativos à moralidade e isonomia no processo de escolha, compromissos relativos à conservação e a devolução dos livros, compromissos relativos ao registro da escolha no sistema e compromissos relativos à transparência no processo de escolha.

A parte seis traz a ata de escolha dos livros e a tabela para informar os códigos das coleções escolhidas. A sete mostra os códigos dos livros e coleções de todas as disciplinas elencadas pelo programa. E a última parte mostra somente as referências utilizadas. Todas essas seções são apresentadas pelo guia que pode ser digital ou impresso, porém na parte do Guia que é digital, tem-se uma apresentação completa dos livros a serem escolhidos.

O Guia digital apresenta as capas dos livros, a resenha completa, a visão geral, a análise das partes constituintes do material didático, como ele pode auxiliar em sala de aula e a visão integral do livro por meio de uma chave de acesso que é disponibilizada para as escolas. Desse modo, as onze obras que foram selecionadas para fazer parte desse processo de escolha estão dispostas nos quadros disponíveis abaixo (quadro 1 e quadro 2):

Quadro 1 - Capas dos livros selecionados para o PNLD 2018 (parte 1)

Ser Protagonista – Língua Portuguesa (3ª ed.) (PENTADO; PAIVA; et al., 2016)	*Português: Língua e Cultura* (4ª ed.) (FARACO, 2016)	*Veredas da palavra* (1ª ed.) (HERNANDES, MARTIN, 2016)
		

Fonte: Guia PNLD 2018

Quadro 2 - Capas dos livros selecionados para o PNLD 2018 (parte 2)

Português: Trilhas e Tramas (2ª ed.) (SETTE; RIBEIRO; TRAVALHA; STARLING, 2016)

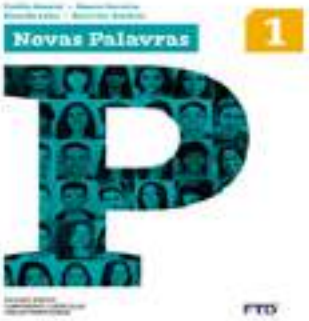
Viva – Língua Portuguesa (1ª ed.) (CAMPOS; MARQUES; ANDRADE, 2016)

Esferas das linguagens (1ª ed.) (CAMPOS, ASSUMPÇÃO, 2016)

Se liga na língua (1ª ed.) (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016)

Português – Contexto, interlocução e sentido (3ª ed.) (ABAURRE; PONTARA; ABAURRE, 2016)

Novas Palavras (3ª ed.) (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016)



Língua Portuguesa: linguagem e interação (3ª ed.) (FARACO; MARUXO JR.; MOURA, 2016)

Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso (1ª ed.) (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016)

Fonte: Guia PNLD 2018

Os livros apresentados no Guia são os do primeiro ano do ensino médio, a título de ilustração para os do segundo e terceiro ano que seguem a mesma logística estrutural. É válido ressaltar que os livros do PNLD 2018, que deveriam ser utilizados no triênio 2018-2020, tiveram sua execução ampliada por conta da pandemia do COVID-19, que se iniciou no Brasil em 2020. Tendo em vista que o triênio seguinte previa a implantação do novo ensino médio, o Ministério da Educação considerou que o momento pandêmico não seria o melhor para essa implantação e para a nova escolha, desse modo os livros do PNLD 2018, ainda estão sendo utilizados no ano vigente.

De todo modo, a análise desse guia permitiu a compreensão do modo que essa escolha chega para os professores e como essa seleção deve ser feita pelos docentes. Porém é importante, também, que pensemos em como a literatura tem sido abordada nessas obras, assim como é válido que questionemos o espaço reservado à escrita feminina nesse material.

5.3 Livro didático, literatura e escrita feminina

No mundo literário educacional, a percepção de que o primeiro contato da maioria dos alunos com a literatura é através do livro didático já se tornou fato. Dessa forma, o que se pretende ao discutir o lugar do texto literário dentro dos livros didáticos é fazer considerações sobre a (boa) utilização do mesmo em sala de aula, assim como também, levar em consideração a relação entre os livros, o aluno e o professor.

Normalmente, esses livros estruturam-se através das seguintes divisões: gramática, produção de texto e literatura, nesta última seção é comum que os textos se organizem de modo a complementar os conteúdos expostos nas outras divisões.. Magnani (1987, p. 52) destaca, inclusive, que “a unidade se organiza de tal modo que o texto inicial é escolhido em função do ‘ponto de gramática’ ou da ‘técnica de redação’ a serem estudados, usando o texto como pretexto”. À vista disso, observa-se um nivelamento circular das atividades e a literatura é apresentada apenas como uma variação da língua, em que seus textos são utilizados para mera compreensão gramatical, havendo uma espécie de subordinação da mesma, não tendo tanta relevância em relação à gramática e à produção.

Os livros didáticos que, eventualmente, consideram a literatura como uma disciplina autônoma, de modo geral, contemplam esse conteúdo em um formato que não se volta para a apreciação das obras, nem para a formação de leitores que vão em busca de novas leituras,

mas para um aprendizado voltado para a prestação de avaliações. Assim, o material adquire a função técnica de se moldar pelos conteúdos e exercícios que são cobrados por avaliações externas como o ENEM, por exemplo, acabando por não fazer nenhuma atividade construtiva com a literatura e suas obras literárias.

O trabalho pedagógico do professor é facilitado por essa estrutura preparada, esperando somente para ser utilizada em sala de aula e, muitas vezes, torna-se mera reprodução de conteúdo. É como se nos deparássemos com um modelo cristalizado de atividades e avaliações, em um estereótipo de aulas que não permitem uma dinamização. Por assim se organizar, o que se percebe é a não preocupação com a apreciação da literatura. Pois, em sua grande maioria, os textos apresentados nesta seção são fragmentos de obras literárias que foram retiradas de seu contexto de produção e de circulação. E a leitura que deveria ser apresentada como objeto de fruição é vista como mais um fardo, algo técnico e obrigatório.

Zilberman (2002, p. 27) afirma que, "raras vezes a escola, seu aparato, como salas de aula, seus instrumentos, como o livro didático, e sua metodologia como a execução do dever de casa, provocam lembranças aprazíveis de leitura." Por este motivo, Fernandes (2001, p. 167) ao falar sobre o livro didático, diz que, os mesmos deveriam "promover a reflexão intertextual, levando a criança a estabelecer relações entre a linguagem literária e outras formas de discurso, a tradição culta e a popular, entre sua aula de leitura e as demais disciplinas, enfim, entre as atividades escolares e a própria vida."

Com os adolescentes estudantes do ensino médio não deveria ser diferente. Se bem explorado em sala de aula, o texto literário complementa o significado da concepção de mundo do leitor, ampliando o universo de significados do aluno com relação aos níveis de realidade, social e individual. A fragmentação do texto literário dentro do livro didático não permite que o aluno tenha essa visão geral da obra literária. Não é possível que estudemos literatura fora de seu contexto cultural, é preciso que analisemos todas as suas características e história junto da apreciação de seus textos. Mas para isso, pelo menos ainda, é preciso ultrapassar a autoridade que compõe a construção do livro didático.

O seu histórico, já analisado anteriormente, permite-nos perceber diversas adaptações, a mudanças de paradigmas, a renovações de currículos e a inovações tecnológicas. Porém, ele é, ainda, território de poder, refletor dos interesses dos grupos que o fabricam, veículo portador de um sistema de valores, de uma cultura e de uma ideologia que referenciam à cultura dominante, que é burguesa, masculina e branca.

> [...] o livro didático assume ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. Por ser um objeto de "múltiplas facetas", o livro didático é pesquisado enquanto produto cultural; como mercadoria ligada ao mundo editorial e dentro da lógica de mercado capitalista; como suporte de conhecimentos e de métodos de ensino das diversas disciplinas e matérias escolares; e, ainda, como veículo de valores, ideológicos ou culturais (BITTENCOURT, 2004, p.01).

A escola, o ensino e a sala de aula em sua composição geral, têm um papel de grande relevância na afirmação de dada cultura e/ou obra, pois são esses elementos que determinam o que está apto a ser transmitido aos indivíduos em formação. Sobre isso, Bourdieu alega que:

> [...] o sistema de ensino cumpre inevitavelmente uma função de legitimação cultural ao converter em cultura legítima, exclusivamente através do efeito de dissimulação, o arbitrário cultural que uma formação social apresenta pelo mero fato de existir e, de modo mais preciso, ao reproduzir, pela delimitação do que merece ser transmitido e adquirido e do que não merece, a distinção entre as obras legítimas e ilegítimas e, ao mesmo tempo, entre a maneira legítima e ilegítima de abordar as obras legítimas (BOURDIEU, 2007, p. 120).

Essa legitimação citada por Bourdieu claramente respinga nas obras didáticas, pois tendo em vista também todas as discussões já tecidas aqui sobre o silenciamento histórico da escrita das mulheres e sobre o cânone literário ser majoritariamente masculino, percebemos que o pouco espaço dado à literatura escrita por mulheres nesse material é decorrente da função dessas obras didáticas como "veículo de um sistema de valores, de ideologia de uma cultura de determinada época e de determinada sociedade" (BITTENCOURT, 2008, p. 302). Batista nos traz uma observação relevante sobre a relação entre a marginalização de determinadas escritoras na historiografia e a sua invisibilidade nos livros didáticos:

> A respeito da produção feminina na Literatura Brasileira, no Período Colonial, nada se tem encontrado nos livros didáticos utilizados no Ensino Médio. Isso se deve não porque não haja uma produção literária feminina nesse momento histórico, mas porque o cânone não as privilegiou, criando, assim, a falsa ideia de que a cultura só era realizada por homens. A lacuna literária que tal atitude provocou precisa ser preenchida de alguma forma. É inaceitável que, em pleno século XXI, nossos alunos saiam da Educação Básica sem o conhecimento dessas que contribuíram para a construção artística e cultural de nossa nação, seja no Período Colonial, seja nas épocas subsequentes (BATISTA, 2012, p. 804).

Como bem pontuou a autora, "seja no Período Colonial, seja nas épocas subsequentes", as autoras não conseguiram escapar ao tradicionalismo literário patriarcal. Regina Dalcastagnè em seu estudo, A personagem do romance brasileiro contemporâneo,

desenvolvida em 2003, pela Universidade de Brasília nos revela dados importantes com relação à publicação de obras de autores e autoras contemporâneos. Em uma análise sobre a publicação de romances no Brasil do período de 1990 à 2004, 165 autores foram incluídos no corpus, deles 120, ou seja, 72,7% eram homens, as mulheres eram apenas 45, isto é, somente 27,3%. Em se tratando das personagens e/ou narradoras a autora nos apresenta que:

> [...] além de serem minoritárias nos romances, as mulheres têm menos acesso à "voz" – isto é, à posição de narradoras – e ocupam menos as posições de maior importância. Ao mesmo tempo, os dados demonstram que a possibilidade de criação de uma personagem feminina está estreitamente ligada ao sexo do autor do livro. Quando são isoladas as obras escritas por mulheres, 52% das personagens são do sexo feminino, bem como 64,1% dos protagonistas e 76,6% dos narradores. Para os autores homens, os números não passam de 32,1% de personagens femininas, com 13,8% dos protagonistas e 16,2% dos narradores (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 36).

Dalcastagnè (2005, p.31) destaca então que, "não é possível dizer se as mulheres escrevem menos ou se têm menos facilidade para publicar nas editoras mais prestigiosas (ou ambos)." De todo modo, o que se pode observar é que os homens são quase o triplo dos autores publicados, e que esse fato também reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas, sejam como narradoras ou personagens. Esses dados refletem na presença da autoria feminina nos livros didáticos e vão de encontro aos questionamentos de Duarte:

> Se passarmos os olhos nas antologias mais clássicas de nossa literatura e não vemos escritoras, isto apenas significa que elas nunca existiram? Se existiram algumas, sua produção foi sempre inferior à dos escritores contemporâneos para justificar sua não-inclusão nessas antologias e maiorias dos manuais de literatura? (DUARTE, 1987, p. 16).

Tais questões são pertinentes para compreender a ausência dessas autoras nos livros didáticos e modificar a condição, principalmente, da escrita feminina. É necessária a desconstrução de práticas de ensino que marginalizem a literatura escrita por mulheres, que continuem a narrar uma história em que somente Rachel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector merecem destaque. Apesar da grande contribuição já dada pelos estudos de gênero, a resposta ainda não é satisfatória, como ressalta Lemaire (1994), a história da literatura como vem sendo escrita e ensinada, passa por um fenômeno estranho e anacrônico, pois mesmo tendo escrito brilhantemente, as mulheres são eliminadas ou apresentadas como casos excepcionais, mostrando, desse modo, que em um espaço forjado por homem, não é dado acesso para as mulheres "normais".

É preciso salientar que, independente da qualidade literária dessas mulheres, muitas representam marcos históricos para a nossa literatura, e por esse motivo não podem ser,

simplesmente, apagadas, fadadas ao esquecimento, por uma crítica que ainda hoje entende a literatura de autoria feminina como algo menor. E, considerando-se a importância do ensino na formação não só leitora, mas cultural dos indivíduos, é expressivo o papel do livro didático tanto nessa formação quanto na legitimação do que deve ou não, do que tem valor ou não para ser transmitido aos alunos.

6 A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA: *PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO, REFLEXÃO E USO*, *SE LIGA NA LÍNGUA* E *NOVAS PALAVRAS*

6.1 O contexto do ano de publicação

Cellard (2012, p. 299) afirma que "o exame do contexto social global no qual foi produzido o documento e no qual mergulhava seu autor e aqueles a quem ele foi destinado, é primordial, seja qual tenha sido a época em que o texto em questão foi escrito." Os livros*: Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso*, *Se Liga na Língua* e *Novas Palavra*s, tem o ano de publicação — 2016 —, como elemento em comum. Desse modo, cabe-nos analisar o que ocorria no mundo e no Brasil no período em questão.

Infelizmente, em um contexto mundial esse foi um ano marcado por muitas tragédias. O Correio Braziliense[7] destaca que, 2016, foi palco para os atentados terroristas na Turquia, Indonésia, Bélgica, Bangladesh e França, marcado pela crise humanitária e guerra na Síria. Teve o avanço da microcefalia ligado ao zika vírus, considerado pela OMS, como uma emergência internacional, além da saída, pela primeira vez, de um país da União Europeia. Na política, Donald Trump venceu a democrata Hillary Clinton e Theresa May foi nomeada para o cargo de premiê britânica.

No Brasil, ocorriam as Olimpíadas e Paralimpíadas, o país encerrava a Rio 2016 em 13º lugar, e em 10º nos jogos paralímpicos. Aconteciam também, as eleições municipais e o Partido dos Trabalhadores perdia 386 prefeituras. Um acidente aéreo, com a equipe de jogadores da Chapecoense, deixou 71 pessoas mortas e deixou toda a população em estado de choque. Os protestos de milhões de brasileiros pedindo a saída de Dilma Rousseff da presidência.

A operação Lava-Jato[8] foi responsável por prender muitos nomes de peso da política brasileira como, Eduardo Cunha, Antônio Palocci e Garotinho. O ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva, tornou-se réu em cinco processos. A primeira presidente mulher do Brasil,

---

[7] QUEIROZ, Danilo. Retrospectiva 2016: Os acontecimentos que impactaram o mundo. **Correio Braziliense**, 2016. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2016/12/27/interna_mundo,562619/o-que-foi-noticia-no-mundo-em-2016.shtml. Acesso em: 21 de out. 2021.

[8] A Operação Lava Jato foi a maior investigação de desvio e lavagem de dinheiro público já realizada no Brasil.

Dilma Rousseff, teve o seu processo de impeachment aprovado, sendo afastada do cargo, assumido interinamente pelo seu vice-presidente Michel Temer.

O novo governo federal propôs uma reforma da previdência e lançou um projeto de reforma do ensino médio. Esta segunda ação do presidente interino promove uma onda de ocupações de escolas públicas por seus estudantes como forma de protesto, o MEC adiou o ENEM em determinadas escolas por conta dessa manifestação. O ENEM foi realizado por mais de 5,8 milhões de estudantes e abordou temas como mulheres no esporte, *aedes aegypti* e crise dos refugiados e teve como temática da redação a intolerância religiosa.

6.2 A autenticidade e a confiabilidade das obras

O processo de escolha e seleção das obras didáticas que deverão compor o PNLD de determinado ano, como já explicitado neste trabalho, passa por um demorado processo avaliativo feito por instituições de ensino renomadas da educação brasileira. O Programa Nacional do Livro e do Material Didático passou por um longo processo de aprimoramento desde a sua criação, na década de 30 do século passado, assim não se pode duvidar da autenticidade que as obras didáticas encerram enquanto documento, dado o rigor de sua seleção. A confiabilidade dos elementos que as constituem, também é bastante difícil de ser questionada tendo em vista o aprimoramento editorial que foi necessário a partir do momento que o próprio Estado brasileiro se tornou o maior comprador de livros didáticos do país.

6.3 Os livros didáticos em foco

Os três livros analisados neste estudo são do terceiro ano do ensino médio. O livro *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* é da editora Saraiva, o *Se liga na língua*, da editora Moderna e o *Novas Palavras*, da editora FTD[9]. As três editoras em evidência pertencem a grupos editoriais consolidados no mercado, a primeira e a última citadas com mais de cem anos de mercado, a segunda com mais de cinquenta. Assim, a tabela comparativa abaixo (tabela 1), apresenta números importantes no que concerne à produção e distribuição dessas coleções no mercado editorial brasileiro.

[9] A partir desse ponto do texto serão utilizadas as siglas, **PC, SLL** e **NV** para se referir aos livros *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso, Se liga na língua e Novas Palavras,* respectivamente.

Tabela 1 - Quadro comparativo sobre a produção e distribuição das coleções didáticas PC, SLL e NP no PNLD 2018

***Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016)**	***Se liga na língua* (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016)**	***Novas Palavras* (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016)**
1ª edição, 2016	1ª edição, 2016	3ª edição, 2016
1ª coleção mais adotada no país com 3.181.595 (três milhões, cento e oitenta e um mil, quinhentos e noventa e cinco) tiragens, o que corresponde a, aproximadamente, 40% do total de livros distribuídos no PNLD 2018 na disciplina de Língua Portuguesa.	2ª coleção mais adotada no país com 1.192.467 (um milhão, cento e noventa e dois mil, quatrocentos e sessenta e sete) tiragens, o que corresponde a, aproximadamente, 15% do total de livros distribuídos no PNLD 2018 na disciplina de Língua Portuguesa.	3ª coleção mais adotada no país com 961,259 (novecentos e sessenta e um, duzentos e cinquenta e nove) tiragens, o que corresponde a, aproximadamente, 12% do total de livros distribuídos no PNLD 2018 na disciplina de Língua Portuguesa.
Valor da aquisição para o programa: R$ 31.820.556,75 (trinta e um milhões, oitocentos e vinte mil, quinhentos e cinquenta e seis reais e setenta e cinco centavos)	Valor da aquisição para o programa: R$ 12.643.171,50 (doze milhões, seiscentos e quarenta e três mil, cento e setenta e um reais e cinquenta centavos)	Valor da aquisição para o programa: R$ 10.392.416,96 (dez milhões, trezentos e noventa e dois mil, quatrocentos e dezesseis reais e noventa e seis centavos)

Fonte: https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos

O cenário apresentado no quadro acima nos mostra os livros analisados como os preferidos pelos professores no ato da escolha, e evidencia, ainda, a liderança da coleção da editora Saraiva mediante as outras coleções. Se observarmos a porcentagem da tiragem de livros, o primeiro lugar (40%) supera o segundo (15%) em mais do que o dobro do quantitativo, enquanto o terceiro (12%) para o segundo (15%) a diferença é de apenas 3%. Se analisarmos os valores, a aquisição do SLL, R$ 12.643.171,50 (doze milhões, seiscentos e quarenta e três mil, cento e setenta e um reais e cinquenta centavos) e do NP, R$ 10.392.416,96 (dez milhões, trezentos e noventa e dois mil, quatrocentos e dezesseis reais e noventa e seis centavos) juntos não superam o do PC, R$ 31.820.556,75 (trinta e um milhões, oitocentos e vinte mil, quinhentos e cinquenta e seis reais e setenta e cinco centavos), já a

diferença da coleção do SLL — terceiro lugar — para a NP — segundo lugar — é de, aproximadamente, 2 milhões de reais.

Esses números são importantes para que percebamos a dimensão de alunos que essas coleções atingem. O quantitativo de estudantes que terão nessas obras a principal fonte de contato com a literatura, com os autores, autoras e suas obras. Outrossim, outro aspecto relevante, nesse sentido, é a estruturação dos conteúdos das obras, o modo como cada aspectos do ensino da língua portuguesa vai chegar ao aluno. Desse modo, o sumário de cada livro é um aspecto pertinente a ser analisado:

Quadro 3 - Parte do sumário de *Português Contemporâneo: Linguagem, Interação e Uso* (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016, 1 ed.)

SUMÁRIO

UNIDADE 1 RUPTURA E CONSTRUÇÃO

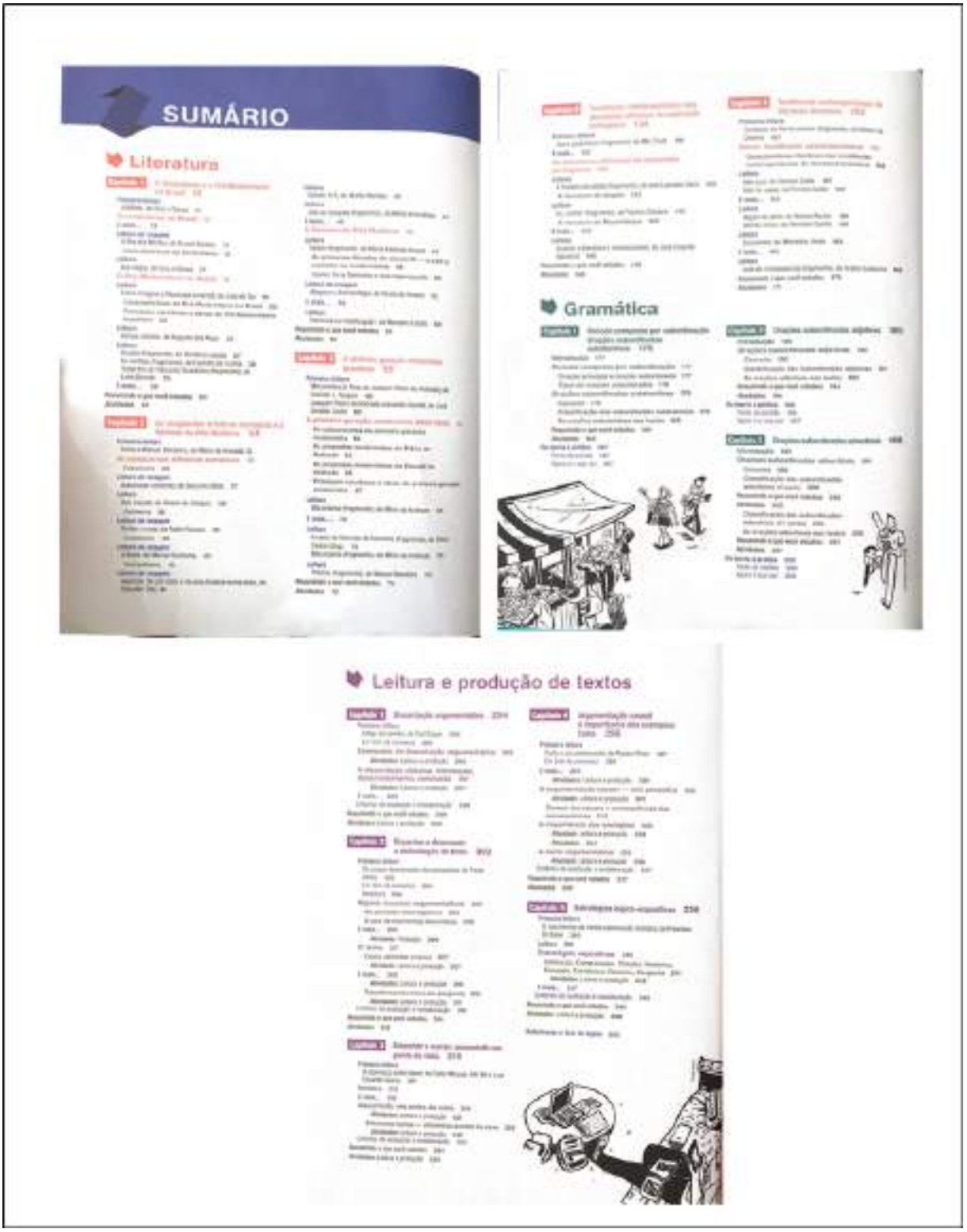
UNIDADE 2 PALAVRA E PERSUASÃO

O livro da editora Saraiva, PC, como podemos observar no quadro acima (quadro 3), se utiliza-se de uma legenda colorida para trazer, dentro do mesmo capítulo, a parte da literatura, da língua e linguagem e da produção textual. Desse modo, durante o estudo do capítulo, o aluno perpassa pelos três aspectos de ensino da língua portuguesa oferecidos pela obra didática em uma sequência, continuadamente.

Quadro 4 - Parte do sumário Novas Palavras (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.)

Já no livro da editora Moderna, SLL, como se observa no quadro acima (quadro 4), os três tópicos da língua portuguesa - que nessa coleção são apresentados como: literatura, produção de texto e linguagem - aparecem separadamente reforçando uma fragmentação ou uma divisão durante o estudo desses aspectos.

Quadro 5 - Parte do sumário de *Novas Palavras* (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.)



Em NP, livro da editora FTD, a divisão é semelhante à do livro *Se liga na língua,* os tópicos são apresentados em capítulos diferentes para o estudo, a diferenciação se dá somente na nomenclatura dos pontos (quadro 5). Apesar de fazerem isso de maneiras diferentes, nos três livros é perceptível uma preocupação em precisar que conceitos da língua portuguesa serão estudados pelos alunos em cada capítulo.

Desse modo, não tendo a presunção de resgatar todas as implicações históricas e culturais que permeiam o entendimento sobre a autoria e suas representações, é significativo para o nosso trabalho abordar alguns aspectos caros à nossa pesquisa a respeito desse termo. Isso se dá, principalmente, pelas peculiaridades autorais que permeiam o livro didático, que vão desde a autoria coletiva às condições de composição, o que fazem com que esse tipo de livro ganhe um formato de autoria singular. Sob essa perspectiva, analisaremos mais a fundo a autoria dos livros em estudo.

6.4 A autoria das obras

Os autores do livro, *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* são: William Cereja, Carolina Dias Viana e Christiane Damien. Cereja[10] é professor de língua portuguesa e autor de mais de 30 obras didáticas de língua portuguesa. Com mestrado em Teoria Literária pela USP e doutorado em Estudos da Linguagem e Análise do Discurso pela PUC-SP, atua na área de educação há mais de 30 anos. Entre suas obras mais importantes estão, *Português: linguagens* (obra do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio), *Todos os textos, Gramática reflexiva, Interpretação de textos* e *Literatura brasileira*. Em 1999, o autor ganhou o prêmio Jabuti na categoria de Melhor Livro Didático do ano; Viana[11] é Doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos de Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), mestre em Linguística Aplicada e graduada em Letras pela mesma Instituição. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, formação continuada, material didático, práticas de ensino, sala de aula e língua materna; Damien[12] é mestre e doutora em letras pela Universidade de São Paulo, publicou os livros *Na senda das Noites: "Os quatro talismãs de Charles Nodier*" e *Les mille et une nuits de Antoine Galland* (Ateliê/Fapesp); teve coautoria na coleção didática de Ensino Médio *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (Saraiva) e tem experiência em orientação de pós-graduação e em formação de professores (modalidade presencial e EAD).

[10] Disponível em: https://portuguescereja.editorasaraiva.com.br/sobre/. Acesso em: 26 de out. de 2021.
[11]Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/505923/carolina-assis-dias-vianna. Acesso em: 24 de out. de 2021.
[12] Disponível em: https://br.linkedin.com/in/christiane-damien-7b368045. Acesso em: 24 de out. de 2021.

Os autores do livro, *Se Liga na Língua,* são: Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi. Ormundo[13] tem graduação em Português e Linguística, mestrado em Teoria Literária e doutorado em Linguística aplicada pela Universidade de São Paulo. É autor de diversos livros didáticos da editora Moderna, além de ser autor também de materiais didáticos relativos a peças teatrais e do livro *Pinóquio no teatro.* Trabalha como diretor pedagógico na escola Móbile. Siniscalchi[14] graduou-se em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (1995), licenciatura em português pela Faculdade de Educação (1995) e mestrado em Teoria Literária (2001), todos pela Universidade de São Paulo. Atualmente é coordenadora de Linguagem e professora titular da Escola Móbile. Produziu coleções didáticas para Ensino Fundamental e Ensino Médio (Editora Moderna e Editora SM) aprovadas no Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Publicou obras paradidáticas pela Companhia Editora Nacional/Lazuli.

Já os autores do livro, *Novas Palavras,* são: Emília Amaral, Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo da Silva Leite e Severino Antônio Moreira Barbosa. Amaral[15] é graduada em letras pela UNESP, mestre em Teoria da Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, doutora em educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Tem ainda um pós-doutorado no Departamento de Estudos Judaicos da USP. Publicou pela Ateliê o estudo introdutório ao livro *O Ateneu*, de Raul Pompéia, além de *O Leitor Segundo G.H. – Uma Análise do Romance* A Paixão Segundo G.H. *de Clarice Lispector*, pela Coleção Estudos Literários; Patrocínio é especialista em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação da UNICAMP e dedica-se à realização de palestras para professores e estudantes universitários; Leite é graduado em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Oswaldo Cruz" e mestre em Letras pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP; e Barbosa[16] é doutor pela UNICAMP, professor há mais de 40 anos, participou de centenas de bancas de Mestrado e Doutorado. Atualmente é professor doutor do Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Palestrante e autor de diversas obras, como a coleção Crescer em Paz: *A Varinha Mágica*, *A Saga do siri sob as estrelas, O Quase* com Katia Tavares, dentre muitas outras.

[13] Disponível em: https://br.linkedin.com/in/wilton-ormundo-b9a299125. Acesso em: 24 de out. de 2021.
[14] Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/3246744/cristiane-escolastico-siniscalchi. Acesso em: 24 de out. de 2021.
[15] Disponível em: https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/77382/emilia-amaral/. Acesso em: 26 de out. de 2021
[16] Disponível em: https://www.escavador.com/sobre/2046797/severino-antonio-moreira-barbosa. Acesso em: 27 de out. de 2021.

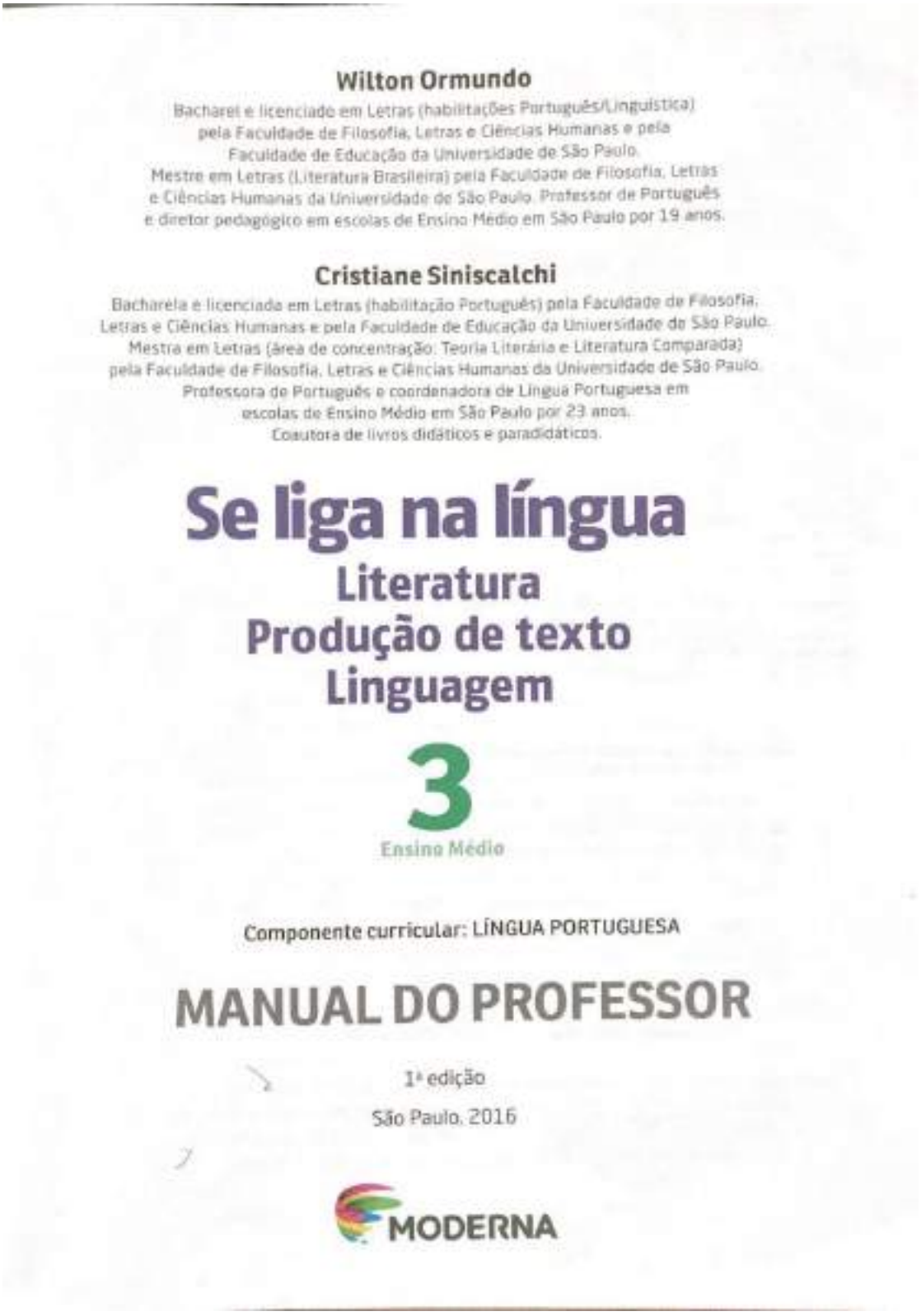
Todos os livros analisados trazem a apresentação de seus autores em destaque na folha de rosto. Nessa exposição há uma ênfase para a formação acadêmica e para a função de professor. A experiência docente na educação básica tem se mostrado como um elemento de suma relevância, para os editores atuais de livros didáticos, no momento da escolha. Porém esse não é um aspecto recente, na segunda metade do século XIX, começa a se observar a valorização das experiências pedagógicas e não somente o "renome", como afirma Bittencourt (2004):

> As biografias dos nomes citados indicam uma diferenciação de formação e experiências quando comparamos com o grupo anterior [...]. Os autores dessa geração possuíam, na maioria das vezes, experiências pedagógicas provenientes de cursos primários, secundários ou de escolas normais voltadas para a educação de professores. A prática pedagógica desses autores refletiu, parcialmente, uma preocupação menos limitada quanto às opções educacionais [...]. (p. 483).

Essa herança é perpetuada pelo livro *Novas Palavras*, pelo *Se Liga na Língua* e pelo *Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso*, como podemos observar nas folhas de rosto de cada livro (Imagem 4, imagem 5, imagem 6). No livro *Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso,* inclusive, a descrição dos autores se inicia com "professor", diferente dos outros que começam com a capacitação profissional. Esse aspecto pode ser analisado como uma tentativa de aproximação dos leitores, os professores, principais avaliadores da coletânea, ante os autores. Aparecendo como o primeiro elemento ou não, o destaque a experiência profissional docente e não somente a formação acadêmica dos autores, soa como uma preocupação em validar os discursos e determinar uma identificação entre os pares.

Imagem 4 - Folha de rosto do livro Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso (CEREJA; DAMIEN; DIAS VIANA, 2016, 1 ed.)

Imagem 5 - Folha de rosto do livro Se Liga na Língua (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, 1 ed.)



Wilton Ormundo

Bacharel e licenciado em Letras (habilitações Português/Linguística) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Professor de Português e diretor pedagógico em escolas de Ensino Médio em São Paulo por 19 anos.

Cristiane Siniscalchi

Bacharela e licenciada em Letras (habilitação Português) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.
Mestra em Letras (área de concentração: Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Professora de Português e coordenadora de Língua Portuguesa em escolas de Ensino Médio em São Paulo por 23 anos.
Coautora de livros didáticos e paradidáticos.

Se liga na língua

Literatura
Produção de texto
Linguagem

3

Ensino Médio

Componente curricular: LÍNGUA PORTUGUESA

MANUAL DO PROFESSOR

1ª edição

São Paulo, 2016

MODERNA

Imagem 6 - Folha de rosto do livro Novas Palavras (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.)

O autor de livro didático brasileiro é uma figura recente na história do nosso país. Surgidos no período da pedagogia nacionalista, em que os autores brasileiros começam a entrar no mercado editorial para colocar em prática o projeto nacionalista, desde então

tiveram que passar por inúmeras adaptações. Bittencourt (2004, p. 477) afirma que, nas últimas décadas, "o papel do autor de uma obra didática tem se modificado em decorrência das inovações tecnológicas impostas pela fabricação do livro", não há mais uma perspectiva de autoria individual, a equipe de pessoas responsáveis pela fabricação do livro cresce a cada dia.

É um trabalho coletivo, além do autor, tem-se os ilustradores, editores, diagramadores, revisores de texto e diversos outros. Assim, quando Bittencourt (2004, p. 477) reitera que "o autor do texto, embora permaneça encabeçando esse conjunto de profissionais, nem sempre é a figura principal", concordamos com ela. Desse modo, no verso da folha de rosto (imagem 7) do livro *Português Contemporâneo: Diálogo, reflexão e uso,* encontramos cerca de 33 profissionais por volume, além dos três autores que assinam a coleção.

Imagem 7 - Verso da folha de rosto do livro *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (CEREJA; DAMIEN; DIAS VIANA, 2016, 1 ed.)

Diretora editorial
Gerente editorial
Editor responsável
Editores
Preparação de texto
Gerente de produção editorial
Gerente de revisão
Coordenador de revisão
Revisores
Produtor Editorial
Supervisor de iconografia
Coordenador de iconografia
Pesquisa iconográfica
Licenciamento de textos
Coordenador de artes
Design e Capa
Edição de arte
Diagramação
Assistente
Ilustrações
Tratamento de imagens
Protótipos
Impressão e acabamento

Editora Saraiva
SAC 0800-0117875
Avenida das Nações Unidas, 7221 – 1º andar – Setor E – Pinheiros – CEP 05425-902

Na coleção *Se Liga na Língua,* podemos contar no verso de sua folha de rosto (imagem 8) aproximadamente 45 profissionais, não contando com seus dois autores.

Imagem 8 - Verso da folha de rosto do livro *Se Liga na Língua* (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, 1 ed.)

Coordenação editorial: Aurea Regina Kanashiro
Edição de texto: Cecília Kinker, José Paulo Brait, Sueli Campopiano
Assistência editorial: Yuri Bileski, Daniel Maduar
Preparação de texto: Silvana Cobucci Leite
Apoio didático-pedagógico: Adelina das Neves Nunes Barros Mendes, Teresa Chaves
Apoio editorial: Diego Marsafe Toscano, Vivian Tammy Tsuzuki
Gerência de design e produção gráfica: Sandra Botelho de Carvalho Homma
Coordenação de produção: Everson de Paula
Suporte administrativo editorial: Maria de Lourdes Rodrigues (coord.)
Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite
Projeto gráfico: Daniel Messias
Capa: Douglas Rodrigues José
Ilustração de capa: colagem digital de Regina Terumi Mizuno, com fotos de Mimagephotography/Shutterstock (rapaz em primeiro plano), Peshkova/Shutterstock (moldura superior), Nayron Photo/Shutterstock (amigos tirando foto), Pixelfive /Shutterstock (moldura inferior), Vitamas/Shutterstock (jovens pulando), Vovan/Shutterstock (textura de papel), Sathit/Shutterstock (livros), Mama_mia/Shutterstock (tablete), Gwengrim/Shutterstock (jardim japonês na tela do tablete), Karuka/Shutterstock (livros), Studio Smart/Shutterstock (guitarra), Pikselstock/Shutterstock (garota com bicicleta), Fotofermer/Shutterstock (muda de árvore), Le Do/Shutterstock (árvore), Michal Stanewski/Shutterstock (Morro Dois Irmãos, em Fernando de Noronha), Aksana Shum/Shutterstock (estampa de fundo)
Coordenação de arte: Patrícia Costa Ribeiro, Wilson Gazzoni Agostinho
Edição de arte: Rodolpho de Souza
Editoração eletrônica: Casa de Ideias, Select Editoração
Coordenação de revisão: Adriana Bairrada
Revisão: Ana Felippe, Ana Maria C. Tavares, Geuid Dib Jardim, Fernanda Marcelino, Leandra Trindade, Luisa Moen, Vânia Cobiaco, Viviana T. Mendes
Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron
Pesquisa iconográfica: Mariana Veloso Lima, Elizete Moura Santos
Coordenação de bureau: Américo Jesus
Tratamento de imagens: Denise Feitoza Maciel, Marina M. Buzzinaro, Rubens M. Rodrigues
Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Fabio N. Precendo, Hélio P. de Souza Filho, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa
Coordenação de produção industrial: Viviane Pavani
Impressão e acabamento: Gráfica e Editora Posigraf Ltda.
CNPJ: 75.104.422/0001-06 - Rua Senador Accioly Filho, 500
CIC - Curitiba - PR - Brasil - CEP: 81.310-000

No verso da folha de rosto da coleção *Novas Palavras* (imagem 9), em número relativamente maior, foi possível perceber a presença de cerca de 60 profissionais, com exceção dos autores que assinaram a coleção.

Imagem 9 - Folha de rosto do livro *Novas Palavras* (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.)

FTD

Copyright © Emília Amaral, Mauro Ferreira do Patrocínio, Ricardo Silva Leite, Severino Antônio Moreira Barbosa, 2016

Diretor editorial: Lauri Cericato
Gerente editorial: Flávia Renata F. A. Fugita
Editora: Angela C. D. C. M. Marques
Editoras assistentes: Ana Paula Figueiredo, Irene Catarina Negro, Maria Aiko Nishijima, Nathalia de Oliveira Matsumoto, Roberta Valeri
Assessoria: Suelen Rocha M. Marques
Gerente de produção editorial: Mariana Milani
Coordenador de produção editorial: Marcelo Henrique Ferreira Fontes
Coordenadora de arte: Daniela Máximo
Projeto gráfico: Juliana Oliveira
Projeto de capa: Bruno Attili
Foto de capa: Thais Falcão/Olho do Falcão
Modelos da capa: André Lopes, Angélica Souza, Beatriz Raielle, Bruna Soares, Bruno Guedes, Caio Freitas, Denis Wittemburg, Eloá Souza, Jardo Gomes, Karina Farias, Karoline Vicente, Letícia Silva, Lilih Moreira, Maria Eduarda Ferreira, Rafael Souza, Tarik Abdo, Thais Souza
Edição de arte: Sonia Alencar e Suzana Massini
Diagramação: Essencial design, Bruna Nunes, Débora Jóia, José Aparecido Amorim, Salvador Consales, Wilamir Miasiro
Tratamento de imagens: Ana Isabela Pithan Maracci
Coordenadora de ilustrações e cartografia: Marcia Berne
Ilustrações: André Gusso, Felipe Nunes, Marcos Guilherme
Coordenadora de preparação e revisão: Lilian Semenichin
Supervisora de preparação e revisão: Viviam Moreira
Revisão: Amanda di Santis, Carina de Luca, Célia Regina Camargo, Juliana Rochetto, Marcella Amada, Veridiana Maenaka
Coordenador de iconografia e licenciamento de textos: Expedito Arantes
Supervisora de licenciamento de textos: Elaine Bueno
Iconografia: Elzete Moura Santos, Gabriela Araújo, Irene Araújo
Diretor de operações e produção gráfica: Reginaldo Soares Damasceno

Esse grande quantitativo de especialistas que fazem parte, direta ou indiretamente, da autoria das coleções dos livros didáticos, auxiliam na padronização desse material, ao mesmo tempo em que legitimam e validam a obra perante os órgãos avaliadores que privilegiam a indústria cultural em relação a uma concepção exclusivista. No mercado editorial de livros didáticos, a autoria coletiva é uma prática bem comum, dentre as onze coletâneas que compuseram o PNLD 2018, somente uma era composta por apenas um autor, a *Português: língua e cultura*, do autor Carlos Alberto Faraco.

Assim, ainda sobre essas autorias coletivas, consideramos importante investigar a ordem que esses nomes aparecem nas capas dos livros didáticos e analisar se há algum critério hierárquico ou não. Para nós, essa relevância se dá pelas relações de gênero estabelecidas nessas coleções, tendo em vista que as três coleções analisadas apresentam autoria mista, com autores e autoras.

Nesse aspecto, observamos diferenças em relação aos critérios adotados pelas coleções: em NP, a opção foi pela ordem alfabética, não sendo estabelecido nenhum critério

hierárquico entre os autores, nem mesmo o da formação acadêmica; em PC a hierarquia surge tanto em uma questão de gênero quanto pelo nível de formação, tendo em vista que além de ser homem William Cereja é doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem na PUC-SP, já Carolina Dias Vianna, na época de publicação do livro, era doutoranda em Linguística Aplicada pela UNICAMP, assim como Christiane Damien que, em 2016, era doutoranda em Estudos Árabes pela USP; em SLL essa hierarquia é somente pela questão de gênero, pois tanto Wilton Ormundo como Cristiane Siniscalchi eram mestres em Letras pela FFLCH-USP no período de publicação das obras, se como critério de diferenciação fosse usado a ordem alfabética, o nome de Cristiane seria o primeiro, caso fosse a experiência profissional do mesmo modo, haja vista que — de acordo com o que nos é apresentado na folha de rosto — como professor e gestor Wilton tem 19 anos de prática docente e Cristiane 23 anos.

Essas questões podem, por outros olhares, serem consideradas como irrelevantes, porém, na verdade, são indicadores do histórico movimento de apagamento/silenciamento da autoria feminina, pois mesmo quando essas autoras "aparecem" são apresentadas com aspecto de inferioridade. E isso não se restringe apenas à autoria do livro didático, mas a Literatura como um todo, como trataremos, em linhas gerais, na próxima seção deste trabalho.

6.5 As obras de autoria feminina nos livro didáticos

Refletir sobre a escrita feminina não significa determinar um critério valorativo em oposição à literatura masculina, porém não se pode ignorar a posição contrária que é ocupada por ela frente à literatura que fala em nome do universal. Esses, bem como outros aspectos já foram discutidos neste trabalho, no entanto, ainda se faz necessária uma investigação mais apurada das obras didáticas que constituem o nosso *corpus*. Dito isso, analisaremos, a presença das vozes femininas, a forma como a literatura produzida por mulheres está configurada, fazendo nesses aspectos um recorte étnico-racial.

Outro aspecto a se considerar é que se nossa pretensão é averiguar como se constitui a presença da voz e da escrita feminina. Dessa maneira, devemos identificar essa presença/ausência partindo do método quantitativo, todavia, sem nos limitarmos a ele, uma vez que, mais significativo do que quantificar a presença dessa voz no material didático é qualificar sua presença.

6.5.1 A voz feminina nos livros didáticos

A representatividade é uma trilha de acesso, importante, a representações mais igualitárias e indispensáveis no sistema de reconhecimento identitário que pode ser propiciado, também, pela literatura — um campo de resistente aceitação da presença feminina, que pode ser, do mesmo modo, território de contrapoder. Já ressaltamos anteriormente que o nosso foco é extrapolar a quantificação, categorização e contagem de vezes que se faz ou não referência a voz feminina e ressaltar a relevância da qualificação da sua presença nessas obras. Assim, consideramos que seria de suma relevância, antes de nos determos à literatura (escrita), um dos eixos centrais da nossa pesquisa, observarmos antes a representatividade da voz feminina como um todo, e voz deve aqui ser entendida como uma abrangência de todas as obras produzidas por mulheres sejam elas literárias ou não.

A voz, ou seja, os textos literários e não literários, verbais e não verbais corresponderam, em linhas gerais, a contos, poemas, pinturas, fotografias, artigos e etc., nos três livros em estudo, desse modo, o primeiro aspecto analisado diz respeito a quantidade de obras de autoria feminina e o mesmo com relação à autoria masculina. No livro PC identificamos um total de 195 obras de autoria masculina, o que corresponde a 84% das obras e 37 obras de autoria feminina, correspondente a 16% do total de 232 obras do livro com autoria identificada, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 1 - Representatividade de gênero das obras - Livro PC

Fonte: Dados produzidos pela autora.

A mesma disparidade em relação ao gênero das obras apontadas em PC, percebemos aqui. Na obra NP, encontramos um total de 279 obras com autoria identificada, dentre as quais, 239 são de autoria masculina, equivalente a 86% e 40 são de autoria feminina, o que equivale a 14% dessas obras (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Representatividade de gênero das obras - Livro NP

Fonte: Dados produzidos pela autora.

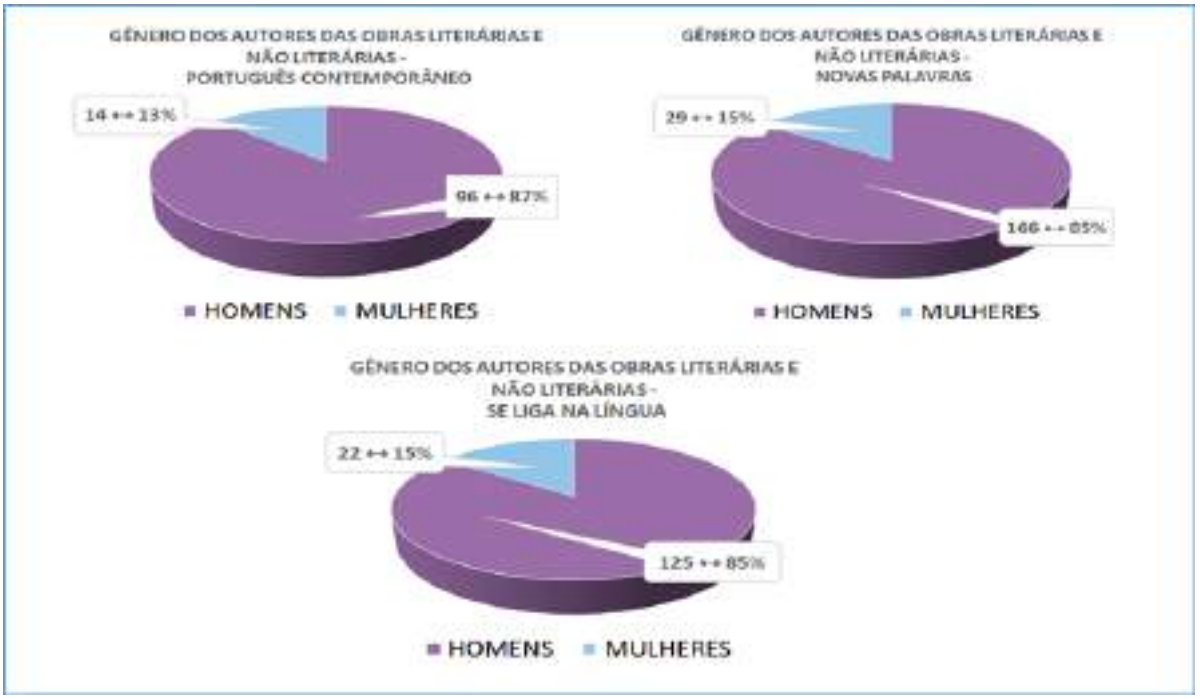
Em SLL a desproporção identificada anteriormente permanece. Nesse caso, identificamos 241 obras, sendo 212 (88%) de autoria masculina e 29 (12%) de autoria feminina, apesar de não se tratar de uma diferença tão representativa, esse é o livro que tem a menor representatividade de obras femininas, como foi destacado no gráfico que segue:

Gráfico 3 - Representatividade de gênero das obras - livro SLL

Fonte: Dados produzidos pela autora.

O que se observa, nos três livros, é um quadro de desequilíbrio flagrante entre obras produzidas por homens e por mulheres. Sob essa ótica, em um segundo momento, quando consideramos a proporção da voz feminina e masculina presente nos materiais didáticos, as ocorrências são muito similares aos resultados obtidos com relação ao quantitativo de obras produzidas por cada gênero. Mais especificamente, o que fizemos aqui, foi eliminar as repetições dos mesmos nomes em obras distintas para verificar quanto da voz feminina ecoa nesses livros didáticos. Assim, encontramos em PC, 13% da voz feminina (14 mulheres), em NP 15% (29 mulheres) e em SLL 15% também (22 mulheres). (Gráfico 4)

Gráfico 4 - Comparativo do gênero dos autores das obras literárias e não literárias nos três livros



Fonte: Dados produzidos pela autora.

De acordo com o último censo realizado pelo IBGE[17] (2010) a população brasileira é em sua maioria feminina. Superando em mais de 3,9 milhões o número de homens, são 97.342.162 mulheres e 93.390.532 homens, o que representa mais da metade da população brasileira. Perante esses dados, supostamente seria lógico que a sua voz se fizesse presente, também, em pelo menos metade das representações femininas nos livros didáticos, tanto em números como em relevância, no entanto, os dados apresentados acima nos mostram o contrário. Nesse sentido, nos deteremos agora à autoria somente dos textos literários presentes nas três obras didáticas, para que compreendamos como esses dados se mostram somente no tocante à literatura.

6.5.2 A escrita feminina nas obras didáticas

Sobre a escrita de autoria feminina nas obras didáticas, decidimos utilizar a mesma sequenciação para análise da voz feminina desenvolvida na seção anterior. O ponto inicial da investigação refere-se à quantidade de textos literários de autoria masculina e o mesmo em relação à autoria feminina. Nos três livros foram identificados tanto textos literários integrais

[17] Disponível em: https://www.ibge.gov.br/. Acesso em: 10 de out. de 2021.

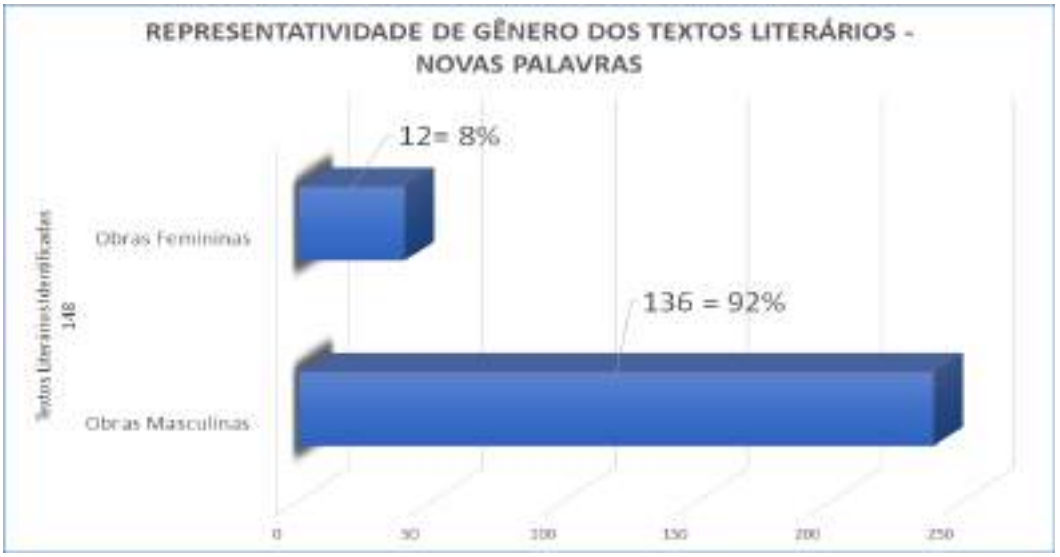
como fragmentados, que basicamente se dividem entre poemas, contos, romances, tirinhas, ensaios. No livro PC encontramos 106 textos literários, desse total, 95, ou seja, 90% dos textos literários adotados são de autoria masculina; e 11 textos, o que corresponde a 10%, são de autoria feminina, como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 5 - Representatividade de gênero dos textos literários - Livro PC

Fonte: Dados produzidos pela autora.

Em NP, observamos um total de 148 textos literários, dentre eles, 136 de autoria masculina, 92% e 12 de autoria feminina, correspondendo a 8% dos textos literários escolhidos que foram escritos por mulheres. (Gráfico 6)

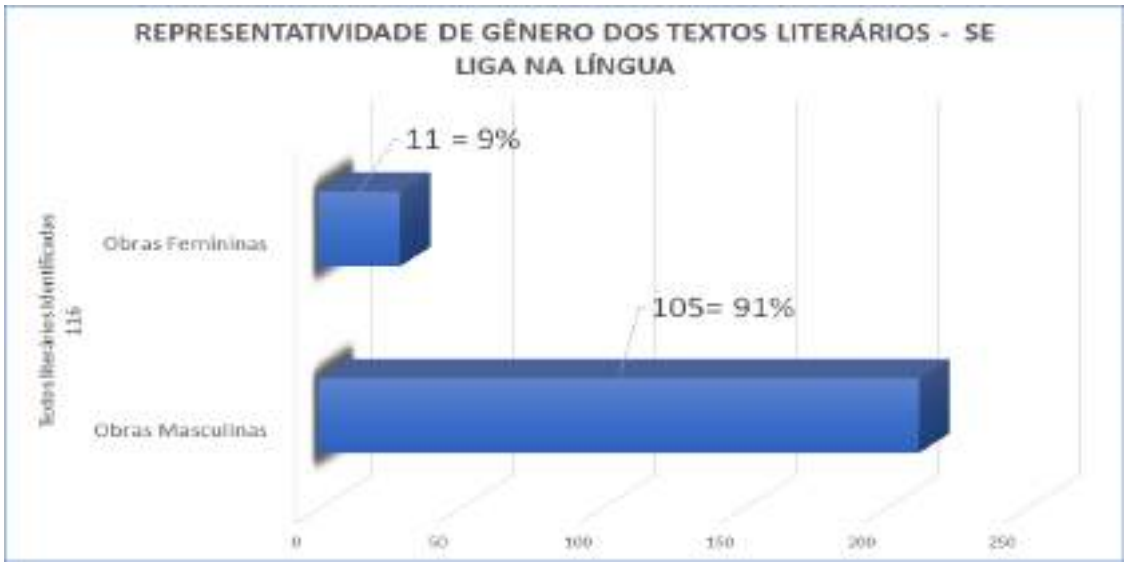
Gráfico 6 - Representatividade de gênero dos textos literários - Livro NP



Fonte: Dados produzidos pela autora.

No livro SLL, a realidade não se distancia tanto e encontramos 105 textos literários escritos por homens (91%) e 11 escritos por mulheres (9%), do total de 116 textos literários adotados pelos autores do livro em questão, como pode ser observado no gráfico a seguir:

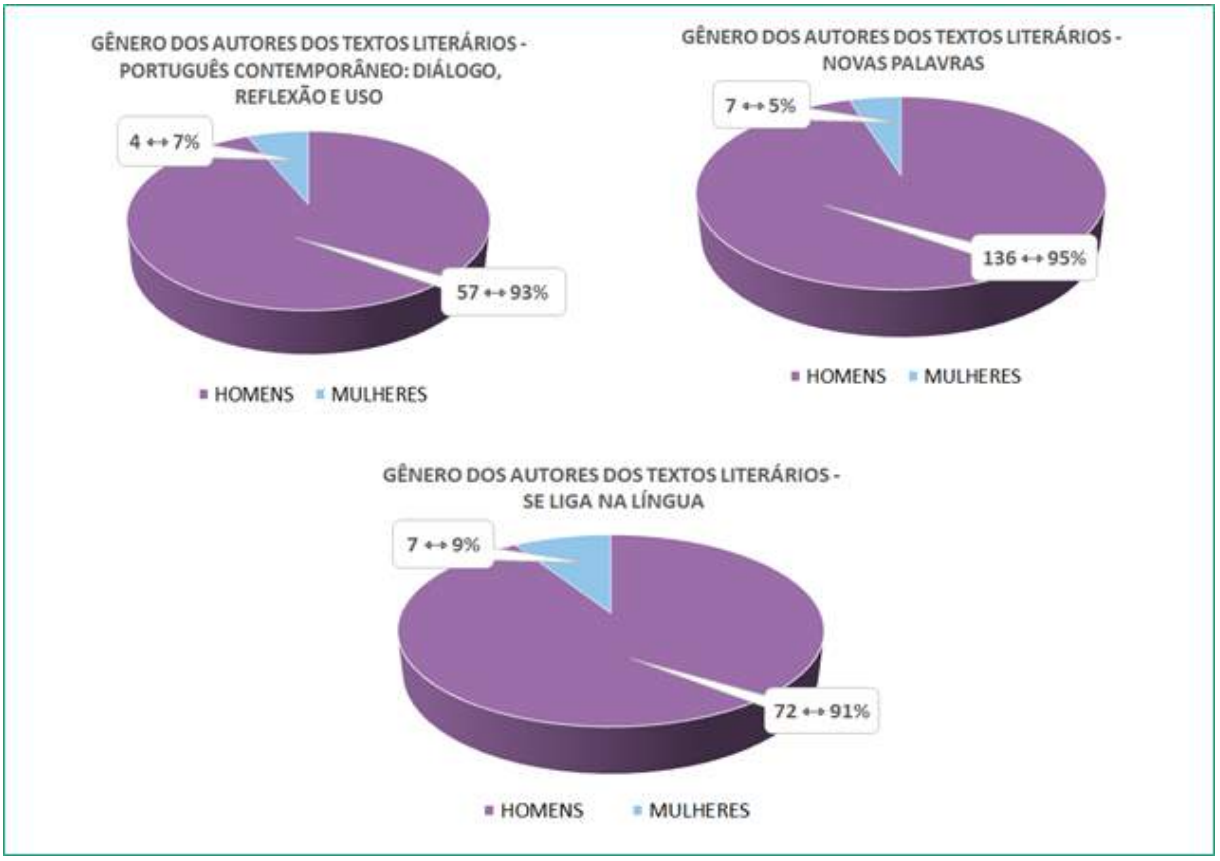
Gráfico 7 - Representatividade de gênero dos textos literários - Livro SLL



Fonte: Dados produzidos pela autora.

Nesse primeiro comparativo desta seção, o que se observa é que os resultados obtidos com relação ao gênero dos textos literários tem-se uma grande similaridade com os dados coletados com relação ao gênero das obras no geral. Assim se ancorando no método já utilizado, analisaremos a proporção entre autoria feminina e masculina, desta maneira, verificaremos que nomes de autores aparecem nas coleções, desconsiderando a repetição desses mesmos nomes em textos distintos, porém dessa vez apenas com os textos literários. Dentre essas repetições, os nomes de autores que se destacam, nas três obras, são os de Carlos Drummond de Andrade (5 textos/trechos em PC - 9 em NV - 4 em SLL) e de Oswald de Andrade (7 textos/trechos em PC - 4 em NP - 3 em SLL); com relação a autoria feminina os nomes que se repetem em todos os livros são os de Clarice Lispector (4 trechos/textos em PC - 5 em NP - 3 em SLL) e de Laerte (3 HQs em PC - 1 tirinha em NP - 1 tirinha em SLL). Ter somente uma autora em comum aos três livros é um refletor dos números representados no gráfico comparativo abaixo:

Gráfico 8 - Comparativo do gênero dos autores dos textos literárias nos três livros



Fonte: Dados produzidos pela autora.

Em PC, nos deparamos com 4 autoras (7%), em NP, 7 autoras (5%) e em SLL, 7 autoras (9%). A similaridade dos dados reitera que a discrepância entre a autoria masculina e feminina permanece com relação ao gênero dos autores dos textos literários que compõem as obras didáticas. Dessarte considerando esses dados, analisaremos quais são essas escritoras de textos literários retratadas pelos livros didáticos em questão. A tabela abaixo mostra as autoras identificadas nas obras didáticas. (Tabela 2)

Tabela 2 - Escritoras de textos literários contempladas pelos livros didáticos - PC, NP e SLL

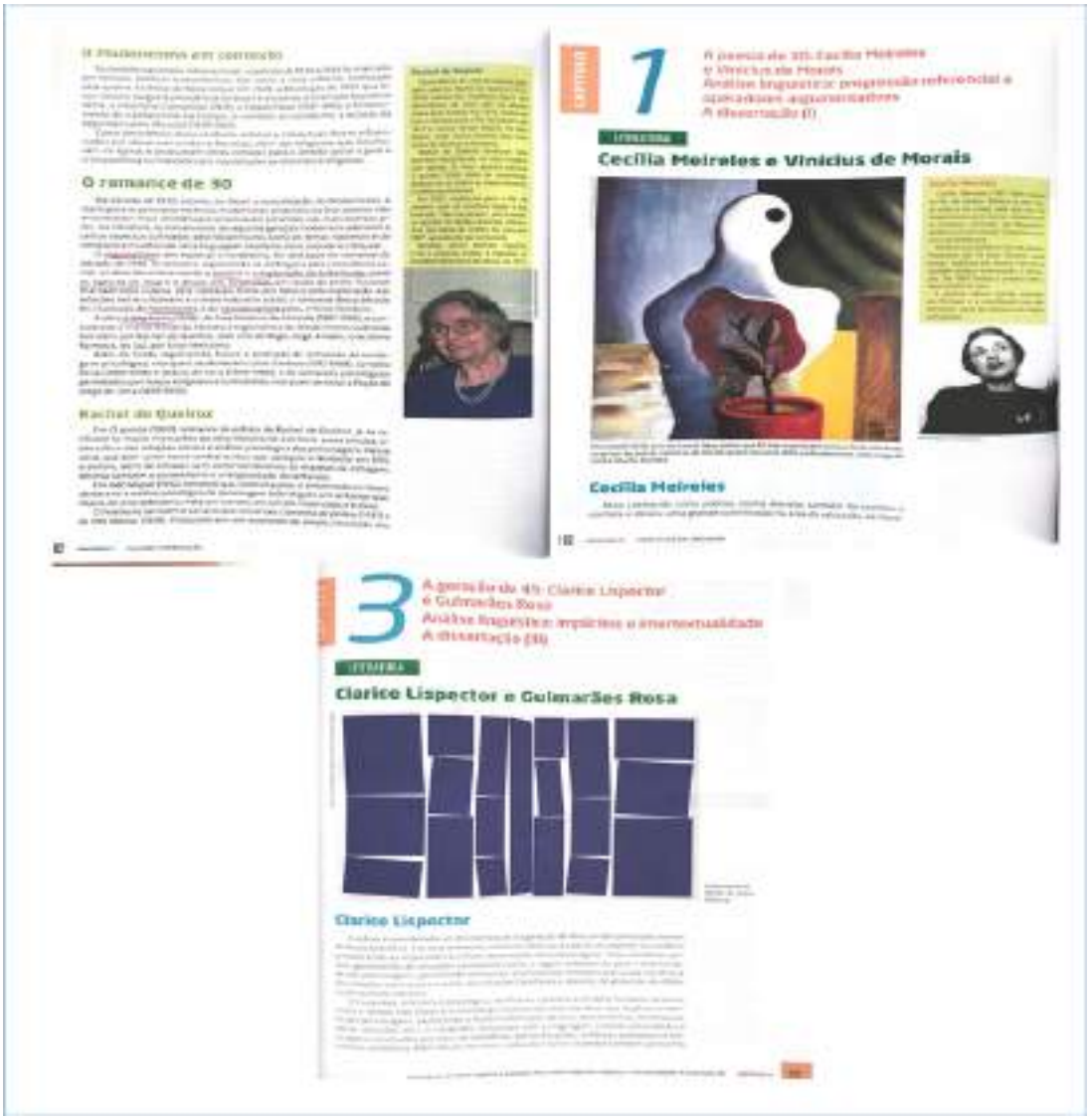
Escritoras de textos literários presentes apenas em: Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso.	Escritoras de textos literários presentes apenas em: Novas Palavras	Escritoras de textos literários presentes apenas em: Se liga na Língua
Cecília Meireles	Alice Ruiz	Ana Cristina César
Clarice Lispector	Cecília Meireles	Adélia Prado

Laerte	Clarice Lispector	Luíza Antunes
Lygia Fagundes Teles	Laerte	Rachel de Queiroz
	Leila Perrone-Moisés	Clarice Lispector
	Maria Adelaide Amaral	Clara Gomes
	Paulina Chiziane	Laerte

Considerando as repetições que ocorrem devido às escritoras em comum nas obras didáticas, temos, portanto, um total de 13 nomes para representar a literatura feita por mulheres, no Brasil, principalmente, o do século XX. Por fim, foi analisado, ainda, quais escritoras são propostas para estudo ou são destacadas, somente, na seção de literatura de cada livro didático. Pois na parte destinada à literatura nos livros didáticos, comumente, há a caracterização de um dado momento ou fase da literatura, desse modo, os autores considerados como os mais relevantes desse período são destacados, por meio da sua vida e obra, muitas vezes não há textos literários desses autores, somente a menção de sua vida e obras de mais destaque, por isso a relevância desse recorte.

Assim, na parte destinada à literatura em PC, encontramos três escritoras (Quadro 6). A primeira, Rachel de Queiroz, é apresentada como pertencente a geração de 30 do Modernismo brasileiro, e há um destaque para sua vida e suas obras mais relevantes são citadas, porém não há nenhum trecho de um texto seu no livro; a segunda, Cecília Meireles, é apresentada como pertencente a poesia de 30 do Modernismo brasileiro, há um destaque para sua vida, suas obras são citadas e dois poemas seus são apresentados; a terceira é Clarice Lispector, apresentada como pertencente a geração de 45 do Modernismo brasileiro, sua vida é destacada, suas obras mais relevantes também, e um conto seu é apresentado.

Quadro 6 - Autoras apresentadas na seção de literatura do livro PC

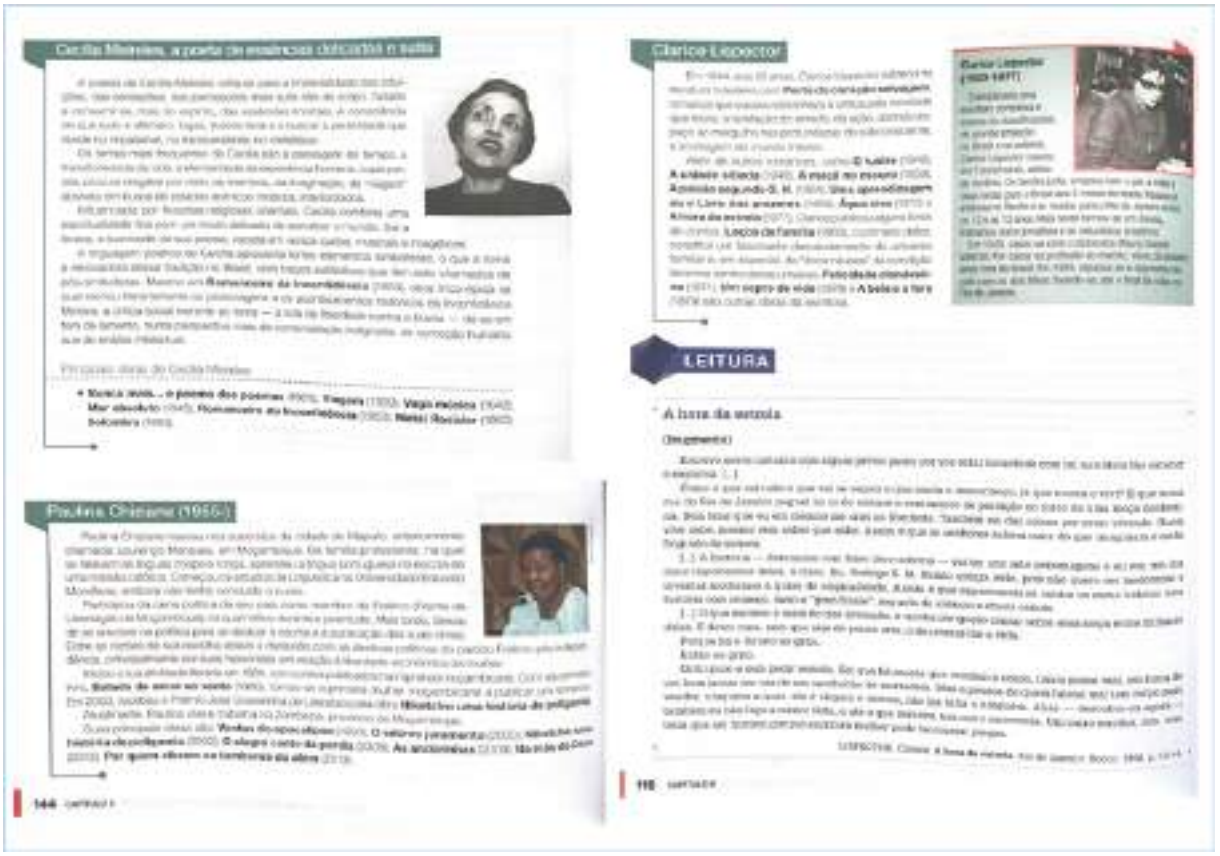


Em SLL, assim como em PC, identificamos três autoras, na seção de literatura (Quadro 7). Inicialmente o nome que aparece é o de Rachel de Queiroz, há a apresentação de sua vida e obra, um trecho de um romance seu e uma atividade sobre ele; em seguida, a autora que é apresentada é Clarice Lispector, há um box falando sobre sua vida e obra, uma parte falando sobre suas características e outra destacando suas obras mais relevantes, há também três trechos de três obras, uma sinopse de cada uma e uma atividade sobre elas; por último é apresentada Adélia Prado, onde há um trecho falando sobre sua vida e obra e um poema de sua autoria.

Quadro 7 - Autoras apresentadas na seção de literatura do livro SLL

Em NP, livro de maior expressividade de autoras na parte destinada à literatura, identificamos a presença de seis autoras (Quadros 8 e 9). Cecília Meireles, a primeira, aparece com uma explicação sobre sua vida, características e principais obras e ainda uma poesia sua; Clarice Lispector, a segunda, também é contemplada com praticamente os mesmos aspectos, uma apresentação de sua vida e obra, um fragmento de uma obra sua e duas atividades sobre essa obra; a próxima, Paulina Chiziane tem um quadro sobre sua vida e obra e é apresentado um ensaio seu; Hilda Hilst, também aparece só que em menor proporção, apenas com um box sobre sua vida e obra; a quinta autora a figurar nessa obra, é Lygia Fagundes Telles, suas principais obras são citadas, e é apresentada a capa de uma delas; e a última, Patrícia Melo, é citada, junto de duas obras suas, quando o livro apresenta diversos autores sobre a prosa da década de 1980.

Quadro 8 - Autoras apresentadas na seção de literatura do livro NP (Parte 1)



Quadro 9 - Autoras apresentadas na seção de literatura do livro NP (Parte 2)

Com esse recorte, o que observamos é que, em todos os livros estudados, são apresentadas escritoras, mas seus textos literários, por vezes, não são contemplados. Essa ausência da literatura escrita por mulheres, pode ser justificada ora pelo cânone — que como já muito discutido neste trabalho — não as privilegiou, ora pelo aumento dos custos na produção dos livros que possuem autoras, tendo em vista que, muitas delas ainda não possuem direitos autorais. Inclusive, Cereja (2016) — autor do livro PC, aqui analisado — cita, em um artigo publicado no seu blog, intitulado: "Dificuldades de um autor didático (I): quanto custa utilizar um texto alheio numa obra didática?", a objeção em utilizar os poemas de Cecília Meireles, por exemplo, "em razão das dificuldades impostas pelos herdeiros às editoras de livros didáticos." Este cenário só corrobora para uma representatividade masculina, branca e conservadora.

Ainda assim, Cecília Meireles tem dois poemas seus em PC e um em NP, já a obra SLL não menciona a autora ou traz obras suas. Assim, de acordo com os dados desse último ponto analisado, na seção de literatura dos três livros são apresentadas 8 escritoras e 11 textos literários de autoria feminina. Esse é o panorama de invisibilização da escrita de autoria feminina, e quer ele seja proposital ou não, são esses os livros didáticos com os quais nossos alunos do 3º ano do ensino médio estão entrando em contato.

O roteiro analítico desenvolvido até aqui pontua, dentre outras coisas, o ostracismo da literatura produzida por mulheres, principalmente, da literatura produzida por mulheres negras. Desse modo, se faz relevante analisar a ponte que é feita nesses livros entre o pertencimento de gênero e a afirmação étnico-racial.

6.5.3 A voz e a escrita feminina negra nos livros didáticos

As implicações etnico-raciais são um outro elemento que está intrinsecamente associado à questão de gênero quando falamos em autoria. A Lei 10.639, desde sua implantação em 2003, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino Fundamental e Médio a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", essa ação deveria representar uma notória mobilização em prol da visibilidade da mulher negra e da sua voz, porém não é o que vem acontecendo, pelo menos não nas páginas dos livros aqui analisados.

Nas obras didáticas *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* e *Se liga na língua*, não há nenhum texto literário de nenhuma autora negra, na obra *Novas Palavras*, há um ensaio da escritora moçambicana Paulina Chiziane. Analisando esse aspecto sob uma ótica mais abrangente, se observarmos todas as obras contidas nos livros e não somente os textos literários, em SLL encontramos um artigo da jornalista Daniela Luciana, em NP um fragmento de um artigo de Rita Chaves ― além da obra já citada de Chiziane ―, já em PC nem assim encontramos uma obra escrita por uma autora negra.

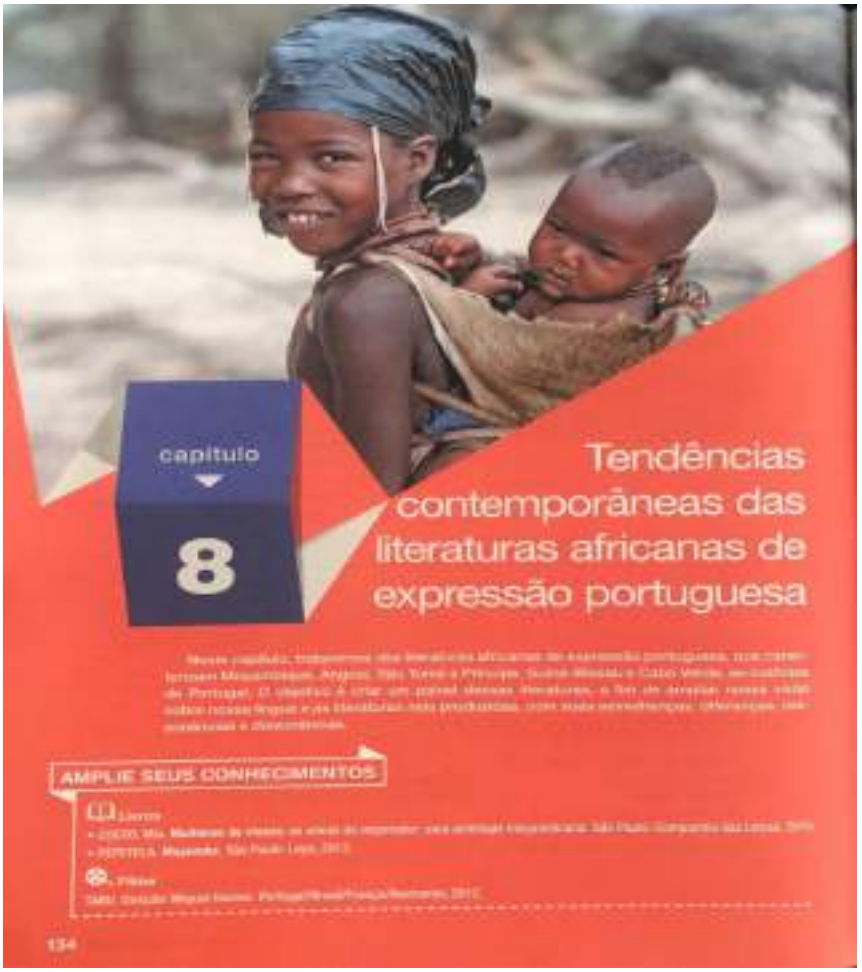
Dois dos três livros possuem capítulos direcionados somente à literatura negra, em PC e em NV. Em PC, como podemos observar na imagem abaixo (imagem 10) o capítulo se chama "Literaturas africanas de língua portuguesa e literatura negro-brasileira", Cereja, Dias Vianna E Damien (2016), trazem em onze páginas aspectos da literatura negra, angolana, moçambicana e brasileira, por meio de textos dos autores Viriato da Cruz, José Craveirinha, Adão Ventura, Márcio Barbosa, Agostinho Neto e Cuti, respectivamente. Ainda, é importante ressaltar que, em outros momentos do livro ele traz nomes como, Ondjaki, Carlinhos Brown, Lima Barreto e Edu Ribeiro, o primeiro angolano, os demais brasileiros, que com exceção do último trazem a temática étnico-racial em seus textos. Com este recorte, o que se observa é que, as autoras, brasileiras ou não, negras ou brancas que abordam questões étnico-raciais em seus textos, foram totalmente excluídas.

Imagem 10 - Página de apresentação do capítulo 3, da unidade 4 do livro *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (CEREJA; DAMIEN; DIAS VIANA, 2016, 1 ed.)

Em NV, o capítulo tem o título "Tendências contemporâneas das literaturas africanas de expressão portuguesa", como podemos observar na imagem abaixo (imagem 11), em suas dezoito páginas, os autores buscam apresentar as literaturas de expressão portuguesa, que caracterizam Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde. Para tanto, utilizam as obras dos autores Mia Couto, José Luandino Vieira, Ondjaki, Pepetela, Paulina Chiziane e José Eduardo Agualusa, respectivamente. Dentre os seis escritores veiculados por este capítulo do livro, há dois negros (Ondjaki e Chiziane), uma mulher (Chiziane) e um afro-luso-brasileiro (José Eduardo Agualusa). É válido ressaltar, ainda, que em outros momentos do livro aparecem como representações da literatura negra, obras de Cruz e Sousa, Lima Barreto e um ensaio de MV Bill. Demonstrando, nesse sentido, que o recorte adotado por esta obra, mesmo que infimamente, corresponde à Lei nº 10.639, ainda que a apresentação de somente uma autora negra, não brasileira e um autor

afro-luso-brasileiro, que retrata questões étnico-raciais em seus textos não possam ser considerados como o ideal do que deveria ser apresentado aos alunos nesse aspecto.

Imagem 11 - Página de apresentação do capítulo 8, seção de literatura, do livro *Novas Palavras* (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016, 3 ed.)



Em SLL, diferentemente do que acontece nos demais livros didáticos, não há um capítulo destinado à literatura negra, mas um capítulo destinado à literatura em língua portuguesa que perpassa por essa temática. O capítulo é intitulado "Literatura em Língua Portuguesa: um pouco de Moçambique, Cabo Verde, Portugal e Brasil" e como podemos observar na página inicial do capítulo na imagem abaixo (imagem 12), seu percurso perpassa por sete autores, Luís Bernardo Honwana, Baltazar Lopes da Silva, José Saramago, Adélia Prado, Milton Hatoum, Antonio Cícero e Marcelino Freire. Faz-se importante ressaltar, ainda, que em outros momentos do livro aparecem as obras de Ondjaki, autor angolano que retrata em suas obras a temática étnico-racial, Lima Barreto, autor brasileiro, que apesar de retratar

essa temática em algumas obras suas, a que é apresentada no livro, *Triste fim de Policarpo Quaresma,* não versa sobre esse aspecto e Machado de Assis, autor brasileiro negro, que não ressalta essa discussão em suas obras. Portanto, sobre a literatura negra, o livro faz um recorte que traz uma ínfima representação dos autores brasileiros, brancos ou não que abordam questões étnico-raciais em seus textos e ignora autoras, brasileiras ou não, brancas ou não, que tratem sobre essa mesma temática em suas obras.

Imagem 12 - Página de apresentação do Capítulo 8, da seção de literatura, do livro Se Liga na Língua (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016, 1 ed.)

Conceição Evaristo (2009), fala sobre esse não reconhecimento da escrita afro-brasileira nos livros didáticos, como foi possível ser observado, principalmente, em PC e SLL, a língua e a linguagem são marcados como espaços não negociáveis da cultura dominante sob a cultura negra. Mesmo em face da diversidade do sistema literário brasileiro, a autora reforça a importância das obras didáticas na legitimação e difusão de nomes

importantes da literatura afro-brasileira. E desse modo, reforça que: "A literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares. Muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira (EVARISTO, 2009, p. 27).

A democratização dos espaços, por si só, não é suficiente, estamos falando da importância de democratizar os discursos, sobretudo, aqueles não reconhecidos pela literatura canônica. A afirmação étnico-racial e de gênero pela escrita é um fator, também, oportunizado pelo livro didático, mesmo não sendo ele o único elemento de difusão e apropriação desses aspectos de representatividade social.

7 PRODUTO DIDÁTICO PEDAGÓGICO

Giroux (1997) reitera que as escolas não são ambientes neutros e que os professores são os principais intelectuais com o poder da transformação, e precisam "tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico" (p. 163). Desse modo, é de suma importância que pensemos e levemos em consideração o caráter político da profissão docente, do trabalho do docente. Tendo em mente que essa atividade precisa ser vista como projeto social, projeto este que transcende as questões do ensino, que tem uma preocupação emancipatória de busca da transformação social.

Nesse sentido, é preciso que pensemos os Produtos Educacionais como instrumentos de reflexão tanto dos elementos da prática educativa, como das suas possibilidades de transformação, no que tange ao ensino e à sociedade. É de grande relevância a aproximação da produção acadêmica com a prática docente. E é justamente pensando nessa aproximação que buscamos aliar as questões encaminhadas por esse projeto a um produto educacional que possa se caracterizar como instrumento de transgressão às hegemonias das editoras e dos livros didáticos.

Assim a proposta de produto educacional a ser desenvolvida se enquadra como Material Didático/Instrucional, que de acordo com o Relatório do Grupo de Trabalho Produção Tecnológica da CAPES, se define como, "produto de apoio/suporte com fins didáticos na mediação de processos de ensino e aprendizagem em diferentes contextos educacionais (impressos, audiovisuais e novas mídias) " (BRASIL, 2019b).

> [...] são propostas de ensino, envolvendo sugestões de experimento e outras atividades
> práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual, como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários; mídias educacionais, como vídeos, simulações, animações, videoaulas, experimentos virtuais e áudios; objetos de aprendizagem; ambientes de aprendizagem; páginas de internet e blogs; jogos educacionais de mesa ou virtuais, e afins; entre outros (BRASIL, 2019b)

Desse modo, tenciona-se o desenvolvimento de um material, com intervenções didáticas, direcionadas aos professores e professoras . A proposta é construir um **material de suporte didático** que os auxilie no preparo às aulas, que traga leituras, atividades e

ferramentas tecnológicas ou não que subsidiarão o docente e que se alinharão ao objetivo principal da dissertação que trata da relevância da representatividade feminina nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

Trata-se de uma proposta de suporte e auxílio no desenvolvimento das aulas baseado no sistema de **Trilhas de Aprendizagem**. A metodologia a ser utilizada, ancora-se, principalmente, no modelo proposto por Walker (2007) em seus estudos. Assim, o material de suporte será composto por cinco trilhas, cada uma apresentará uma autora de grande relevância para a literatura, mas não contemplada pelo cânone, trazendo atividades, leituras e metodologias construídas com base nas obras e escritos da autora elencada pela trilha. O corpo desse instrumento pedagógico contará com sete seções que nortearão o professor para o desenvolvimento da aula.

A primeira seção volta-se para uma apresentação do material construído para o professor, de modo que ele se familiarize com cada etapa proposta; a segunda, intitulada *Ponto de Encontro,* apresenta ao aluno a autora cujas obras serão retratadas na proposta de aula que segue, uma ambientação do que vai ser trabalhado durante a aula e o que se espera que ele aprenda dentro daquele conteúdo; a terceira, *Botando o Pé na Estrada*, traz uma espécie de predição, com sugestões e ideias que norteiem o professor na apresentação do conteúdo e provoquem e instiguem o aluno a interagir.

Lendo as Paisagens da Trilha, é a quarta parte e apresenta ao aluno uma obra ou textos da autora trabalhada, sugerindo aportes de como o professor pode trabalhar essa leitura em sala de aula; a quinta seção, *Explorando a Trilha*, mostra de forma sucinta e objetiva como o professor pode abordar a obra lida, trazendo pontos que ajudarão na contextualização, interpretação e socialização da obra; *Resolvendo os Desafios da Trilha,* a sexta parte, conta com uma sugestão de atividade para o aluno sobre o conteúdo trabalhado na aula; na sétima e última seção, *A Trilha na Web,* sugere mídias, sites e outros elementos onde a autora e suas obras podem ser encontradas.

Nesse sentido, faz-se relevante trazer experiências de ensino planejadas, a fim de otimizar a absorção do conhecimento por parte dos alunos, o que deve servir como uma espécie de convite aos estudantes a conhecer e interpretar autoras e histórias que seguem em contramão a literatura universalizante e patriarcal que perpassa o cânone ocidental. A proposição é de que as leituras a serem contempladas ultrapassem e complementem as lacunas, no que diz respeito a literatura de autoria feminina, dos livros didáticos. Que sejam

apresentadas em consonância com o conteúdo de Literatura e Língua Portuguesa proposto pelo atual Currículo Educacional Brasileiro, favorecendo uma leitura valorativa e igualitária da literatura.

A relevância de uma proposta como essa, se dá no sentido de promover mais debates sobre a importância de as mulheres conquistarem seus espaços e se sentirem reconhecidas e valorizadas em suas trajetórias. À medida que mais leitores acessam obras produzidas por mulheres, mais estereótipos são derrubados, outras vozes podem ser ouvidas, e mais pessoas podem sentir-se representadas. A utilização de um material desse tipo para o preparo das aulas de Literatura pode se apresentar como importante ferramenta de trabalho para o professor. Desse modo, é de grande relevância também que compreendamos de que modo As Trilhas de Aprendizagem podem colaborar nesse processo de apresentação e aquisição dessa literatura produzida por mulheres.

7.1 As trilhas de aprendizagem

As Trilhas de Aprendizagem são comumente utilizadas por empresas como alternativa inovadora para o desenvolvimento profissional. Contrariando as corriqueiras grades de treinamento que possuíam orientação de obrigatoriedade, são geralmente vinculadas ao desenvolvimento de um cargo específico, o conceito de trilhas surge para conciliar as necessidades das companhias com as aspirações de seus funcionários, assegurando uma espécie de autonomia para as pessoas.

Na educação, esse conceito ganha força com o surgimento da pandemia do COVID-19, com o isolamento social e consequente fechamento das escolas, essa foi uma das metodologias encontradas pelas instituições educacionais e professores para o ensino remoto. O propósito era criar um material em que se pudesse aliar o desenvolvimento da autonomia do aluno com a utilização de metodologias ativas, que possibilitasse ainda, estratégias para o engajamento dos alunos. Para Walker (2007), as trilhas de aprendizagem podem ser entendidas como ações que são estruturadas para estabelecer conexões, uma sequenciação ou uma organização capaz de gerar uma aprendizagem significativa.

Se pensarmos no sentido literal, o termo trilha pode ser entendido como ato ou efeito de trilhar, como caminho estreito, normalmente entre vegetação ou como um rastro deixado por humanos ou animais. No sentido figurado, pode ser um modelo, um exemplo a ser

imitado, podendo ainda ser compreendido como um trajeto, um itinerário, uma receita a ser elaborada, uma prescrição. Logo uma trilha de aprendizagem pode funcionar como um itinerário que o professor pode seguir rumo a aquisição de conhecimento dos alunos.

Essa metodologia de ensino se baseia na proposição de uso de diversas ferramentas de aprendizagem, pois entende-se não ser preciso utilizar apenas uma técnica de ensino dentro de sala de aula, afinal, os estudantes estão sujeitos a consumir conteúdos por diversos meios, o que em muitas realidades pôde ser observado por conta da pandemia. O ensino remoto nos anos de 2020 e 2021, colocou a tecnologia como aliada no aprendizado, permitindo que se proporcionasse um ensino mais estimulante para os alunos, porém as práticas já conhecidas no ensino, não podem e nem devem ser esquecidas ou tratadas como secundárias, as trilhas de aprendizagem propõem exatamente essa junção.

Segundo o pensamento de Walker (2007) esse recurso didático pode ser um conjunto de objetos de aprendizagem - livros, recursos multimídias como áudios, vídeos, animações, imagens e recursos digitais como sites, drivers, aplicativos - que são organizados em uma sequência que deverá compor as trilhas de aprendizagem. Caminhos alternativos e flexíveis que propõem o desenvolvimento e aquisição de habilidades, um mapa de oportunidades, em um percurso permeado por diversas formas de aprendizagem.

As TAs, então, reúnem distintas formas de se aprender e ensinar em um único sistema de busca pelo conhecimento. Pois, como afirma Walker (2007) “[...] existem muitas variações possíveis. Trilhas podem ser criadas explicitamente sobre tópicos específicos ou geradas após o fato a partir de dados capturados de pontos de interesse aleatórios. O significado é feito e o conhecimento é construído conectando esses objetos de aprendizagem individuais em uma representação coerente - geralmente narrativa.”

Desse modo, trata-se de um conjunto integrado e sistemático de ações de desenvolvimento que recorrem a múltiplas formas de aprendizagem. Ou seja, uma sequência de atividades elaboradas em diferentes mídias com o objetivo de serem complementares entre si e de construírem o conhecimento a respeito de um tema. Trabalhar com as trilhas de aprendizagem em um contexto escolar pós-pandemia, torna-se relevante ao passo que estaremos encontrando alunos adaptados a um ensino completamente atrelado às tecnologias, estudantes que vivenciaram por mais de um ano uma aprendizagem através das metodologias ativas. A proposição de um material que alie o material físico e o tecnológico/ digital é de grande valia para a readaptação que os nossos alunos passarão no seu retorno integral para a

sala de aula. Assim, do mesmo modo que é importante que compreendamos sua estruturação e sua relevância metodológica, entender o porquê e quais autoras foram escolhidas para terem suas obras trabalhadas nesse material se faz pertinente também.

7.2 As autoras escolhidas

É preciso que ouçamos diferentes vozes para construirmos uma história cada vez mais rica, complexa e igualitária, assim poderemos rever o que sabemos sobre o nosso passado e questionar certezas que foram cristalizadas pelos discursos tradicionais do patriarcado. O material de suporte pedagógico aqui proposto versa sobre isso ao propor o estudo de cinco autoras que publicaram suas obras no século XX e início do século XXI – Gilka Machado, Patrícia Galvão, Carolina Maria de Jesus, Hilda Hilst e Conceição Evaristo – mas que devido a fatores como seu gênero e o caráter por vezes transgressor de seus textos, não foram incluídas nas histórias literárias e estudos posteriores. Essa escolha se deu pela importância das obras dessas autoras para o período e também por ser a fase literária abordada pelos livros analisados, nesse sentido conhecer sobre a vida e obra das mesmas se faz importante.

7.2.1 *Gilka Machado*

Nascida no Rio de Janeiro em 12 de março de 1893, era filha de Hortêncio da Gama Souza Melo, e de Thereza Christina Moniz da Costa. A romancista e poeta brasileira, Gilka da Costa de Melo Machado[18], tinha a arte no sangue, sua mãe era artista de rádio e teatro e seu avô materno Francisco Moniz Barreto era poeta repentista e ficou conhecido como o "Bocage brasileiro", sendo inclusive, homenageado como patrono da cadeira de nº 13, da Academia de Letras da Bahia.

Gilka começou a escrever muito jovem e aos 13 anos de idade ganhou o seu primeiro prêmio literário, em um concurso realizado pelo jornal A Imprensa. Seu primeiro livro foi

[18] FANGUEIRO, Maria do Sameiro. Gilka da Costa Melo Machado. **Biblioteca Nacional Digital Brasil**, 2021. Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/gilka-da-costa-de-melo-machado/. Acesso em: 20 de out. de 2021.

publicado em 1915 e chamava-se *Cristais Partidos*. Em 1922 publicou *Mulher nua* e em 1923, organizou e publicou *Divino inferno*, obra póstuma de seu esposo Rodolpho Machado. Em 1928, publicou *Meu glorioso pecado*.

Com a morte de seu esposo, tendo dois filhos para criar, Gilka abriu uma pensão que era frequentada por intelectuais e artistas. Em 1931, publicou *Carne e Alma,* em 32 teve seus poemas traduzidos para o espanhol em um livro intitulado *Sonetos y poemas* que foi organizado e publicado pelo boliviano Gregório Reynolds. Em 1933, a poeta foi aclamada como a maior poetisa brasileira, através de um concurso promovido pela revista O Malho. Com grande margem de votos, concorreram com ela a este prêmio, cerca de 200 intelectuais.

Em 1938, publicou *Sublimação* e nove anos depois, em 1947, *Meu Rosto*. Em 1968, teve sua obra reunida na sua primeira antologia, *Velha poesia*, a segunda foi publicada em 1978, com o título *Poesias completas*. Em 1976, escreveu seu último poema, *Meu menino*, em homenagem ao filho Hélios, após o seu falecimento. Neste mesmo ano foi convidada por Jorge Amado a ingressar na Academia Brasileira de Letras, caso tivesse aceitado teria sido a primeira mulher a entrar para a instituição.

Em 1979, recebeu o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pela publicação do volume *Poesias Completas*. Em 8 de dezembro de 1980, faleceu, no Rio de Janeiro, aos 87 anos de idade. Gilka Machado não era da elite, foi criada no meio artístico, mas não em salões literários. Sendo mulher e com uma condição social inferior à de outras escritoras da época, teve sua obra incompreendida pela crítica da época, que a considerou como pornográfica e pouco erudita. Gilka teve o eu-lírico de suas poesias confundido e associado erroneamente à sua vivência, ainda assim, utilizou o machismo que enfrentou como fortalecimento da sua poesia.

7.2.2 *Patrícia Galvão (Pagu)*

Patrícia Rehder Galvão[19], mais conhecida como Pagu, nasceu no dia 9 de junho de 1910 em São João da Boa Vista, São Paulo. Filha de Thiers Galvão de França e Adélia Rehder Galvão, foi uma escritora, jornalista, produtora cultural e militante política brasileira. Filha de

[19] LAURINDO, Monize Bonfante. **Mulheres e História: Estudo Biográfico de Patrícia Galvão (1929-1962).** TCC (Graduação em História). Criciúma, UNESC, 2010.

uma tradicional família paulista, Pagu nunca conseguiu se encaixar nos padrões que a sociedade impunha para uma menina burguesa de sua época.

Com 15 anos, em 1925, já colaborava para o Brás Jornal com o pseudônimo de Patsy. E nesse mesmo período frequenta o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde é aluna de Mário de Andrade e de Fernando Mendes de Almeida. Em 1928, conhece Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral e entra para o Movimento Antropófago, o apelido Pagu surge nesse momento dado por Raul Bopp que acreditava que seu nome era Patrícia Goulart.

Aos 18 anos, termina o seu curso de normalista, era comum entre as famílias de poder aquisitivo melhor educar as moças para serem professoras. A essa época, colaborou com diversos desenhos para a Revista de Antropofagia. Em 1931, já casada com Oswald de Andrade, monta junto com ele o jornal O Homem do Povo, que tinha o objetivo de levar até as pessoas o motivo da crise mundial do capitalismo e a mudança na economia. Nele, Pagu colabora escrevendo *A Mulher do Povo*, obra na qual criticava os hábitos e valores das mulheres paulistas e tentando mostrá-las seus direitos. Nesse jornal, também escreve e desenha a primeira história em quadrinhos produzida por uma mulher.

Em 1933, publica o livro *Parque Industrial*, sob o pseudônimo de Mara Lobo, tendo em vista que, desde o ano anterior havia se filiado ao Partido Comunista. A obra retrata o cotidiano das pessoas das classes mais baixas da capital, o comportamento do proletariado urbano feminino, fazendo uma crítica à sociedade burguesa. Traz uma sátira do feminino no burguês, apresenta mulheres pobres seduzidas com promessas de casamentos por homens ricos, e fala ainda sobre mulheres operárias deixando clara a necessidade de se dar uma consciência classista as mulheres dos operários.

Nesse mesmo ano da publicação de seu livro inicia sua viagem pelo mundo enviando notícias para jornais como, Correio da Manhã, Diário da Noite e Diário de Notícias. Em 1934, encontra, na França, os artistas que compunham a vanguarda francesa, mas é recambiada para o Brasil e começa a trabalhar no jornal A Plateia, em São Paulo. Em 1935 é presa pela primeira vez e é retratada nos jornais como uma mulher perigosa e inimiga pública do governo de Getúlio Vargas.

Em 1945, publica o romance A famosa revista, com seu então esposo Geraldo Ferraz. Em 1946, começa a produzir a *Antologia da Literatura Estrangeira*, onde pela primeira vez no Brasil, traduz grandes nomes da poesia e da prosa mundial. Em 1950, se

candidata a deputada estadual em São Paulo e publica o panfleto “Verdade e Liberdade”. Em 1956, começa uma das primeiras colunas de tevê no país com o pseudônimo Gim, em A Tribuna. Em setembro de 1962, publica seu último texto, o poema Nothing e morre em Santos, em 12 de dezembro.

A musa do modernismo, como ficou conhecida pela corriqueira “mania” da sociedade em associar a mulher à esteriótipos de beleza, foi muito mais do que uma garota bonita e “louquinha”. Inventou moda, escreveu poemas, desenhou, publicou em jornais, se envolveu com a política e com a sociedade, queria estudar, trabalhar e não só casar e virar dona de casa, foi transgressora, transgrediu enquanto mulher e enquanto escritora.

7.2.3 *Carolina Maria de Jesus*

Carolina Maria de Jesus[20], nasceu em Sacramento, Minas Gerais, no dia 14 de março de 1914, sua mãe era lavadeira e criou ela e mais sete irmãos. A autora, através do apoio de Maria Leite Monteiro de Barros – uma freguesa de sua mãe – cursou o primeiro e o segundo ano do ensino fundamental, na escola Allan Kardec. Em 1937, Carolina mudou-se para São Paulo e foi trabalhar como doméstica. Em um dos seus empregos, na casa do médico Euryclides de Jesus Zerbini, utilizava seus dias de folga para frequentar a biblioteca da casa.

Em 1941, com o sonho de ser escritora, vai à redação do jornal Folha da Manhã com um poema que tinha escrito em homenagem a Getúlio Vargas e tem o seu poema e foto publicados no jornal, no dia 24 de fevereiro. Tendo continuado a levar seus poemas para a redação do jornal ficou conhecida como “A poetisa negra”, cada vez mais admirada pelos leitores. Em 1947, grávida do seu primeiro filho, não pôde mais trabalhar como doméstica, foi morar na favela do Canindé, e passou então a exercer somente a função de catadora. Foi nesse momento que iniciou sua trajetória como memorialista, nos cadernos que recolhia do lixo passou a registrar o seu cotidiano.

Assim, em 1958, surpreendeu Audálio Dantas, o repórter do jornal Folha da Noite, com o seu diário. Em 1960, o livro autobiográfico *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, foi publicado com edição de Audálio Dantas. A obra foi composta a partir dos diários que Carolina escreveu entre os anos de 1955 e 1960. Com uma tiragem de dez mil

[20] CAROLINA Maria de Jesus. **Literafro, o portal da literatura afro-brasileira,** 2021. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus. Acesso em: 20 de out. de 2021.

exemplares, só durante a noite de autógrafos foram vendidos 600 livros. A primeira edição teve uma vendagem recorde de trinta mil livros, a segunda e a terceira edições tiveram um total de cem mil exemplares vendidos, sendo ainda traduzido para mais de treze idiomas, com adaptações para o teatro. Trazendo reflexões do dia a dia e registros de acontecimentos, o impacto do livro se dá pela crueza e dureza com as palavras ao descrever sua realidade de negra, mãe solo e moradora de favela.

Após o sucesso do livro, a autora recebeu uma homenagem da Academia Paulista de Letras e da Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. E em 1961, viajou para a Argentina para ser agraciada com a "Orden Caballero Del Tornillo". Nos anos seguintes, com o dinheiro recebido pela publicação dos livros, mudou-se com os três filhos da favela e publicou mais três livros: *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada* (1961), *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (1965).

Carolina Maria, faleceu em 13 de fevereiro de 1977, em São Paulo e teve seis obras de publicação póstuma: *Diário de Bibita* (1977), *Um Brasil para brasileiros* (1982), *Meu Estranho Diário* (1996), *Antologia Pessoal* (1996), *Onde estaes Felicidade* (2014) e *Meu Sonho é Escrever: contos inéditos e outros escritos* (2018). No dia 25 de fevereiro de 2021 recebeu da Universidade Federal do Rio de Janeiro o título de Doutora *Honoris Causa*. Negra, mãe solo, com pouca escolaridade, catadora de papel e favelada, Carolina Maria de Jesus tinha muito contra ela, porém são esses exatos fatores que fazem dela uma escritora de grande relevância para nossa literatura.

7.2.4 *Hilda Hilst*

Hilda de Almeida Prado Hilst[21], nasceu em 21 de abril de 1930, em Jaú, no estado de São Paulo. Filha única do fazendeiro, jornalista, poeta e ensaísta Apolônio de Almeida Prado Hilst, e de Bedecilda Vaz Cardoso, foi uma poetisa, cronista, dramaturga e ficcionista brasileira. Estreou na literatura, em 1950, com a publicação de seu primeiro livro de poesias, *Presságio*.

Em 1951, publicou *Balada de Alzira* e em 1952, graduou-se em direito. De 1953 a 1954, trabalhou em um escritório de advocacia, porém percebeu que não tinha talento para o

[21] HILDA, Hilst. **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/literatura/hilda-hilst.htm. Acesso em: 20 de out. de 2021.

direito passando a dedicar-se somente à literatura. Assim, entre 1955 e 1962, publicou diversas obras de poesias, entre elas, *Balada do Festival*, em 1955 e *Ode Fragmentária*, em 1961. Em 1962, ganhou o Prêmio PEN Clube de São Paulo, por *Sete cantos do poeta para o anjo.* Em 1968, escreveu as peças teatrais *O Visitante* e o *Novo Sistema*, no ano seguinte, a peça *O Verdugo* ganhou o prêmio Anchieta, um dos mais importantes do país na época, e ainda em 1969 a Associação Paulista dos Críticos de Arte considera *Ficções* o melhor livro do ano.

Em 1970 se inicia na ficção, com o livro *Fluxo Floema,* e em 1982, escreveu *Senhora D* que foi posteriormente adaptada para o teatro. Em 1984, a Câmara Brasileira do Livro concedeu o Prêmio Jabuti a *Cantares de perda e predileção* , e, no ano seguinte, a mesma obra recebeu o Prêmio Cassiano Ricardo. Em 1990, publicou O Caderno Rosa de Lori Lamby, e com essa obra anunciou que iria aderir à literatura pornográfica. Esse livro é retratado pela autora como um ato de agressão ao mercado editorial, que até aquele momento não tinha valorizado o trabalho sério de pesquisa literária desenvolvido por ela. Em 1992, publicou um livro de poesias satíricas intitulado *Bufólicas.* Em 1993, as obras *Rutilio Nada* e *A obscena senhora D. Qadós*, receberam o Prêmio Jabuti como melhor conto.

O estilo literário de Hilda se aproxima em características com a geração de poesia brasileira, denominada “Geração de 45”. Sua obra reagiu contra o prosaico e o supérfluo, passeando por temas como solidão, morte, amor, a loucura, o misticismo e o amor erótico. Rompeu ainda, com o tom clássico literário, tendo em vista que nada era passivo em seus textos. Sua última publicação foi o livro de poesias Do amor, em 1999, a autora morreu em Campinas, São Paulo, no dia 4 de fevereiro de 2004.

Hilda Hilst construiu sua trajetória literária de maneira independente, sem se vincular a nada do que estava acontecendo no Brasil na época. Porém sua prosa era altamente transgressiva e provocadora, seu lirismo, rigorosamente feminino e carnal. Foi uma mulher que teve a coragem de ter uma liberdade social e sexual que a época na qual viveu sufocava com convenções morais. Autora de obras que revelam a busca pela alma ao mesmo tempo em que dão socos no estômago do leitor.

7.2.5 *Conceição Evaristo*

Maria da Conceição Evaristo de Brito[22], nasceu em Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946. De origem humilde, foi a segunda de nove irmãos e teve a infância e a adolescência marcadas pela miséria. Trabalhou como babá e faxineira ao cursar o chamado, antigamente, curso normal, aspirando ser professora, não achou emprego nessa área em Belo Horizonte e mudou-se, em 1973, para o Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sua estreia na literatura foi em 1990, com a publicação de seis de seus poemas na coletânia Cadernos Negros. Em 1996, titulou-se como mestre em literatura brasileira, pela PUC-Rio e em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio,* pela Editora Mazza, de Belo Horizonte. Em 2006, publica seu segundo romance, *Becos da memória*, em que trata do drama de uma comunidade favelada em processo de remoção. Em 2007, sai nos Estados Unidos a tradução de *Ponciá Vicêncio* para o inglês, pela Host Publications. Sua poesia ganhou mais visibilidade com a publicação do volume *Poemas de recordação e outros movimentos*, em 2008.

Em 2011, titulou-se como doutora em Literatura comparada na UFF, e nesse mesmo ano lançou *Insubmissas lágrimas de mulheres*, que trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. Em 2014, publicou *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria "Contos e Crônicas". Em 2016, lançou *Histórias de leves enganos e parecenças* e em 2018, o romance, *Canção para ninar menino grande.*

A obra de Conceição Evaristo tem como matéria-prima literária a vivência das mulheres negras, seus textos trazem importantes retratos do cotidiano que servem como denúncia para as opressões raciais e de gênero. As "escrevivências" termo que a autora cunhou para nomear o seu procedimento narrativo, a sua literatura se torna relevante ao passo que suas histórias contam a partir de uma realidade particular, a história de uma coletividade.

[22] CONCEIÇÃO Evaristo. **Literafro, o portal da literatura afro-brasileira,** 2021. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo. Acesso em: 20 de out. 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início dessa jornada, buscávamos compreender sobre a relevância da representatividade feminina nos livros didáticos de língua portuguesa. E assim, os esforços e estratégias investigativas traçadas giraram em torno dos seguintes questionamentos basilares: Que papel o livro didático pode desempenhar no ensino de literatura, no tangente às questões de gênero? Como esse instrumento didático pode atuar na apresentação da escrita feminina? De que maneira a ausência/presença de autoras nesses livros pode influenciar na construção da representatividade feminina em sala de aula?

Portanto para que pudéssemos examinar todos esses aspectos, depois de introduzir a pesquisa e explicitar as metodologias a serem utilizadas, tratamos, no terceiro capítulo sobre o cânone e a escrita de autoria feminina, embasando-se nas discussões propostas, principalmente, por Reis (1992), Schmidt (1995), Woolf (1986) e Duarte (2003), para discorrer sobre o apagamento da escrita feminina pelo cânone, sua situação de inserção na literatura marginal e as barreiras enfrentadas para que se construísse uma escrita produzida por mulheres nos últimos séculos; no quarto, falamos sobre a importância da crítica literária feminista para a história da literatura e das mulheres escritoras, das relações entre gênero e a construção social da mulher e da relação entre o pertencimento de gênero e as implicações étnico raciais, nos ancorando, essencialmente, em Showalter (1994), Scott (1989), Bento (2006) e Anzaldúa (2000); no quinto, sobre o livro didático no Brasil, seus programas, o guia de 2018 e sua relação com a literatura e com a escrita feminina, utilizando as proposições de Bittencourt (1993, 2004), Mortatti (2006) e os documento oficiais do Ministério da Educação; no sexto, analisamos nos três livros em estudo, aspectos voltados para o contexto de publicação, a estrutura das obras, sua autoria e apresentamos dados dados referentes à representatividade da escrita feminina nos livros didáticas analisados; e por fim, no último capítulo, trouxemos uma proposição de produto didático pedagógico, como proposta de promover a presença da literatura de autoria feminina em sala de aula.

Observamos nas três obras didáticas: *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso*, de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien, da editora Saraiva, *Se liga na língua*, Wilton de Ormundo e Cristiane Siniscalchi, da editora Moderna e *Novas Palavras*, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, da editora

FTD, que na maioria dos aspectos essas obras apresentam uma grande similaridade, manifestando, abordagens e enfoques com peculiaridades pequenas com relação às questões de gênero. Desse modo, não há como negar a percepção de que o livro didático continua difundindo relações desiguais e estereótipos de gênero.

Uma dessas peculiaridades se encontra nas autoras que são apresentadas pela seção de literatura, embora nos três livros a representatividade seja pequena em NP, com seis autoras apresentadas, tem-se o dobro do quantitativo encontrado nos outros dois livros (PC e SLL), e essa diferença ocorre, justamente na única obra em que o nome de uma autora aparece primeiro na capa do livro. Nas três obras didáticas – PC, NP e SLL – há uma disparidade, já esperada, das obras como um todo, assim como dos textos literários escritos por homens e por mulheres. Assim, foi possível verificar que a produção feminina permanece sendo invisibilizada pelos livros didáticos, que continuam atuando como agentes de difusão de um cânone literário brasileiro eurocêntrico e patriarcal.

No caso das obras em questão, essa difusão é considerável, tendo em vista que as obras analisadas foram as três mais distribuídas pelo PNLD 2018. Cabe ainda considerar, que a publicação de três obras didáticas que possuem uma ínfima representatividade de obras e da escrita feminina, se deu no ano em que a primeira presidente mulher do Brasil sofreu um impeachment. Os avanços e entraves comportados pelo livro didático não são exclusividade somente das obras analisadas, são, na verdade, indícios de movimentos mais amplos concebidos pelas próprias contradições do mundo social.

Nesse sentido, com relação à escrita literária feminina/da mulher negra as obras PC e SLL não reconhecem essa perspectiva, já NP retrata de forma mínima, com apenas uma autora. E em se tratando da escrita literária feminina/da mulher afro-brasileira, as três obras ignoram completamente esse panorama. Por ser objeto reprodutor de cultura o livro didático destaca uma multiplicidade de representações sociais que são marcadas por retrocessos, avanços, resistência. Devemos levar em consideração que os aspectos que ele reproduz não são criados por ele, são construídos socialmente, mas é esse o acesso principal de grande parte dos alunos com a escrita dessas autoras. Por essa perspectiva e por todas as outras já pontuadas aqui, pôde se constatar que a ausência das autoras evidenciada pelos dados coletados nessa pesquisa pode influir negativamente na construção da representatividade feminina em sala de aula. Pois como já afirmado aqui anteriormente, esse panorama de

invisibilização da escrita de autoria feminina, quer ele seja proposital ou não, é o que está chegando para os nossos alunos do 3º ano do ensino médio através dos livros didáticos.

Por fim, com relação à proposta de produto educacional, estamos convencidos de que trazer a presença da literatura feminina para a sala de aula, pode ter um papel significativo na construção da representatividade feminina, além de auxiliar no combate a invisibilidade da escrita feminina na literatura e colaborar para que suas obras sejam lidas e reconhecidas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. São Paulo, Companhia das letras, 2019.

AMARAL, Emília, et. al. **Novas Palavras**. 3. ed. São Paulo: FTD, 2016.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, ano 8, p. 229-236, 2000.

BATISTA, Edilene Ribeiro. A produção literária feminina brasileira nos séculos XVII e XVIII. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 14.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, 5., 2011, Brasília. **Anais eletrônicos**… Brasília: Universidade de Brasília, 2011. p. 801-811. Disponível em: <http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/edilene_ribeiro.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo.** Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. Difusão Europeia do livro, São Paulo: 1970.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual** / Berenice Bento. – Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BITTENCOURT, Circe. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)**. Revista Educação e Pesquisa,** São Paulo, v.30, n.3, 2004.

BITTERNCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 2. ed. São Paulo: Cortéz, 2008.

BITTENCOURT, Circe**. Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar.** Tese (doutorado em História Social), São Paulo, FFLCH/USP, 1993.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Tradução Sergio Miceli et al. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL, CAPES. **Grupo de Trabalho Produção Técnica**. Brasília, 2019b. Disponível em: https://www.gov.br/capesimages/novo_portal/documentos/DAV/avaliacao/10062019_Produ%c3%a7%c3%a3o-T%c3%a9cnica. Acesso em: 25/10/2020

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 Out 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018: língua portuguesa – guia de livros didáticos – Ensino Médio.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2021. 109 p. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-livro-didatico/item/11148-guia-pnld-2018. Acesso em: 20 de set. de 2020.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CEREJA, William; DIAS VIANNA, Carolina; DAMIEN, Christiane. **Português ContemporÂneo: Diálogo, Reflexão e Uso.** 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, André, et al. **A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos.** Tradução: Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópoles, RJ: Vozes, 2012.

CEREJA, William Roberto. **Dificuldades de um autor didático (I): quanto custa utilizar um texto alheio numa obra didática?.** Língua Portuguesa Cereja, 2016. Disponível em: https://portuguescereja.editorasaraiva.com.br/dificuldades-de-um-autor-didatico-i-quanto-custa-utilizar-um-texto-alheio-numa-obra-didatica/
Acesso em: 10 nov. 2021.

COLLING, Ana Maria. **Gênero e Educação: Um diálogo possível?** Revista Contexto e Educação-Editora UNIJUÍ - Ano 19 - nº 71/72 - Jan./Dez.2004.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre.2007.

DALCASTAGNE, Regina. "A cor de uma ausencia: representacoes do negro no romance brasileiro contemporaneo." **Revista Afro-Hispanic**, vol. 29, no. 2, 2010, p. 97.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea,** Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2123/1687>. Acesso em: 05 abr. 2021.

DECRETO nº 19.890 de 18 de Abril de 1931. In: **BICUDO, Joaquim de Campos. O ensino secundário no Brasil e sua atual legislação (de 1931 a 1941).** São Paulo, 1942.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados,** São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

DUARTE, Constância Lima.Literatura feminina e crítica literária. **Travessia**, Florianópolis, n. 21, 1990. p. 15-23. Disponível em:

https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17198/15769>. Acesso em: 01 abr. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Entrevista concedida a Júlia Dias Carneiro**. BBC Brasil / Rio de Janeiro, mar. 2018.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo. Etnia, marginalidade e diáspora.** João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005, p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). **Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.

FERNANDES, Magda Carvalho. **Vinte e cinco anos do PNLD: uma trajetória de negociações entre política educacional e econômica.** Anais do VI Congresso Brasileiro de História da Educação. Vitória: SBHE/UFES, 2011, p. 1-14.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. O texto literário no livro didático.In: **Itinerários – Revista de Literatura**, Araraquara, 2001.

FERRÉZ. (Org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica.** Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. **As avaliações dos livros didáticos na Comissão Nacional do Livro Didático: a conformação dos saberes escolares nos anos de 1940.** Revista Brasileira de História da Educação, v. 13, n. 1 [31], jan./abril de 2013, p. 159-192.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, Florianópolis, ano 3, p. 464-478, 2. sem. 1995

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação.** Tradução: Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019, 248 p.

KRIPKA, R.M.L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D.L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Investigaciones UNAD,** Bogotá, v. 14, n. 2, p. 55-73, jul. / dez. 2015.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero [1987]. Tradução Susana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

LEMAIRE, R. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, H. B. de (org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOBO, Luiza. A Literatura de Autoria Feminina na América Latina. **lfilipe.tripod.com**, 1997. Disponível em: http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html. Acesso em: 27 ago. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: contexto, 1997. P.443-481.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.; DALMAZO, A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Epu, 1986.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 03, pp. 935-952, Florianópolis: UFSC, 2014.

MAGNANI, Maria do Rosario Mortatti. **Leitura, literatura e escola: subsidios para uma reflexão sobre a formação do gosto.** 1987. [177]f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252813>. Acesso em: 18 mai. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência Tecnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História Dos Métodos De Alfabetização No Brasil.** (2006). Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf> Acesso: 12.11.2019.

MUZART, Zahide Lupinacci. (org.) **Escritoras Brasileiras do Século XIX.** Antologia. V. 2. Florianópolis: editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, 1184p.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **"Literatura marginal": os escritores da periferia entram em cena. Dissertação** (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Escritos à margem: a presença de escritores da periferia na cena literária contemporânea.** Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PERROT, Michele. **Mulheres Públicas.** Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 160 p.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres.** Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (Orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116-149.

REIS, Roberto. Cânon. In.: JOBIN, José Luis (Org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura.** Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 65-92.

SÁ-SILVA, J.; ALMEIDA, C. & GUINDANI, J. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, ano. I, n.I, jul. 2009.

SILVA, Marco Antônio. **A fetichização do livro didático.** Educação e Realidade, v. 37, n. 3, set./dez. de 2012, p. 803-821.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Tradução Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção**. Rio Grande do Sul: El hilo de la fábula, 2012.

SCHMIDT, Rita Terezinha. A crítica feminista na mira da crítica. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 42, jan./jun. 2002. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/7462>. Acesso em: 4 out. 2019.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Para que crítica feminista? (Anotações para uma resposta possível)**. In: XAVIER, Elódia (Org.). Anais do VII Seminário Nacional- Mulher e literatura. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1995.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, V. 16, n. 2, 1990.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As Mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica.** Dourados, MS: UFGD, 2012.

TELLES, Norma. **Autora+a.** In: JOBIM, Luiz (Org.). Palavras da crítica. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 45-63.

WALKER, Kevin. **Visitor-Constructed Personalized Learning Trails** , em J. Trant e D. Bearman (eds.). Museums and the Web 2007: Proceedings , Toronto: Archives & Museum Informatics, publicado em 1 de março de 2007 Consultado em 14 de outubro de 2021. http://www.archimuse.com/mw2007/papers/ walker / walker.html

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2017.

ZILBERMAN, R. Formação do leitor na história da leitura. In: PEREIRA, V.W (Org.). **Aprendizagem da leitura: ciências e literatura no fio da história.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA**, 9., 2012, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 407-415. Disponível em: http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

ZINANI, Cecil Jeanine. **Produção literária feminina: um caso de literatura marginal**. Antares: Letras e Humanidades, Caxias do Sul, v.6, p. 183-195, jul./dez. 2014.

ZOLIN, L. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.

APÊNDICE A - Planilha da Coleta de Dados do livro *Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso* (1. ed.) (CEREJA; DIAS VIANNA; DAMIEN, 2016).

Nome do Autor	Tipo de obra	Título da obra	Pág. do livro	Sessão do livro	Gênero do autor	Etnia do autor
Gino Severini	Pintura	Dinamismo das formas	12	Literatura	Masculino	Branca
Anita Malfatti	Pintura	O homem amarelo	13	Literatura	Feminino	Branca
Mário de Andrade	Comentário	Não identificado pelo livro	13	Literatura	Masculino	Parda
Oswald de Andrade	Poema	pronominais	13	Literatura	Masculino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	A negra	13	Literatura	Feminino	Branca
Eliseu Visconti	Pintura	Recanto do morro de San to Antônio	14	Literatura	Masculino	Branca
Augusto dos Anjos	Poema	O deus verme	16	Literatura	Masculino	Branca
Augusto dos Anjos	Poema	Idealismo	16	Literatura	Masculino	Branca
Drummond	Crítica literária(fragm ento)	Drummond lê Auusto dos Anjos	17	Literatura	Masculino	Branca
Caravaggio	Pintura	Davi com a cabeça de Golias	22	Literatura	Masculino	Branca
Ferreira Gullar	Poema	Dois e dois: quatro	23	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Karina Castro	Foto	Não identificado pelo livro	26	Língua e Linguagem	Feminino	Não identificad a
Site bang	Notícia	Não identificado pelo livro	26	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificad a
Laerte	História em quadrinho	Mãe - como e quando surgiu	27	Língua e Linguagem	Feminino	Branca
Blog carta capital	Artigo	Feminismo pra quê	28	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificad a
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	30	Produção de texto	Masculino	Não identificad a
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	31	Produção de texto	Masculino	Não identificad a
Nova cultura	Biografia	Ondjaki	32	Produção de texto	Não identificado	Não identificad a
Andressa Honório	Ilustração	Cão Tinhoso	33	Produção de texto	Feminino	Branca
Amanda Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	34	Produção de texto	Feminino	Branca

Não identificado pelo livro(acervo do museu da arte Tho-mas Henry	Pintura	Não identificado pelo livro	34	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Mia Couto	Conto(fragmento)	O dia em que explodiu Mabata-bata	36	Produção de texto	Masculino	Branca
Edvard Munch	Pintura	O grito	38	Literatura	Masculino	Branca
Giacomo Balla	Pintura	Corrente de cachorro em movimento	38	Literatura	Masculino	Branca
Marcel Duchamp	Escultura	A fonte	38	Literatura	Masculino	Branca
Pablo Picasso	Pintura	As senhoritas de Avignon	39	Literatura	Masculino	Branca
Salvador Dali	Pintura	Persistência da memória	39	Literatura	Masculino	Branca
Di Cavalcanti	Ilustração	Capa do catálogo da exposição da semana de Arte Moderna	40	Literatura	Masculino	Branca
Mário de Andrade	Poema(fragmento)	Prefácio interessantíssimo	42	Literatura	Masculino	Parda
Oswald de Andrade	Poema	erro de português	43	Literatura	Masculino	Branca
Oswald de Andrade	Poema	O capoeira	43	Literatura	Masculino	Branca
Oswald de Andrade	Poema	são josé del rei	43	Literatura	Masculino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Paisagem com touro	43	Literatura	Feminino	Branca
Afrânio Coutinho	Crítica literária(fragmento)	Introdução à literatura no Brasil	46	Literatura	Masculino	Branca
Miguel de Castro	Artigo científico	A gripe espanhola	46	Literatura	Masculino	Não identificada
Antonio P. Rezende	Artigo científico	As polêmicas políticas	47	Literatura	Masculino	Branca
Maria T. Didier	Artigo científico	As polêmicas políticas	47	Literatura	Feminino	Branca
Mário de Andrade	Crítica literária(fragmento)	Aspectos da literatura brasileira	47	Literatura	Masculino	Parda
Anita Malfatti	Pintura	O japonês	48	Literatura	Feminino	Branca
Anita Malfatti	Pintura	A mulher de cabelos verdes	48	Literatura	Feminino	Branca
Baptistão	Ilustração	Não identificado pelo livro	49	Literatura	Masculino	Branca
Monteiro Lobato	Artigo jornalístico	Paranóia ou mistificação?	49	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	51	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
André Dahmer	Tirinha	Malvados	54	Língua e Linguagem	Masculino	Branca

Não identificado pelo livro	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	55	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Oswald de Andrade	Manifesto(fragmento)	Manifesto da poesia Pau-Brasil	57	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Dalton Trevisan	Conto	Uma vela para Dario	59	Produção de texto	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	59	Produção de texto	Masculino	Não identificada
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	60	Produção de texto	Masculino	Branca
Andreza Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	62	Produção de texto	Feminino	Branca
Sergio S'Antana	Conto(fragmento)	Um discurso sobre o método	62	Produção de texto	Masculino	Branca
Andreza Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	63	Produção de texto	Feminino	Branca
Carlos Herculano	Miniconto	No embalo da rede	63	Produção de texto	Masculino	Branca
Fernando Bonassi	Miniconto	Só	63	Produção de texto	Masculino	Branca
Noé Ribeiro	Miniconto	No velório	63	Produção de texto	Masculino	Não identificada
Tarsila do Amaral	Pintura	Antropofagia	64	Literatura	Feminino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Oswald de Andrade	65	Literatura	Feminino	Branca
Joaquim Pedro de Andrade	Cartaz	Não identificado pelo livro	66	Literatura	Masculino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	O batizado de Macunaíma	67	Literatura	Feminino	Branca
Manuel Bandeira	Poema	Andorinha	70	Literatura	Masculino	Branca
Manuel Bandeira	Poema	Momento num café	71	Literatura	Masculino	Branca
Manuel Bandeira	Poema	Nova poética	71	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Não identificado pelo livro	72	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	73	Literatura	Masculino	Não identificada
JBC	Cartaz	Não identificado pelo livro	74	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Oswald de Andrade	Poema	Amor	74	Literatura	Masculino	Branca
André Dahmer	Tirinha	Malvados	78	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Edu Ribeiro	Música	Me namora	79	Língua e Linguagem	Masculino	Negra

Paulinho Moska	Música	Namora comigo	79	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Uol	Artigo	Não identificado pelo livro	79	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Uol	Artigo	Não identificado pelo livro	79	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Uol	Artigo	Não identificado pelo livro	79	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Uol	Artigo	Não identificado pelo livro	79	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Tarsila do Amaral	Cartão-postal	Correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral	80	Língua e Linguagem	Feminino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	82	Produção de texto	Masculino	Não identificada
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	83	Produção de texto	Masculino	Não identificada
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	86	Produção de texto	Masculino	Não identificada
Jean Lorrain	Conto(fragmento)	Os buracos da máscara	88	Produção de texto	Masculino	Branca
Gonçalves Dias	Poema(fragmento)	O canto do guerreiro	91	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Parda
Mário de Andrade	Romance(fragmento)	Macunaíma	91	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Parda
Manuel Bandeira	Poema	Namorados	92	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Parda
Mário de Andrade	Poema	O trovador	92	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Antonio Rocco	Pintura	Os emigrantes	93	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Manuel de Barros	Poema(fragmento)	Cabeludinho	93	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Oswald de Andrade	Romance(fragmento)	Marco Zero II - Chão	93	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Parda

Dinah Callou	Artigo	Gramática, variação e norma	94	Por dentro do ENEM e do vestibular	Feminino	Branca
José Pastore	Artigo jornalístico	Não identificado pelo livro	95	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Monteiro Lobato	Fábula	A raposa e as uvas	95	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Artigo jornalístico	Não identificado pelo livro	95	Por dentro do ENEM e do vestibular	Não identificado	Não identificada
Carybé	Pintura	O ovo da ema	98	Literatura	Masculino	Branca
Antonio Cândido	Crítica literária(fragmento)	Educação pela noite e outros ensaios	99	Literatura	Masculino	Branca
Ferreita Gullar	Frase	-	99	Literatura	Masculino	Branca
Portinari	Pintura	Mestiço	100	Literatura	Masculino	Branca
J. Carlos	Ilustração	Não identificado pelo livro	101	Literatura	Masculino	Branca
Portinari	Pintura	Os retirantes	105	Literatura	Masculino	Branca
Jack Vartoogian	Foto	Não identificado pelo livro	109	Literatura	Masculino	Não identificada
Murilo Mendes	Artigo	A obra de Villa-Lobos na perspectiva de Murilo Mendes	110	Literatura	Masculino	Branca
Portinari	Pintura	Carnaúba	110	Literatura	Masculino	Branca
Miguel de Castro	Artigo científico	O Brasil e a Segunda Guerra Mundial	111	Literatura	Masculino	Não identificada
Marcelo Haydu	Artigo	Por que integrar é preciso?	113	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Fôlder	Não identificado pelo livro	115	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Angeli	Cartum	Não identificado pelo livro	118	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Furb	Cartaz	Não identificado pelo livro	119	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Herbet Vianna	Música	O Rio Severino	120	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Poema	Estatuto Fundamental da Q.S.D.	127	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Di Cavalcanti	Pintura	Cinco moças de Guaratinguetá	130	Literatura	Masculino	Branca
Portinari	Pintura	Cana	133	Literatura	Masculino	Branca
Carybé	Pintura	Não identificado pelo livro	137	Literatura	Masculino	Branca

Bertrand Guay	Foto	O músico Benjamin Clemente	145	Língua e Linguagem	Masculino	Não identificada
Angeli	Tirinha	Não identificado pelo livro	146	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Antônio Gomide	Pintura	Porto	155	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema	Coração numeroso	157	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	157	Literatura	Masculino	Não identificada
Portinari	Pintura(painel)	Guerra e paz	158	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema	No meio do caminho	160	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Comentário	-	160	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	161	Língua e Linguagem	Masculino	Não identificada
Não identificado pelo livro	Artigo jurídico	Não identificado pelo livro	164	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Visconde de Taunay	Memórias	O Visconde de Taunay e os fios da memória	164	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema	A flor e a náusea	165	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Não identifcado pelo livro	Carta	Não identificado pelo livro	168	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Carlos Drummond de Andrade	Poema	Confidência do itabirano	174	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Dalton Trevisan	Conto(fragmento)	35 noites de paixão: contos escolhidos	175	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Jorge Amado	Romance(fragmento)	Capitães da Areia	175	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Millôr Fernandes	Frase	-	175	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Graciliano Ramos	Romance(fragmento)	Vidas Secas	176	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Luís Fernando Veríssimo	Tirinha	As cobras em: Se Deus existe que	176	Por dentro do ENEM	Masculino	Branca

		eu seja atingido por um raio.		e do vestibular		
Paulo Lima	Síntese	Como estou dirigindo?	177	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Sérgio Buarque de Holanda	Transcrição de Oficina Cul tural Regional(frag mento)	Não identificado pelo livro	177	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Aldemir Martins	Pintura	Fruteira	180	Literatura	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Romance(frag mento)	A paixão segundo G.H.	180	Literatura	Feminino	Branca
Alfredo Volpi	Pintura	Casas	181	Literatura	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Romance(frag mento)	A paixão segundo G.H.	181	Literatura	Feminino	Branca
Guimarães Rosa	Romance(frag mento)	Grande sertão: veredas	181	Literatura	Masculino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Poema(fragme nto)	A mulher e a casa	181	Literatura	Masculino	Branca
Ismael Nery	Pintura	Eternidade	182	Literatura	Masculino	Branca
Andreza Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	183	Literatura	Feminino	Branca
Cecília Meireles	Poema	Motivo	183	Literatura	Feminino	Branca
Cecília Meireles	Poema	Canção	183	Literatura	Feminino	Branca
Vinícius de Moraes	Poema	Soneto de separação	186	Literatura	Masculino	Branca
Vinícius de Moraes	Poema	Soneto de fidelidade	189	Literatura	Masculino	Branca
Vinícius de Moraes	Poema	Eu sei que vou te amar	189	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Dissertação	A imigração no Brasil	191	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificad a
Quino	Tirinha	Mafalda	194	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Chris Brownie	Tirinha	Hagar	195	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Anúncio	Não identificado pelo livro	195	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificad a
Joan Miró	Pintura	Personagens na noite	201	Literatura	Masculino	Branca
Fabio Colombini	Foto	Não identificado pelo livro	203	Literatura	Masculino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Poema	Catar feijão	203	Literatura	Masculino	Branca
Sofia Colombini	Foto	Não identificado pelo livro	203	Literatura	Masculino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Poema(fragme nto)	o retirante explica ao leitor quem é e a que vai	204	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Manchete	Não identificado pelo livro	207	Literatura	Não identificado	Não identificad a

Não identificado pelo livro	Notícia	Sol não deve aparecer e capital terá mais um dia frio e nublado	208	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Não identificado pelo livro	Notícia	Sol não deve aparecer nesta noite	208	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Millôr Fernandes	Diálogo	A vaguidão específica	212	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Laerte	História em quadrinho	Longe de mim ter preconceito, mas...	213	Língua e Linguagem	Feminino	Branca
Não identificado pelo livro	Notícia	Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti	216	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
R.T. Oliveira	Notícia	Trilha da costura	217	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Não identificado pelo livro	Notícia	Qual o objetivo da "Lei Seca ao volante" ?	218	Produção de texto	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Cartaz	Não identificado pelo livro	218	Produção de texto	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Cartaz	Não identificado pelo livro	219	Produção de texto	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Artigo	Repulsão magnética a beber e dirigir	219	Produção de texto	Masculino	Branca
Hélio Oiticica	Pintura	Metaesquema	221	Literatura	Masculino	Branca
Ivan Cabral	Ilustração	Não identificado pelo livro	222	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	224	Literatura	Masculino	Não identificada
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	225	Literatura	Masculino	Não identificada
Andy Warhol	Pintura	Marilyn Moroe	226	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	226	Literatura	Masculino	Não identificada
Ademir Martins	Gravura	Cangaceiro	231	Literatura	Masculino	Branca
Ademir Martins	Pintura	Cangaceiro ponto fino	233	Literatura	Masculino	Branca
Rog Bollen	Cartum	Não identificado pelo livro	234	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Andressa Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	235	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Anúncio	Não identificado pelo livro	236	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Não identificado pelo livro	Anúncio	Não identificado pelo livro	237	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Sempre família.com	Cartaz	Não identificado pelo livro	238	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
J. Sandel Michael	Artigo	O que o dinheiro não compra	243	Por dentro do ENEM	Masculino	Branca

				e do vestibular		
Não identificado pelo livro	Entrevista	Não identificado pelo livro	243	Por dentro do ENEM e do vestibular	Não identificado	Não identificada
Renato de P. Pereira	Comentário	Não identificado pelo livro	243	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Não identificada
A.C. Secchin	Crítica literária(fragmento)	João Cabral: a poesia do menos	245	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Cecília Meireles	Poema(fragmento)	Romanceiro da Inconfidência	245	Por dentro do ENEM e do vestibular	Feminino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Poema(fragmento)	Morte e vida severina	245	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
João Guimarães Rosa	Romance(fragmento)	Grande sertão: veredas	246	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
M. Atalia	Artigo	Nossa vida	246	Por dentro do ENEM e do vestibular	Não identificado	Não identificada
Não identificado pelo livro	Narração de jogo(transcrição)	Não identificado pelo livro	246	Por dentro do ENEM e do vestibular	Não identificado	Não identificada
Antonio Cândido	Artigo	Dez livros para entender o Brasil	247	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Anúncio publicitário	Quem é morto sempre aparece	247	Por dentro do ENEM e do vestibular	Não identificado	Não identificada
José Roberto Aguiar	Pintura	Diálogo	250	Literatura	Masculino	Branca
Sírio Possenti	Artigo	Questões de linguagem	250	Literatura	Masculino	Branca
Augusto de Campos	Poema	Despoesia	251	Literatura	Masculino	Branca
Lygia Clark	Escultura	Bichos	251	Literatura	Feminino	Branca
Sírio Possenti	Artigo	Por que não ensinar gramática	251	Literatura	Masculino	Branca
Luiz Sacilotto	Pintura	Composição	252	Literatura	Masculino	Branca
Hélio Oiticica	Pintura	Vermelho contando o branco	254	Literatura	Masculino	Branca
Andressa Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	255	Literatura	Feminino	Branca

Andressa Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	255	Literatura	Feminino	Branca
Ferreira Gullar	Poema	Não há vagas	255	Literatura	Masculino	Branca
Ferreira Gullar	Poema	Não coisa	255	Literatura	Masculino	Branca
Andressa Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	256	Literatura	Feminino	Branca
Henrique Manreza	Foto	Não identificado pelo livro	257	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	259	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	260	Literatura	Masculino	Branca
Aida Hanania	Entrevista	Memória e confissão	261	Literatura	Feminino	Branca
Estado de S.Paulo	Nota de jornal	Ladra abandona filha de 3 anos durante assalto	263	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Estado de S.Paulo	Nota de jornal	Mulher é feita refém em shopping no Tatuapé	263	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Andreza Honório	Ilustração	Não identificado pelo livro	265	Língua e Linguagem	Feminino	Branca
Laerte	História em quadrinho	Não identificado pelo livro	268	Língua e Linguagem	Feminino	Branca
Não identificado pelo livro	Verbete	América Latina	269	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Folha uol	Notícia	Dicionário Michaelis muda verbete de casamento após pressão on-line	271	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Rubem Braga	Crônica	Coisas antigas	272	Produção de texto	Masculino	Branca
Escola Britânica	Verbete	Enfermagem	273	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Almada Negreiras	Tapeçaria	O pescador	277	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema	Autopsicografia	279	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema	Não identificado pelo livro	279	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema	Não identificado pelo livro	280	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema	Poema em linha reta	280	Literatura	Masculino	Branca
Rafael Neves	Ilustração	Não identificado pelo livro	280	Literatura	Masculino	Branca
Almada Negreiras	Pintura	Heterônimos de Fernando Pessoa	282	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Alvarez	Foto	Não identificado pelo livro	283	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	284	Literatura	Masculino	Não identificada
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	285	Literatura	Masculino	Não identificada

Adão Iturusgarai	Tirinha	Não identificado pelo livro	288	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Não identificado	Anúncio	Não identificado pelo livro	291	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Fernando Gonsales	Cartum	Máfia Moderna	292	Língua e Linguagem	Masculino	Parda
Não identificado pelo livro	Anúncio	Não identificado pelo livro	293	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Quino	Ilustração	Não identificado pelo livro	294	Produção de texto	Masculino	Branca
Quino	Ilustração	Não identificado pelo livro	294	Produção de texto	Masculino	Branca
Quino	Ilustração	Não identificado pelo livro	295	Produção de texto	Masculino	Branca
Gerard Sekoto	Pintura	A canção do pico	299	Literatura	Masculino	Negra
Não identificado pelo livro	Grafite	Não identificado pelo livro	300	Literatura	Não identificado	Não identificada
Viriato Cruz	Poema	Namoro	301	Literatura	Masculino	Negra
Craveirinha	Poema	Quero ser tambor	302	Literatura	Masculino	Parda
Nelson Provazi	Ilustração	Não identificado pelo livro	302	Literatura	Masculino	Não identificada
Flora Ferreira da Silva	Foto	Não identificado pelo livro	303	Literatura	Feminino	Não identificada
Adão Ventura	Poema	Para um negro	305	Literatura	Masculino	Negra
Carybé	Pintura	Figuras	305	Literatura	Masculino	Branca
Márcio Barbosa	Poema	Nossa gente	305	Literatura	Masculino	Negra
Agostinho Neto	Poema	Velho negro	307	Literatura	Masculino	Negra
Duncan Wiletts	Foto	Não identificado pelo livro	307	Literatura	Masculino	Não identificada
Mohamed Amin	Foto	Não identificado pelo livro	307	Literatura	Masculino	Parda
Cuti	Poema	Sou negro	308	Literatura	Masculino	Negra
Não identifcado pelo livro	Anúncio	Não identificado pelo livro	310	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Fernando Gonsales	Tirinha	Bananas na praia	311	Língua e Linguagem	Masculino	Parda
Rony Costa	Anúncio	Algumas pessoas precisam de terapia	312	Língua e Linguagem	Masculino	Não identificada
Não identificado pelo livro	Tirinha	Mamãe gansa	313	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Não identificado pelo livro	Anúncio	Não identificado pelo livro	314	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
Arnaldo Antunes	Poema	da sua memória	322	Por dentro do ENEM	Masculino	Branca

				e do vestibular		
Ferreira Gullar	Poema	O açucar	323	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
José Paulo Paes	Poema	À garrafa	323	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Cacaso	Poema	Aquarela	324	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Inglês de Sousa	Conto(fragmento)	Voluntário	324	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Lygia Fagundes Teles	Romance(fragmento)	A estrutura da bolha de sabão	324	Por dentro do ENEM e do vestibular	Feminino	Branca
Brasil	Lei	Estatuto da criança e do adolescente	325	Por dentro do ENEM e do vestibular	Não identificado	Não identificada
Mário Viaro	Artigo	Língua Portuguesa	325	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Millôr Fernandes	Crônica	Ditadura/Democracia	326	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Jonathan Strickland	Artigo jornalístico	Não identificado pelo livro	327	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Artigo jornalístico	"Você quer ter uma máquina de lavar ou quer ter roupa lavada?"	327	Por dentro do ENEM e do vestibular	Não identificado	Não identificada
Graciliano Ramos	Romance(fragmento)	Mudança	103-105	Literatura	Masculino	Branca
Patativa do Assaré	Poema	O retrato do sertão	107-108	Literatura	Masculino	Parda
Carlinhos Brown	Música	Segue o seco	108-109	Literatura	Masculino	Negra
Sérgio Buarque de Holanda	Artigo	Mundo novo e velha civilização	110-111	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Transcrição de uma reunião deliberativa	Não identificado pelo livro	122-125	Língua e Linguagem	Não identificado	Não identificada
José Lins do Rego	Romance(fragmento)	O engenho de seu Lula	131-133	Literatura	Masculino	Branca
Jorge Amado	Romance(fragmento)	Manhã como um quadro	134-137	Literatura	Masculino	Branca

Érico Veríssimo	Romance(fragmento)	Um certo capitão Rodrigo	139-141	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Relatório	Relatório do 4º Encontro da Comunidade de Desenvolvimento	149-150	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Carlos Drummond de Andrade	Poema	Alguma poesia	157-158	Literatura	Masculino	Branca
Antonio Prata	Crônica	Abraçando àrvore	161-162	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
Não identifcado pelo livro	Carta	Não identificado pelo livro	169-170	Produção de texto	Masculino	Não identificada
Não identificado pelo livro	Notícia	A australiana Jade Ruthven respon deu publicando ainda mais imagens da filha, Addison, de 6 meses	171-172	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Lima Barreto	Romance(fragmento)	Triste fim de Policarpo Quaresma	18-21	Literatura	Masculino	Negra
Vinícius de Moraes	Poema	Pátria minha	185-186	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Dissertação	Olhares que buscam o Brasil	196-197	Produção de texto	Masculino	Branca
M.D. Barba	Artigo	A publicidade infantil deve ser proibida?	198-199	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
P.A. Idoeta	Artigo	A publicidade infantil deve ser proibida?	198-199	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
João Cabral de Melo Neto	Poema(fragmento)	o retirante aproxima-se de um dos cais do Capibaribe	204-205	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Dissertação	Não identificado pelo livro	214-215	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Clarice Lispector	Conto	Amor	222-225	Literatura	Feminino	Branca
João Guimarães Rosa	Romance(fragmento)	Sagarana	229-232	Literatura	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Romance(fragmento)	A hora de estrela	244-245	Por dentro do ENEM e do vestibular	Feminino	Branca
Milton Hatoum	Romance(fragmento)	Relato de um certo oriente	258-261	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Artigo	A arte de escrever	265-266	Língua e Linguagem	Masculino	Branca
José Saramago	Romance(fragmento)	Todos os nomes	284-286	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Carta de apresentação	Não identificado pelo livro	294-295	Produção de texto	Não identificado	Não identificada

Da Vinci	Carta de apresentação	Não identificado pelo livro	297-298	Produção de texto	Masculino	Branca
Ondjaki	Conto	Nós choramos pelo Cão Tinhoso	30-32	Produção de texto	Masculino	Negra
Não identificado pelo livro	Notícia	Mercado é cruel com o jovem	320-321	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Milton Hatoum	Romance(fragmento)	Relato de um certo oriente	324-325	Por dentro do ENEM e do vestibular	Masculino	Branca
Não identificado pelo livro	Artigo jornalístico	Cabeça nas nuvens	326-327	Por dentro do ENEM e do vestibular	Não identificado	Não identificada
Aracy Amaral	Artigo	Artes plásticas na semana de 22	45-46	Literatura	Feminino	Branca
Mário de Andrade	Romance(fragmento)	Macunaíma	66-68	Literatura	Masculino	Parda
Castro Alves	Poema	O laço de fita	73-74	Literatura	Masculino	Branca
Edgar Allan Poe	Conto(fragmento)	O retrato oval	82-84	Produção de texto	Masculino	Branca

APÊNDICE B - Planilha da Coleta de Dados do livro *Novas Palavras* (3 ed.) (AMARAL; PATROCÍNIO; LEITE; BARBOSA, 2016)

Nome do Autor/Autora	Tipo de obra	Título da obra	Pág. do livro	Sessão do livro	Gênero do autor/ autora	Cor do autor/ autora
Cruz e Souza	Poema	Antífona	11	Literatura	Masculino	Negra
Pierre Puvis de Chavannes	Pintura	O sonho	12	Literatura	Masculino	Branca
Agência Estado	Texto Jonalistico	A vida do poeta Cruz e Sousa pelos olhos do cineasta Sylvio Back.	13	Literatura	Não identificado	Não identificada
Arnold Böcklin	Pintura	A ilha dos mortos	14	Literatura	Masculino	Branca
Odilon Redon	Pintura	O sonho	15	Literatura	Masculino	Branca
Cruz e Sousa	Poema Prosa	Dor negra	17	Literatura	Masculino	Negra
Desconhecido	Pintura	Embarque de africanos em navio negreiro	17	Literatura	Masculino	Não identificada
Léon Bakst	Pintura	Prelúdio a tarde de um fauno	18	Literatura	Masculino	Branca
Valério Vieira	Pintura	Fachada do Theatro Municipal	20	Literatura	Masculino	Não identificada
Augusto dos Anjos	Poema	Versos íntimos	23	Literatura	Masculino	Branca
Belmonte	ilustração	Jeca Tatu	27	Literatura	Masculino	Branca
Monteiro Lobato	Conto (fragmento)	Urupês	27	Literatura	Masculino	Branca
Euclides da Cunha	Romance (fragmento)	Os Sertões	28	Literatura	Masculino	Branca
Flávio de Barros	Fotografia	Morador e casa do Arraial de Canudos	28	Literatura	Masculino	Não identificada
Lima Barreto	Romance (fragmento)	Triste Fim de Policarpo Quaresma	29	Literatura	Masculino	Negra
Eugênio de Castro	Poema	Antologia pessoal da poesia portuguesa	30	Literatura	Masculino	Branca
Cruz e Sousa	Poema	Cárcere das almas	31	Literatura	Masculino	Negra
Cruz e Sousa	Poema	Violões que choram	31	Literatura	Masculino	Negra
Augusto dos Anjos	Poema	Vandalismo	32	Literatura	Masculino	Branca
Lima Barreto	Romance (fragmento)	Triste Fim de Policarpo Quaresma	32	Literatura	Masculino	Negra
Lima Barreto	Romance (fragmento)	Recordações do Escri-vão Isaias Caminha	33	Literatura	Masculino	Negra
Mário de Andrade	Carta	Correspondência	35	Literatura	Masculino	Parda
F.T. Marinetti	Manifesto	Manifesto Futurista	37	Literatura	Masculino	Branca
Giacomo Balla	Pintura	Automóvel correndo	37	Literatura	Masculino	
Fernando Pessoa	Poema	Ode triunfal	38	Literatura	Masculino	Branca

Johannes Theodor Baargeld	Pintura	O rei vermelho	38	Literatura	Masculino	Branca
Ernst Combrich	Crítica Literária (fragmento)	A história da Arte	39	Literatura	Masculino	Branca
Gilberto Mendonça Teles	Crítica Literária (fragmento)	Cubismo Pictório	39	Literatura	Masculino	Branca
Gilberto Mendonça Teles	Crítica Literária (fragmento)	Cubismo Literário	39	Literatura	Masculino	Branca
Pablo Picasso	Pintura	Violino e uvas	39	Literatura	Masculino	Branca
Antônio Medina	Crítica Literária (fragmento)	Antologia da literatura brasileira	40	Literatura	Masculino	Branca
Marcel Duchamp	Escultura	A fonte	40	Literatura	Masculino	Branca
Tristan Tzara	Poema	Receita para fazer um poema Dadaísta	40	Literatura	Masculino	Branca
André Breton	Crítica Literária (fragmento)	Vanguarda Europeia e Modernismo brasileiro	41	Literatura	Masculino	Branca
Ernst Combrich	Crítica Literária (fragmento)	A história da Arte	41	Literatura	Masculino	Branca
Salvador Dalí	Pintura	Aparição de um rosto e de uma fruteira numa prata	41	Literatura	Masculino	Branca
Gilberto Mendonça Teles	Crítica Literária (fragmento)	Vanguarda Europeia e Modernismo brasileiro	42	Literatura	Masculino	Branca
Ismael Nery	Pintura	Casal	42	Literatura	Masculino	Branca
Murilo Mendes	Poema	Estudo nº 6	42	Literatura	Masculino	Branca
Honoré Daumier	Gravura	Tipos de franceses: o banqueiro	43	Literatura	Masculino	Branca
Mário de Andrade	Poema	Ode ao burguês	43	Literatura	Masculino	Pardo
Tarsila do Amaral	Pintura	São Paulo (Gazo)	47	Literatura	Feminino	Branca
J. Carlos	Caricatura	A decendencia de Job	49	Literatura	Masculino	Branca
Antonio Medina	Crítica Literária (fragmento)	Antologia da literatura brasileira	50	Literatura	Masculino	Branca
Antonio Medina	Crítica Literária (fragmento)	Antologia da literatura brasileira	50	Literatura	Masculino	Branca
Antonio Medina	Crítica Literária (fragmento)	Antologia da literatura brasileira	51	Literatura	Masculino	Branca
Mário da Silva Brito	Crítica Literária (fragmento)	A revolução modernista no Brasil	51	Literatura	Masculino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Abaporu	52	Literatura	Feminino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Antropofagia	52	Literatura	Feminino	Branca
Rafael Cardoso	Crítica Literária (fragmento)	A arte brasileira em 25 quadros (1790-1930)	53	Literatura	Masculino	Branca

Theodore de Bry	Gravura	Cena de canibalismo	53	Literatura	Masculino	Branca
Anita Malfatti	Pintura	O homem Amarelo	54	Literatura	Feminino	Branca
Ferreira Gular/Ivan Claúdio	Entrevista	A arte contemporânea segundo Ferreira Gular	54	Literatura	Masculino	Branca
Monteiro Lobato	Crítica Jornalística (fragmento)	Paranóia ou Mistificação?	54	Literatura	Masculino	Branca
Anitta Malfatti	Pintura	O torso	55	Literatura	Feminino	Branca
Cassiano Ricardo	Poema	Relâmpago	55	Literatura	Masculino	Branca
Claude Monet	Pintura	Mulher com sombrinha	56	Literatura	Masculino	Branca
Mário de Andrade	Crítica Literária (fragmento)	Antologia da literatura brasileira	56	Literatura	Masculino	Parda
Oswald de Andrade	Poema	Civilização pernambucana	57	Literatura	Masculino	Branca
Pablo Picasso	Pintura	Les demoiselles d'Avignon	57	Literatura	Masculino	Branca
Antonio Carlos de Brito	Poema	Há uma gota de sangue no cartão-postal	58	Literatura	Masculino	Branca
Oswald de Andrade	Poema	Brasil	58	Literatura	Masculino	Branca
Orlando L. Fassoni	Resenha (fragmento)	Macunaíma	60	Literatura	Masculino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Pau-brasil	61	Literatura	Feminino	Branca
Mário de Andrade	Carta (fragmento)	Cartas a Manuel Bandeira	64	Literatura	Masculino	Parda
Mário de Andrade	Prefácio (fragmento)	Prefácio Interessantísimo	65	Literatura	Masculino	Parda
Oswald de Andrade	Manifesto (fragmento)	Manifesto da Poesia Pau--Brasil	65	Literatura	Masculino	Branca
Lúcia Helena	Crítica Literária (fragmento)	Modernismo brasileiro e vanguarda	66	Literatura	Feminino	Branca
Lúcia Helena	Crítica Literária (fragmento)	Modernismo brasileiro e vanguarda	67	Literatura	Feminino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Estudo para Antropofagia	67	Literatura	Feminino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Retrato de Mário de Andrade	68	Literatura	Feminino	Branca
José de Alencar	Romance (fragmento)	Iracema	69	Literatura	Masculino	Branca
Antônio Candido	Crítica Literária (fragmento)	Literatura e sociedade	70	Literatura	Masculino	Branca
David Corrêa	Samba-enredo	Macunaíma, herói de nossa gente	70	Literatura	Masculino	Parda
Tarsila do Amaral	Pintura	Memórias sentimentais de João Miramar	71	Literatura	Feminino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Retrato de Oswald de Andrade	71	Literatura	Feminino	Branca

Mário de Andrade	Romance (fragmento)	Macunaíma: o herói sem nenhum caráter	72	Literatura	Masculino	Parda
Silvio Castro	Carta	A carta de Pero Vaz de Caminha	72	Literatura	Masculino	Branca
Manuel Bandeira	Poema (fragmento)	Poética	73	Literatura	Masculino	Branca
Davi Arrigucci Júnior	Crítica Literária (fragmento)	Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira	74	Literatura	Masculino	Branca
Manuel Bandeira	Poema	Irene no céu	75	Literatura	Masculino	Branca
Mário de Andrade	Poema	O trovador	75	Literatura	Masculino	Branca
Cícero Dias	Pintura	Entropia XI	77	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Ascher	Texto jornalístico	O fim da poesia?	77	Literatura	Masculino	Branca
Tomás Gonzaga	Poema (fragmento)	Não identificado no livro	82	Literatura	Masculino	Branca
Vinicius de Moraes	Poema (fragmento)	Poema dos olhos da Amada	83	Literatura	Masculino	Branca
Luis de Camões	Poema (fragmento)	Cantiga	84	Literatura	Masculino	Branca
Cecília Meireles	Poema (fragmento)	Reivenção	85	Literatura	Feminino	Branca
Alberto Veiga Guinard	Pintura	Retrato de Murilo Mendes	85	Literatura	Masculino	Branca
Murilo Mendes	Poema	Pré-História	86	Literatura	Masculino	Branca
Jorge de Lima	Poema	Anunciação e encontro de Mira-Celi	87	Literatura	Masculino	Parda
Carlos Drummond de Andrade	Poema	Política literária	89	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema (fragmento)	Nosso tempo	90	Literatura	Masculino	Branca
Alfredo Bosi	Crítica Literária (fragmento)	História concisa da literatura brasileira	91	Literatura	Masculino	Branca
Mário Carvalho	Entrevista (fragmento)	Entrevista com Mário Carvalho	91	Literatura	Masculino	Não identificada
Carlos Drummond de Andrade	Poema	Tristeza do Império	92	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema	Morro da Babilônia	92	Literatura	Masculino	Branca
Leon Hirszman/ Paulo Emílio	Entrevista (fragmento)	Leon Hirszman 03	95	Literatura	Masculino	Branca
Teodoro Sampaio	Desenho	Tipo de canoeiro	96	Literatura	Masculino	Negra
Teodoro Sampaio	Desenho	Remador	96	Literatura	Masculino	Negra

Teodoro Sampaio	Desenho	Tipo de índio domesticado	96	Literatura	Masculino	Negra
Teodoro Sampaio	Desenho	Sertanejo encourado	96	Literatura	Masculino	Negra
Teodoro Sampaio	Desenho	Filha de retirante nas margens do Rio S. Francisco	96	Literatura	Masculino	Negra
Teodoro Sampaio	Diário de viagem	O Rio São Francisco e a Chapada	97	Literatura	Masculino	Negra
Cícero Dias	Pintura	Ilustração para Casa Branca e Senzala	98	Literatura	Masculino	Branca
Graciliano Ramos	Romance (fragmento)	Vidas Secas	101	Literatura	Masculino	Branca
Antônio Candido	Artigo de Opinião (fragmento)	Ficção e confição	102	Literatura	Masculino	Branca
Graciliano Ramos	Romance (fragmento)	São Bernardo	103	Literatura	Masculino	Branca
Graciliano Ramos	Romance (fragmento)	Vidas Secas	106	Literatura	Masculino	Branca
José Lins do Rego	Romance (fragmento)	Menino de Engenho	106	Literatura	Masculino	Branca
Dalton Trevisan	Conto (fragmento)	35 noites de paixão	107	Literatura	Masculino	Branca
Jorge Amado	Romance (fragmento)	Capitães da Areia	107	Literatura	Masculino	Branca
Geraldo Alencar	Texto teatral (fragmento)	O homem provisório	109	Literatura	Masculino	Branca
Poty Lazzarotto	ilustração	Corpo de baile	112	Literatura	Masculino	Branca
Poty Lazzarotto	ilustração	Grande sertão: veredas	113	Literatura	Masculino	Branca
Benedito Nunes	Crítica Literária (fragmento)	O dorso do tigre	115	Literatura	Masculino	Negra
Clarice Lispector	Romance (fragmento)	A hora da estrela	116	Literatura	Feminino	Branca
Luciana Stegagno Picchio	Crítica Literária (fragmento)	Remate de Males	117	Literatura	Feminino	Branca
Edna Besechi	Crítica Literária (fragmento)	Literatura para Fuvest 2000	117	Literatura	Feminino	Branca
Edna Besechi	Crítica Literária (fragmento)	Literatura para Fuvest 2000	117	Literatura	Feminino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Poema	Morte e vida severina	118	Literatura	Masculino	Branca
Antônio Houaiss	Crítica Literária (fragmento)	Drummond mais seis poetas e um pro blema	119	Literatura	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Romance (fragmento)	A paixão segundo G.H.	120	Literatura	Feminino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Romance (fragmento)	A educação pela pedra e depois	120	Literatura	Masculino	Branca

Clarice Lispector	Romance (fragmento)	A hora da estrela	121	Literatura	Feminino	Branca
Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)	Poema	Lisbon revisited	126	Literatura	Masculino	Branca
Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)	Poema (fragmento)	O guardador de Rebanhos	127	Literatura	Masculino	Branca
Paul Gauguin	Pintura	Natureza-morta para o amigo Jacob	127	Literatura	Masculino	Branca
Ricardo Reis (Fernando Pessoa)	Poema (fragmento)	Não identificado no livro	127	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema (fragmento)	Mar portuguez	128	Literatura	Masculino	Branca
Luís de Camões	Poema (fragmento)	Os lusíadas	130	Literatura	Masculino	Branca
Samir Yazbek	Texto teatral (fragmento)	O fingidor	131	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema (fragmento)	Autopsicografia	133	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema (fragmento)	Isto	133	Literatura	Masculino	Branca
João Guimarães Rosa	Entrevista (fragmento)	Um diálogo de Günter Lorenz com Guimarães Rosa	137	Literatura	Masculino	Branca
The world bank	Gráfico	População dos países em que o portu guês é o idioma oficial	138	Literatura	Não identificado	Não identificada
Lincoln Secco	Crítica Literária (fragmento)	A Revolução dos Cravos	139	Literatura	Masculino	Parda
José Luandino Vieira	Conto (fragmento)	A fronteira de asflato	141	Literatura	Masculino	Branca
José Luandino Vieira	Entrevista (fragmento)	Trecho da entrevista concedida a Michel Laban em 1977	142	Literatura	Masculino	Branca
Rita Chaves	Crítica Literária (fragmento)	Via Atlântica	146	Literatura	Feminino	Negra
ACNUR (Alto Comissa riado das Nações Uni das para refugiados	Notícia	Mulheres refugiadas que se deslocam pela europa estão correndo riscos, afirma ONU	148	Literatura	Não identificado	Não identificada
Pepetela	Romance (fragmento)	O planalto e a estepe	149	Literatura	Masculino	Branca
Manuel Bandeira	Poema (fragmento)	Vou-me embora pra Pasárgada	150	Literatura	Masculino	Branca
Ondjaki	Romance (fragmento)	Bom dia, camaradas	150	Literatura	Masculino	Negra
Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes da Silva)	Poema (fragmento)	Itinarários de Pasárgada	150	Literatura	Masculino	Parda

Mia Couto	Ensaio (fragmento)	E se Obama fosse africano?	151	Literatura	Masculino	Branca
Ferreira Gullar	Poema	Não identificado no livro	157	Literatura	Masculino	Branca
Ferreira Gullar	Poema	Não há vagas	157	Literatura	Masculino	Branca
Ferreira Gullar	Ensaio (fragmento)	Vanguarda e subdesenvolvimento	158	Literatura	Masculino	Branca
Donizete Galvão	Poema	Mundo mudo	160	Literatura	Masculino	Branca
Hieronymus Bosch	Pintura	A criação do mundo	160	Literatura	Masculino	Branca
Nelson Ascher	Poema	Nação de pária (semiplagiado de Duda Machado a quem o dedico	160	Literatura	Masculino	Branca
Tânia Pelegrini	Crítica Literária (fragmento)	Estudos de Literatura Brasileira Contem porânea	162	Literatura	Feminino	Branca
Marcelino Freire	Conto	Socorrinho	164	Literatura	Masculino	Branca
Leila Perrone-Moisés	Ensaio (fragmento)	A literatura exigente: os livros que não dão moleza ao leitor	166	Literatura	Feminino	Branca
Affonso Àvila	Poema	Casa dos contos	171	Literatura	Masculino	Não identifica da
Fernando Bonasi	Conto (fragmento)	15 cenas do descobrimento de Brasis	171	Literatura	Masculino	Branca
Haroldo de Campos	Poema	Não identificado no livro	172	Literatura	Masculino	Branca
Manoel de Barros	Poema	O homem de lata	173	Literatura	Masculino	Branca
Paulo Leminski	Poema	Não identificado no livro	173	Literatura	Masculino	Branca
Cacaso	Poema	Logia e mitologia	174	Literatura	Masculino	Branca
Chris Hogar Browne	Tirinha	Hagar e Helga	185	Gramática	Masculino	Branca
Paulo Freire	Entrevista (fragmento)	Não se pode ser sem rebeldia	186	Gramática	Masculino	Branca
Scott Adams	Tirinha	Dilbert	188	Gramática	Masculino	Branca
Ferreira Gullar	Poema	O açucar	190	Gramática	Masculino	Branca
Salvador Dalí	Pintura	Criança geopolítica observa o nascimento do homem novo	191	Gramática	Masculino	Branca
Veja	Artigo jornalístico (frag mento)	Patrulha de cinzeiros	193	Gramática	Não identificado	Não identifica da
Revista Foco	Texto jornalístico (frag mento)	Base aérea de Anápolis	196	Gramática	Não identificado	Não identifica da
André Stella Isabel Figueiredo	Artigo científico (frag mento)	Não identificado no livro	197	Gramática	Masculino Feminino	Branca
Veja	Artigo jornalístico (frag mento)	Não identificado no livro	197	Gramática	Não identificado	Não identifica da

Detran	Outdoor	Não identificado no livro	200	Gramática	Não identificado	Não identificada
Chris Hogar Browne	Tirinha	Hamlet	203	Gramática	Masculino	Branca
Jim Davis	Tirinha	Garfield	204	Gramática	Masculino	Branca
Gilberto Dimenstein	Artigo científico (fragmento)	Aprendiz do futuro	206	Gramática	Masculino	Branca
Dick Brownie	Tirinha	Hagar	207	Gramática	Masculino	Branca
Angeli	Cartum	Curto e grosso	212	Gramática	Masculino	Branca
Max Nunes	Texto humorístico	Relatividade	217	Gramática	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Conto (fragmento)	Felicidade Clandestina	218	Gramática	Feminino	Branca
Irandé Antunes	Crítica Literária (fragmento)	Lutar com palavras	218	Gramática	Feminino	Branca
Esopo	Fábula	Não identificado no livro	218	Gramática	Masculino	Branca
Marco Antônio Brandão Simurro	Artigo de Opinião (fragmento)	Ser gentil é ser saudável	219	Gramática	Masculino	Não identificada
Rodolfo Ilari Renato Basso	Artigo científico (fragmento)	O português da gente	219	Gramática	Masculino	Branca
Folha de S.Paulo	Notícia	Raio atinge a mata adolescente em praia do Guarujá	221	Gramática	Não identificado	Não identificada
Lia Mittarakis	Pintura	Rio de Janeiro	224	Gramática	Feminino	Branca
Cecília Meireles	Poema (fragmento)	Sorriso	231	Gramática	Feminino	Branca
João Guimarães Rosa	Romance (fragmento)	Sagarana	231	Gramática	Masculino	Branca
Não identificado	Cartaz	Mostra Menas - Museu da Língua Portuguesa	231	Gramática	Não identificado	Não identificada
Não identificado (G1)	Notícia	FMI precÊ volta ao crescimento	232	Gramática	Não identificado	Não identificada
Rubem Braga	Crônica (fragmento)	Meio-dia e meia	233	Gramática	Masculino	Branca
Mário Perini	Artigo de científico (fragmento)	Gramática do português brasileiro	235	Gramática	Masculino	Branca
Jean Galvão	Tirinha	Não identificado no livro	240	Gramática	Masculino	Branca
Eduardo Kobra	Pintura (mural)	Oscar Niemeyer	241	Gramática	Masculino	Branca
Greice Rodrigues	Artigo de revista(fragmento)	Por que ele não vai ao médico	243	Gramática	Feminino	Não identificada
Chris Browne	Tirinha	Hagar	244	Gramática	Masculino	Branca
Millôr Fernandes	Cartum	Branca de neve vinte anos depois	244	Gramática	Masculino	Branca

Não identificado (Terra)	Notícia	Santos tem boas chances	244	Gramática	Não identificado	Não identificada
Carlos Drummond de Andrade	Poema (fragmento)	Não identificado no livro	247	Gramática	Masculino	Branca
Salvador Dalí	Pintura	A persistência da memória	250	Gramática	Masculino	Branca
Bill Rechin Don Wilder	Tirinha	A Legião	251	Gramática	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema(fragmento)	No meio do caminho	252	Gramática	Masculino	Branca
Jorge Amado	Romance (fragmento)	Capitães da Areia	255	Gramática	Masculino	Branca
Não identificado (Infomoney)	Notícia	Analistas fazem suas apostas	255	Gramática	Não identificado	Não identificada
Não identificado (Terra)	Notícia	Fla dará homanagem à torcida nordestina	256	Gramática	Masculino	Branca
Fábio de Castro	Notícia	Com telescópio Kepler, Nasa descobre planeta parecido com a Terra	259	Gramática	Masculino	Branca
João Montanaro	Tirinha	Gases	271	Gramática	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Crônica (fragmento)	Sermão da planície (para não ser escutado)	272	Gramática	Masculino	Branca
Não identificado(Escala Educacional)	Artigo científico (fragmento)	O fenômeno da crase	274	Gramática	Não identificado	Não identificada
Alice Ruiz	Poema	Drumundana	277	Gramática	Feminino	Branca
Joaquim Osorio Duque Estrada	Hino(fragmento)	Hino Nacional Brasileiro	277	Gramática	Masculino	Branca
Não identificado(Revista Língua)	Artigo científico (fragmento)	Quando a crase muda o sentido	277	Gramática	Masculino	Branca
Laerte	Tirinha	Não identificado no livro	279	Gramática	Feminino	Branca
Arnaldo Jabor	Artigo	O plebiscito	279	Gramática	Masculino	Branca
Sírio Possenti	Artigo científico (fragmento)	Preferir "x a y" ou preferir "x do que y"?	279	Gramática	Masculino	Branca
Não identificado (UOL)	Notícia	Sabia que Neymar prefere assistir a filmes a ver futebol?	280	Gramática	Não identificado	Não identificada
Luis Fernando Veríssimo	Tirinha	As cobras e a nova geração	282	Gramática	Masculino	Branca
Mário Perini	Crítica Literária (fragmento)	A língua do Brasil amanhã e outros mistérios	285	Gramática	Masculino	Branca
Paulo Bearzoti Filho	Texto informativo	Sintaxe da colocação	286	Gramática	Masculino	Branca
Chris Browne	Tirinha	Hagar	288	Gramática	Masculino	Branca

Álvares de Azevedo	Conto(fragmento)	Noite na taverna	289	Gramática	Masculino	Branca
Zilda Laura Ramalho Paiva Maria Helena Ançã	Artigo científico (fragmento)	"Amo-te" x "te amo"	290	Gramática	Feminino	Não identificada
Não identificado (Folha de S. Paulo)	Entrevista	Condição suprema	290	Gramática	Não identificado	Não identificada
Oswald de Andrade	Manifesto (fragmento)	Manifesto da Poesia Pau--Brasil	291	Gramática	Masculino	Branca
Casimiro de Abreu	Poema(fragmento)	Queixumes	292	Gramática	Masculino	Branca
Manuel Bandeira	Crônica (fragmento)	Andorinha, andorinha	292	Gramática	Masculino	Branca
Manuel Bandeira	Poema(fragmento)	Evocação do Recife	292	Gramática	Masculino	Branca
Carl Sagan	Artigo de Opinião (fragmento)	Não identificado no livro	295	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Ministério da Educação Brasil	Guia(fragmento)	A redação no Enem 2013: guia do participante	295	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Pablo Picasso	Pintura	Guernica	295	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Ricardo Bolanume Neto	Artigo	Cerca de 200 milhões usam drogas no mundo	296	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Clóvis de Barros Filho	Crônica	Direito e cidadania	297	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Karl R. Popper	Crônica	A lógica da pesquisa científica	297	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Louis Hjelmslev	Artigo científico (fragmento)	Prolegômenos a uma teoria da linguagem	298	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Pascal Ide	Artigo(fragmento)	A arte de pensar	298	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Meire Kusumoto	Crítica Literária (fragmento)	De Machado de Assis a Shakespeare: quando a adaptação diminui as obras clássicas	300	Leitura e Produção de textos	Feminino	Amarela
Marcuse Herbert	Artigo	A dimensão estética	300	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Syd Field	Manual (fragmento)	Escrevendo o roteiro	301	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca

Paula Sibilia	Artigo(fragmento)	Os corpos descarnados das passarelas	303	Leitura e Produção de textos	Feminino	Branca
Jean-Yves Leloup	Artigo	Amar...apesar de tudo	307	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Ministério da Educação Brasil	Guia(fragmento)	A redação no Enem 2013: guia do participante	307	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Ítalo Calvino	Artigo científico (fragmento)	Seis propostas para o próximo milênio	308	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Reinaldo José Lopes	Notícia(fragmento)	Ratos demonstram capacidade de empatia	308	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Bill Watterson	Tirinha	Calvin & Hobbes	309	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Bill Watterson	Tirinha	Calvin & Hobbes	309	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Liniers	Tirinha	Não identificado no livro	309	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Xuan Thuan Trinh	Entrevista	O agrimensor do cosmo: entrevistas a Edmond Blattchen	310	Leitura e Produção de textos	Masculino	Amarela
Caulos	Tirinha	Não identificado no livro	312	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Jaime Pinsky	Artigo científico (fragmento)	História da America através de textos	313	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Texto informativo(fragmento)	O planeta é um problema pessoal	313	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
R. K. Ourinhos	Carta	Carta enviada à seção Correio da revista Galileu	313	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Não identificado no livro	Guia(fragmento)	Guia da língua 2010: modelos e técnicas da Língua Portuguesa	315	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Ministério da Educação Brasil	Manual (fragmento)	A redação no Enem 2013: guia do participante	320	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Liniers	Tirinha	Não identificada no livro	321	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Liniers	Tirinha	Não identificada no livro	321	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca

Não identificado no livro	Texto informativo(fragmento)	O que é trabalho escravo	323	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Não identificado no livro	Artigo(fragmento)	O futuro do trabalho	323	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Antônio Flávio Pierucci	Artigo	Não identificado no livro	324	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Othon Garcia	Artigo científico (fragmento)	Comunicação em prosa moderna	324	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Bruno Giordano apud Rodolfo Mondolfo	Artigo científico (fragmento)	Figuras e ideias da filosofia da Renascença	330	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Luís Guilherme Barrucho	Artigo de opinião (fragmento)	A mão ativa o cérebro	331	Leitura e Produção de textos	Masculino	Não identificada
Não identificado	Artigo jornalístico	A cor do Brasil	333	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Domenico de Masi	Entrevista	Globalizar é um instinto humano	334	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Não identificado	Editorial de revista	Todos os nomes	335	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada
Bia Abramo	Artigo de opinião (fragmento)	Pérolas, porcos e patetas	336	Leitura e Produção de textos	Feminino	Branca
Othon Garcia	Artigo científico (fragmento)	Comunicação em prosa moderna	336	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
J. Mattoso Câmara Jr.	Artigo científico (fragmento)	Manual de expressão oral e escrita	338	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Mario Quintana	Poema	Noturno III	338	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Francisco Di Biase	Artigo científico (fragmento)	O nascimento de minha cosmovisão holística	340	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Nancy M. Unger	Artigo científico (fragmento)	O encantamento do humano	342	Leitura e Produção de textos	Feminino	Branca
Luiz Fernando de Carvalho	Entrevista	Esperança Convicta	342	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Street Art Workers	Pôster	Blah, blah, blah...	342	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identificada

Nicolau Sevcenko	Artigo científico (frag mento)	A saúde da mente	343	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Rafael	Pintura	Filosofia	343	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Revista Amazônia	Artigo de revista(fragment o)	Efeito estufa e falta de água	343	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identifica da
Antônio C. Thame	Artigo de revista(fragment o)	Pelo uso sustentável da água	344	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Daniel Piza	Artigo de revista(fragment o)	Atropelando o humanismo	344	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Roberto Damatta	Notícia	Shakespeare no Brasil	344	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Revista do Idec	Artigo de revista(fragment o)	Sustentabilidade é	345	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identifica da
Washington Novaes	Notícia	As "coisas indescritíveis" do mundo do consumo	345	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Talita Bedinelli	Notícia(fragment o)	Escolam onitorma o que o aluno faz em rede social	346	Leitura e Produção de textos	Feminino	Branca
Fabiana Rewald	Notícia(fragment o)	Escolam onitorma o que o aluno faz em rede social	346	Leitura e Produção de textos	Feminino	Branca
Conselho nacional de Jus tiça	Gráfico	O impacto em números	349	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identifica da
J. J. Walselfisz	Mapa	Mapa da violência	349	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identifica da
Secretaria de Políticas para as mulheres, Brasil	Gráfico	Tipo de violência relatada	349	Leitura e Produção de textos	Não identificado	Não identifica da
José Lins do Rego	Romance (fragmento)	Fogo Morto	105-106	Literatura	Masculino	Branca
João Guimarães Rosa	Romance (fragmento)	Grande sertão: veredas	113-114	Literatura	Masculino	Branca
João Guimarães Rosa	Romance (fragmento)	Grande sertão: veredas	120-121	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Carta (fragmento)	Escritos íntimos, cartas e páginas aurobiográficas	123-124	Literatura	Masculino	Branca
Mia Couto	Romance (fragmento)	Terra sonâmbula	135-136	Literatura	Masculino	Branca

José Luandino Vieira	Conto (fragmento)	A fronteira de asflato	139-140	Literatura	Masculino	Branca
Paulina Chiziane	Ensaio	Eu, mulher	143-144	Literatura	Feminino	Negra
José Eduardo Agualusa	Artigo jornalístico	Quando a literatura é imprescindível	146-147	Literatura	Masculino	Branca
Nelson de Oliveira	Conto (fragmento)	Contistas do fim do mundo	153-154	Literatura	Masculino	Branca
Ariano Suassuna	Auto (fragmento)	Auto da Compadecida	168-170	Literatura	Masculino	Branca
João do Rio	Prosa	Como imagino o municipal amanhã	19-20	Literatura	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Crônica	Escrever	300-301	Leitura e Produção de textos	Feminino	Branca
Paulo Adario	Depoimento	Paulo Adario - coordenador da Campanha da Amazônia do Greenpeace	312-313	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Luiz Eduardo Soares	Ensaio	A esperança como dever	317-318	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Celso Athayde	Ensaio	A esperança como dever	317-318	Leitura e Produção de textos	Masculino	Negra
MV Bill	Ensaio	A esperança como dever	317-318	Leitura e Produção de textos	Masculino	Negra
Rubem Alves	Carta	Carta a um adolescente	327-328	Leitura e Produção de textos	Masculino	Branca
Satyarthi Kailash	Depoimento	Super-heroi indiano	345/346	Leitura e Produção de textos	Masculino	Indiano*
Maria Adelaide Amaral	Texto teatral (fragmento)	Tarsila	45-47	Literatura	Feminino	Branca
José Geraldo Couto	Texto jornalístico (frag mento)	Joaquim Pedro de Andrade reiventa Oswald	60-61	Literatura	Masculino	Branca
Mário de Andrade	Romance (fragmento)	Macunaíma	68-69	Literatura	Masculino	Parda
Carlos Drummond de Andrade	Poema	Poema de sete faces	80-81	Literatura	Masculino	Branca
José Lins do Rego	Romance (fragmento)	Fogo Morto	99-100	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema	Mundo Grande	82	Literatura	Masculino	Branca

APÊNDICE C - Planilha da Coleta de Dados do livro *Se liga na língua* (1 ed.) (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2016).

Nome do autor/ autora	Tipo de obra	Título da obra	Pág. do livro	Sessão do livro	Gênero do autor/ autora	Cor do autor/ autora
Fabian Florin	Grafite	Não identificado pelo livro	13	Literatura	Masculino	Amarela
Nelson Leirner	Pintura	Quadro a quadro: cem Monas	15	Literatura	Masculino	Branca
Vik Muniz	Pintura	Medusa marinada	16	Literatura	Masculino	Branca
Michelangelo Caravaggio	Pintura	Merisi da Medusa	17	Literatura	Masculino	Branca
Giacomo Balla	Pintura	Voo das andorinhas	19	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Marinetti	20	Literatura	Masculino	Branca
Filippo Tomaso Marinetti	Manifesto	Manifesto do Futurismo	20	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Escultura	A vitória de Samotrácia	20	Literatura	Não identificado	Não identificada
Raoul Hausmann	Cartaz-poema	Não identificado pelo livro	21	Literatura	Masculino	Branca
Anita Malfatti	Pintura	A boba	22	Literatura	Feminino	Branca
Macel Duchamp	Escultura	Fonte	22	Literatura	Masculino	Branca
Edvard Munch	Pintura	O grito	23	Literatura	Masculino	Branca
Pablo Picasso	Pintura	Guernica	23	Literatura	Masculino	Branca
Frida Khalo	Pintura	As duas Fridas	25	Literatura	Feminino	Latina*
Salvador Dalí	Pintura	Sono	25	Literatura	Masculino	Branca
Índio San	Ilustração	Fernando Pessoa	26	Literatura	Masculino	Branca
Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)	Poema	Ode triunfal	27	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	27	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema	O Quinto Império	29	Literatura	Masculino	Branca
Fernando Pessoa	Poema	Pobre velha música	30	Literatura	Masculino	Branca
Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)	Poema(fragmento)	O gruardador de rebanhos - IX	31	Literatura	Masculino	Branca
Ricardo Reis (Fernando Pessoa)	Poema(fragmento)	Não só quem nos odeia ou nos inveja	32	Literatura	Masculino	Branca
Álvaro de Campos (Fernando Pessoa)	Poema(fragmento)	Poema em linha reta	34	Literatura	Masculino	Branca
Marcelo Camelo	Música	O vencedor	34	Literatura	Masculino	Branca
Jorge Faruelo	Pintura	Batgirl chorando	34	Literatura	Masculino	Branca
José Paulo Paes	Poema	Falso diálogo entre Pessoa e Caeiro	35	Literatura	Masculino	Branca
Almada Negreiros	Pintura	Retrato de Fernando Pessoa	35	Literatura	Masculino	Branca

Gabriel Martins	Fotomontagem	Não identificado pelo livro	39	Literatura	Masculino	Não identificada
Yuri Pinheiro	Fotomontagem	Não identificado pelo livro	39	Literatura	Masculino	Não identificada
Paulo Cheida Sans	Gravura	O Planeta das Bananavatas	41	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Euclides da Cunha	42	Literatura	Masculino	Branca
Euclides da Cunha	Romance(fragmento)	Os Sertões	43	Literatura	Masculino	Branca
Euclides da Cunha	Romance(fragmento)	Os Sertões	43	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Lima Barreto	44	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Monteiro Lobato	47	Literatura	Masculino	Branca
Belmonte	Ilustração	Jeca Tatu	48	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Augusto dos Anjos	49	Literatura	Masculino	Branca
Augusto do Anjos	Poema	Versos íntimos	50	Literatura	Masculino	Branca
Augusto do Anjos	Poema	O morcego	50	Literatura	Masculino	Branca
Augusto do Anjos	Poema	Psicologia de um vencido	51	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	51	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	52	Literatura	Masculino	Branca
Marcelo Fromer	Música	O pulso	52	Literatura	Masculino	Branca
Tony Beloto	Música	O pulso	52	Literatura	Masculino	Branca
Arnaldo Antunes	Música	O pulso	52	Literatura	Masculino	Branca
Oswald de Andrade	Poema	Amor	54	Literatura	Masculino	Branca
Di Cavalcanti	Ilustração	Capa Semana de Arte Moderna	55	Literatura	Masculino	Branca
Lasar Segall	Pintura	Retrato de Mário de Andrade	56	Literatura	Masculino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	O batizado de Macunaíma	57	Literatura	Feminino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	58	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	59	Literatura	Masculino	Branca
Luís Fernando Pereira	Crítica Literária(fragmento)	Preguiçoso quem, cara pálida?	59	Literatura	Masculino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Oswald de Andrade	60	Literatura	Feminino	Branca
Tarsila do Amaral	Desenho	Não identificado pelo livro	61	Literatura	Feminino	Branca
Oswald de Andrade	Poema	os selvagens	61	Literatura	Masculino	Branca
Tarsila do Amaral	Pintura	Abaporu	62	Literatura	Feminino	Branca
Baptistão	Ilustração	Tarsila do Amaral	62	Literatura	Masculino	Branca
Oswald de Andrade	Poema	Erro de português	62	Literatura	Masculino	Branca

Galvão	Ilustração	Manuel Bandeira	63	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Xilogravura	Não identificado pelo livro	63	Literatura	Não identificado	Não identificada
Manuel Bandeira	Poema	Profundamente	64	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	64	Literatura	Masculino	Branca
Georges Seurat	Pintura	Tarde de domingo	65	Literatura	Masculino	Branca
Laurent Chéchère	Fotomontage m	O trailer	69	Literatura	Masculino	Não identificada
Baptistão	Ilustração	Graciliano Ramos	75	Literatura	Masculino	Branca
Michaelis dicionário	Definição	Não identificado pelo livro	80	Literatura	Não identificado	Não identificada
Graciliano Ramos	Carta(fragmen to)	Não identificado pelo livro	81	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Rachel de Queiroz	81	Literatura	Masculino	Branca
Rachel de Queiroz	Romance(frag mento)	João Miguel	83	Literatura	Feminino	Branca
Baptistão	Ilustração	Jorge Amado	85	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	86	Literatura	Masculino	Branca
Jorge Amado	Romance(frag mento)	Capitães da Areia	87	Literatura	Masculino	Branca
Jorge Amado	Romance(frag mento)	Capitães da Areia	88	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Érico Verissimo	89	Literatura	Masculino	Branca
Érico Verissimo	Diário	Do diário de Sílvia	91	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	91	Literatura	Masculino	Branca
Murilo Mendes	Poema	Meninos	93	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Murilo Mendes	93	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema(fragm ento)	No meio do caminho	95	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema(fragm ento)	Poema de sete faces	96	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Carlos Drummond de Andrade	96	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema(fragm ento)	Poema da necessidade	98	Literatura	Masculino	Branca
Carlos Drummond de Andrade	Poema	No exemplar de um velho livro	98	Literatura	Masculino	Branca
Vinicius de Moraes	Poema	A uma mulher	99	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Vinicius de Moraes	99	Literatura	Masculino	Branca
Vinicius de Moraes	Poema	Poética(I)	100	Literatura	Masculino	Branca
Vinicius de Moraes	Poema	A rosa de Hiroshima	102	Literatura	Masculino	Branca
Francisco Rodrigues (Nunca)	Grafite	Não identificado pelo livro	107	Literatura	Masculino	Branca

Gerard Malanga	Pintura	Che Guevara	108	Literatura	Masculino	Branca
Ana Cristina César	Poema	Tenho uma folha branca	109	Literatura	Feminino	Branca
Hélio Oiticica	Serigrafia	Seja marginal seja herói	110	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	João Cabral de Melo Neto	111	Literatura	Masculino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Poema	Catar Feijão	111	Literatura	Masculino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Poemal(fragmento)	O retirante explica ao leitor quem é e a que vai	113	Literatura	Masculino	Branca
Augusto de Campos	Poema	Psiu!	114	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Ferreira Gullar	115	Literatura	Masculino	Branca
Alberto Korda	Foto	Che Guevara	116	Literatura	Masculino	Branca
Jim Fitzpatrick	Imagem em alto contraste	Che Guevara	116	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Jean-Paul Sartre	117	Literatura	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Clarice Lispector	118	Literatura	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Romance(fragmento)	Uma aprendizagem ou o livro doa prazeres	119	Literatura	Feminino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	119	Literatura	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Romance(fragmento)	A paixão segundo G.H.	120	Literatura	Feminino	Branca
Baptistão	Ilustração	Guimarães Rosa	123	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	125	Literatura	Masculino	Branca
João Guimarães Rosa	Romance(fragmento)	Grande sertão: veredas	127	Literatura	Masculino	Branca
Augusto de Campos	Poema	Psiu!	128	Literatura	Masculino	Branca
Sérgio Rodrigues	Poema	Não identificado pelo livro	129	Literatura	Masculino	Branca
Fintan Magee	Grafite	Não identificado pelo livro	133	Literatura	Masculino	Branca
Cristina de Middel	Foto	Não identificado pelo livro	134	Literatura	Feminino	Branca
Martim Bernardes	Música	66	135	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	135	Literatura	Masculino	Branca
IBGE	Mapa	Atlas geográfico escolar	138	Literatura	Não identificado	Não identificada
IBGE	Mapa	Atlas geográfico escolar	140	Literatura	Não identificado	Não identificada
Baltazar Lopes da Silva	Conto(fragmento)	A seca	141	Literatura	Masculino	Parda
Baptistão	Ilustração	José Saramago	143	Literatura	Masculino	Branca

Adélia Prado	Poema	Impressionista	145	Literatura	Feminino	Branca
Milton Hatoum	Conto(fragmento)	A casa ilhada	146	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Pintura	Minotauro	147	Literatura	Masculino	Branca
Antonio Cicero	Poema	Minos	148	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	148	Literatura	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	150	Literatura	Masculino	Branca
Natalia Rak	Grafite	The Legend of Giants	159	Produção de texto	Feminino	Branca
Regina Silveira	Instalação	Abyssal	162	Produção de texto	Feminino	Branca
Valêncio Xavier	Romance-colagem	O mez da grippe	163	Produção de texto	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Valêncio Xavier	165	Produção de texto	Masculino	Branca
Baptistão	Ilustração	Fernando Bonassi	167	Produção de texto	Masculino	Branca
Fernando Bonassi	Conto	100 histórias colhidas na rua	168	Produção de texto	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	168	Produção de texto	Masculino	Branca
Jorge Furtado	Miniconto	Não identificado pelo livro	172	Produção de texto	Masculino	Branca
Miguel Sanches Neto	Miniconto	Adeus	172	Produção de texto	Masculino	Branca
Loui Jover	Desenho	Typerwriter	175	Produção de texto	Masculino	Branca
Ron Mueck	Escultura	Youth	184	Produção de texto	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	187	Produção de texto	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	188	Produção de texto	Masculino	Branca
Spon Holz	Charge	Não identificado pelo livro	196	Produção de texto	Masculino	Branca
Iotti	Charge	De onde sai essa gente	196	Produção de texto	Masculino	Branca
Vitor Gabriel Rodriguez	Artigo de Opinião (fragmento)	Transição para a maturidade	197	Produção de texto	Masculino	Não identificada
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	197	Produção de texto	Masculino	Branca
Wanja Borges	Artigo de Opinião (fragmento)	Os dois lados do trote universi-tário	197	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Imprensa RJ	Artigo de Opinião (fragmento)	Trote solidário do Hemorio supera meta e arrecada 651 bolsas de sangue	197	Produção de texto	Não identificado	Não identificada

Priscila Borges	Artigo de Opinião (fragmento)	Trote não combina com opressão	198	Produção de texto	Feminino	Não identificada
Eudes Quintino de Oliveira Junior	Artigo de Opinião (fragmento)	A respeito do trote universitário	198	Produção de texto	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	203	Produção de texto	Masculino	Branca
Isadora Rupp	Gráfico	O que o curitibano anda lendo?	204	Produção de texto	Feminino	Branca
Folha de São Paulo	Editorial	Populismo penal	205	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Não identificado no livro	Dissertação	Não identificado pelo livro	211	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Fuvest	Dissertação	Tudo à venda	218	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	219	Produção de texto	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Dissertação	Proposta de redação - Enem 2013	221	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Não identificado no livro	Cartaz	Não deixe a bebida mudar seu destino	222	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Não identificado no livro	Gráfico	Lei seca em números	222	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Não identificado no livro	Notícia	Repulsão magnética a beber e dirigir	222	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Galvão	Ilustração	Não identificado no livro	224	Produção de texto	Masculino	Branca
João Pedro Caleiro	Notícia	Automação ameaça 47% dos empregos nos EUA	227	Produção de texto	Masculino	Branca
Ronaldo Lemos	Notícia	Medo da inteligência artificial	228	Produção de texto	Masculino	Branca
Stephen Hawking	Artigo(fragmento)	Inteligência artificial pode acabar com a humanidade	228	Produção de texto	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Notícia	Ping-pong: homem vs maquina	228	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Hugo Araújo	Ilustração	Não identificado pelo livro	241	Produção de texto	Masculino	Parda
Hugo Araújo	Ilustração	Não identificado pelo livro	241	Produção de texto	Masculino	Parda
Luis Fernando Veríssimo	Tirinha	As cobras: antologia definitiva	242	Produção de texto	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	243	Produção de texto	Masculino	Branca
Waldyr Imbroisi	Artigo jornalístico	Orgulho de ser branco, homem, hétero?	243	Produção de texto	Masculino	Branca
Angeli	Charge	Dia da consciência negra	244	Produção de texto	Masculino	Branca

Não identificado no livro	Grafite	Grafitti House	253	Linguagem	Não identificado	Não identificada
André Dahmer	Tirinha	Quadrinho dos anos 10	257	Linguagem	Masculino	Branca
Son Salvador	Charge	Antes do coletivo...	259	Linguagem	Masculino	Branca
Revista Vila Cultural	Guia	Cinco dicas para ler em família	260	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Fernado Gonsales	Tirinha	Níquel Nausea	261	Linguagem	Masculino	Parda
Não identificado no livro	Cartaz	Não identificado pelo livro	261	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Orlando Pedroso	Cartum	Não identificado pelo livro	262	Linguagem	Masculino	Branca
René Magritte	Pintura	A queda	264	Linguagem	Masculino	Branca
Jim Davis	Tirinha	Garfield	265	Linguagem	Masculino	Branca
Fernando Gonsales	Tirinha	Níquel Nausea	266	Linguagem	Masculino	Parda
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	267	Linguagem	Masculino	Branca
Jean Galvão	Tirinha	Recreio	268	Linguagem	Masculino	Branca
Caco Galhardo	Tirinha	Daiquiri	269	Linguagem	Masculino	Branca
Bill Watterson	Tirinha	Calvin e Haroldo	270	Linguagem	Masculino	Branca
Unimed	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	270	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Will Leite	Tirinha	Anésia	271	Linguagem	Masculino	Branca
Carol Rosseti	Ilustração	Não identificado pelo livro	272	Linguagem	Feminino	Branca
Newton Foot	Tirinha	Conto de fadas	274	Linguagem	Masculino	Branca
Bárbara Ferreira	Notícia(fragmento)	Entusiastas do período medieval promovem torneio	275	Linguagem	Feminino	Não identificada
G1	Notícia	Ém 6 dias, chove um terço do esperado para fevereiro em SP	275	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Eucanaã Ferraz	Comentário	Não identificado pelo livro	276	Linguagem	Masculino	Branca
Machado de Assis	Romance(fragmento)	Memórias póstumas de Brás Cubas	277	Linguagem	Masculino	Negra
Fernand Léger	Pintura	Os trapezistas	279	Linguagem	Masculino	Branca
João Mathias	Reportagem(fragmento)	Bambu	280	Linguagem	Masculino	Não identificada
Fundação S.O.S Mata Atlântica	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	281	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Jean Galvão	Charge	Tudo será wireless	282	Linguagem	Masculino	Branca
Jim Davis	Tirinha	Garfield	283	Linguagem	Masculino	Branca
Revista Abril	Artigo de revista	A cobaia sou eu	284	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Lau Siqueira	Poema	Aos predadores da utopia	285	Linguagem	Masculino	Branca
Charles Schulz	Tirinha	Minduim	285	Linguagem	Masculino	Branca

Salvador Dalí	Pintura	A persistência da memória	286	Linguagem	Masculino	Branca
Ricardo Bonalume Neto	Reportagem(fragmento)	A influência de Sherlock Holmes na cultura pop e na TV	287	Linguagem	Masculino	Branca
Benet	Tirinha	Não identificado pelo livro	287	Linguagem	Masculino	Branca
Will Leite	Tirinha	Como dar um nó na cabeça de uma criança	289	Linguagem	Masculino	Branca
Amâncio	Charge	Não identificado pelo livro	290	Linguagem	Masculino	Parda
Caco Galhardo	Tirinha	Daiquiri	291	Linguagem	Masculino	Branca
Dik Brownie	Tirinha	Hagar	292	Linguagem	Masculino	Branca
Fernando Gonsales	Tirinha	Níquel Nausea	293	Linguagem	Masculino	Parda
Fundação S.O.S Mata Atlântica	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	293	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Jim Davis	Tirinha	Garfield	294	Linguagem	Masculino	Branca
Fundação S.O.S Mata Atlântica	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	294	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Clara Gomes	Tirinha	Bichinhos de jardim	295	Linguagem	Feminino	Branca
Luana Carvalho	Notícia(fragmento)	Moradora da Compensa, Marial Borel foi a primeira a chegar no beirro, no ano de 1968	296	Linguagem	Feminino	Não identificada
Greg Walker	Tirinha	Recruta zero	297	Linguagem	Masculino	Branca
Mort Walker	Tirinha	Recruta zero	297	Linguagem	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificada pelo livro	297	Linguagem	Masculino	Branca
Daian Andrade	Reportagem(fragmento)	Falta de moedas no mercado preocupa comerciantes em Macapá	297	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Filipe Oliveira	Reportagem(fragmento)	Empresários experientes "adotam" mais novos podem investir neles	298	Linguagem	Masculino	Não identificada
Antonio Cicero	Poema	Maresia	298	Linguagem	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	301	Linguagem	Não identificado	Não identificada
André Dahmer	Tirinha	Quadrinho dos anos 10	302	Linguagem	Masculino	Branca
Fernando Gonsales	Tirinha	Níquel Nausea	305	Linguagem	Masculino	Parda
Clara Gomes	Tirinha	Bichinhos de jardim	307	Linguagem	Feminino	Branca
Verve	Anúncio publicitário	Não identificada pelo livro	307	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Henfil	História em quadrinho (fragmento)	Graúna	308	Linguagem	Masculino	Branca
Juliana Machado Ferreira	Artigo de opinião (frag-	Tráfico de vida silvestre: grito igno-	309	Linguagem	Feminino	Parda

	mento)	rado				
Luíza Antunes	Reportagem(fragmento)	9 cidades que foram destruídas por incêndios	309	Linguagem	Feminino	Não identificada
Galvão	Ilustração	Não identificada pelo livro	309	Linguagem	Masculino	Branca
André Dahmer	Tirinha	Malvados	310	Linguagem	Masculino	Branca
Charles Schulz	Tirinha	Minduim	312	Linguagem	Masculino	Branca
Edison Veiga	Notícia(fragmento)	Descoberto túmulo de filha de d. Pedro I	313	Linguagem	Masculino	Branca
Opera mundi	Notícia(fragmento)	Lousas intactas datadas de 1917 são descobertas por engano em colégio nos Estados Unidos	313	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Não identificado no livro	Anúncio publicitário (fragmento)	Música	314	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	315	Linguagem	Masculino	Branca
Wilma Ramos	Opinião	Não identificado pelo livro	317	Linguagem	Feminino	Não identificada
Sérgio Nogueira	Opinião	Não identificado pelo livro	318	Linguagem	Masculino	Não identificada
Deonísio da Silva	Opinião	Não identificado pelo livro	318	Linguagem	Masculino	Não identificada
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	319	Linguagem	Masculino	Branca
Will Leite	Cartum	Não identificado pelo livro	323	Linguagem	Masculino	Branca
Duke	Charge	Não identificado pelo livro	324	Linguagem	Masculino	Parda
Clara Gomes	Tirinha	Bichinhos de jardim	328	Linguagem	Feminino	Branca
Bill Watterson	Tirinha	Calvin e Haroldo	328	Linguagem	Masculino	Branca
Mundo Estranho	Reportagem(fragmento)	Tá no nome	329	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Aaron Sherwood	Instalação	Firewall	332	Linguagem	Masculino	Branca
Mike Allison	Instalação	Firewall	332	Linguagem	Masculino	Branca
Fernando Gonsales	Tirinha	Níquel Nausea	333	Linguagem	Masculino	Parda
André Dahmer	Tirinha	Malvados	334	Linguagem	Masculino	Branca
Alexandre Beck	Tirinha	Armandinho	339	Linguagem	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	340	Linguagem	Masculino	Branca
Jairo Marques	Crônica(fragmento)	O dia da minha morte	340	Linguagem	Masculino	Branca
Fábio Moon	Tirinha	Quase nada	341	Linguagem	Masculino	Branca
Gabriel Bá	Tirinha	Quase nada	341	Linguagem	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	341	Linguagem	Não identificado	Não identificada

Fernando Gonsales	Tirinha	Níquel Nausea	342	Linguagem	Masculino	Parda
Bandeirantes	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	343	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Ferreira Gullar	Poema	Uma voz	345	Linguagem	Masculino	Branca
Secretaria especial dos direitos humanos	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	345	Linguagem	Não identificado	Não identificada
André Jorge de Oliveira	Artigo científico (fragmento)	Cientista, eu? Como cidadãos comuns também podem fazer ciência	346	Linguagem	Masculino	Não identificada
Marcelo Rubens Paiva	Romance(fragmento)	Ainda estou aqui	347	Linguagem	Masculino	Branca
Galvão	Ilustração	Não identificado pelo livro	347	Linguagem	Masculino	Branca
Orlando Pedroso	Ilustração	Não identificado pelo livro	348	Linguagem	Masculino	Branca
Banco do Nordeste	Anúncio publicitário	Não identificado pelo livro	353	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Laerte	Tirinha	Gato e gata	354	Linguagem	Feminino	Branca
Daniela Luciana	Artigo	A linhagem das Carolinas: a mulher negra que escreve já é uma transgressora	354	Linguagem	Feminino	Negra
Machado de Assis	Romance(fragmento)	Cap. XXVIII - Contanto que...	355	Linguagem	Masculino	Negra
Antonio Prata	Crônica(fragmento)	Uma freira de verdade	356	Linguagem	Masculino	Branca
Ferreira Gullar	Poema(fragmento)	Dentro da noite veloz	115-116	Literatura	Masculino	Branca
Clarice Lispector	Romance(fragmento)	A hora da estrela	121-122	Literatura	Feminino	Branca
João Guimarães Rosa	Conto	Fita verde no cabelo	125-126	Literatura	Masculino	Branca
João Cabral de Melo Neto	Poema	Tecendo a manhã	128-129	Literatura	Masculino	Branca
Luís Bernardo Honwana	Conto	As mãos dos pretos	138-139	Literatura	Masculino	Negra
José Saramago	Romance(fragmento)	Ensaio sobre a cegueira	143-144	Literatura	Masculino	
Marcelino Freire	Conto(fragmento)	Ponto.com.ponto	149-150	Literatura	Masculino	Branca
Bruno Giacobbo	Resenha crítica	Crítica de filme: "Hoje eu quero voltar sozinho"	177-178	Produção de texto	Masculino	Branca
André Felipe de Medeiros	Resenha crítica	O Terno - O Terno	180-181	Produção de texto	Masculino	Branca
Virgílio Viana	Artigo de Opinião	Água do rio Amazonas para o resto do Brasil	187-188	Produção de texto	Masculino	Branca

Tania Tait	Artigo de Opinião	As redes sociais digitais: necessidade ou vício?	191-192	Produção de texto	Feminino	Branca
Gazeta do povo	Editorial	Venha a nós o vosso livro	202-203	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
O Liberal	Editorial	Maioridade penal, vigilância e punição	205-207	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Uol	Dissertação	O volante, lobo do homem	223-224	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
TV Brasil	Debate(fragmento)	A representação do negro na televisão	232-234	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Último segundo	Debate(fragmento)	Debate sobre o horário eleitoral	237-239	Produção de texto	Não identificado	Não identificada
Gregório Duvivier	Crônica	Abraço caudaloso	315-316	Linguagem	Masculino	Branca
Canarinhos	Notícia(fragmento)	Música clássica no Brasil: o desafio da popularização	330-331	Linguagem	Não identificado	Não identificada
Lima Barreto	Romance(fragmento)	O triste fim de Policarpo Quaresma	46-47	Literatura	Masculino	Negra
Monteiro Lobato	Conto(fragmento)	Urupês	48-49	Literatura	Masculino	Branca
Mario de Andrade	Romance(fragmento)	Macunaíma	58-59	Literatura	Masculino	Parda
Ondjaki	Conto	Nós choramos pelo Cão Tinhoso	71-73	Literatura	Masculino	Negra
Graciliano Ramos	Romance(fragmento)	Baleia	77-79	Literatura	Masculino	Branca
Não identificado no livro	Cartaz	Morte e vida severina	112	Literatura	Não identificado	Não identificada